

Rural Med



Património rural construído do Baixo Guadiana
Patrimoine rural construit du Baixo Guadiana

Património rural construído do Baixo Guadiana

apoios



FONDO FEDERACIONE Y
RED DE CENTROS PARA
EL DESARROLLO RURAL
EN EL MEDIO RURAL



Património rural construído do Baixo Guadiana

Patrimoine rural construit du Baixo Guadiana

Rural Med

União Europeia

Interreg III B Medocc

Património rural construído do Baixo Guadiana

Patrimoine rural construit du Baixo Guadiana

Odiana

Associação para o desenvolvimento do Baixo Guadiana

Junta de Andalucia

Consejería de Agricultura y Pesca

Generalitat Valenciana

Conselleria de Agricultura, Pesca y Alimentación

Conseil Regional Provence - Alpes - Côte D'Azur

Regione Calabria

Ersat

Ente regionale di sviluppo e assistenza tecnica in agricoltura

Regione Sardegna

Società consortile Langhe Monferrato Roero

Regione Piemonte

Cread

Centre de Recherche en Économie Appliqué au Développement

Ministère de L'Enseignement Supérieur et de la Recherche Scientifique de

L' Algérie

Royaume du Maroc

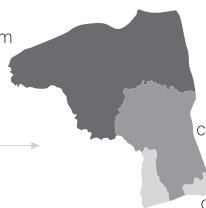
Ministère de l'Ágriculture, du Développement Rural

et des Eaux et Forêts

Território Rural Med
e localização do Baixo Guadiana



concelho de Alcoutim



concelho de Castro Marim

concelho de Vila Real de Santo António

Algarve



Prefácio

O livro do Património Rural Construído do Baixo Guadiana é um livro de todos e para todos. Os municípios de Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António, orgulham-se daqueles que agora são os protagonistas de uma obra única no território, na região e quiçá no país. Uma obra contada na primeira pessoa e narrada por técnicos qualificados, que traduzem palavras em desenho e fotografia.

É sublime poder explicar aos mais jovens e aos que por cá passam o que são as “casas”, ramadas e palheiros, fornos, sobrados e beirados, com o lirismo próprio dos habitantes dos montes seleccionados pelas suas características e pela sua autenticidade.

É um prémio aos resistentes que viram os seus familiares partirem, em busca de melhores condições de vida, abandonando o campo, principal fonte de rendimento e subsistência dos seus antepassados.

Temos orgulho neste território e dos elementos patrimoniais que ele encerra, capazes de nos identificar e distinguir.

A Direcção

Dr. José Fernandes Estevens
Eng. António Farinha Murta
Dr. Francisco Caimoto Amaral

Préface

La philosophie de ce livre du patrimoine rural construit, de notre terre du Baixo Guadiana, est d'être un livre de tout le monde destiné à tout le monde. Les municipalités d'Alcoutim, Castro Marim et Vila Real de Santo António s'enorgueillissent de tous ceux qui furent les protagonistes d'un travail unique sur notre territoire, dans notre région et sans doute dans notre pays. Une œuvre contée à la première personne et narrée par des hommes de l'art qui surent traduire les paroles en dessins et en photographies.

C'est merveilleux de pouvoir expliquer aux plus jeunes et à ceux qui poussent par là leur chemin ce que sont les "maisons", les treilles et les greniers à foin (granges), les fours, les planchers et les gouttières, avec l'effusion lyrique propre aux habitants de nos villages, sélectionnés pour leurs caractéristiques et leur authenticité.

C'est une récompense pour ces "résistants" qui virent leurs proches partir, en quête de meilleures conditions de vie, abandonnant la vie des champs, principale source de revenu et de subsistance de leurs ancêtres.

Nous sommes fiers, orgueilleux même, de notre terre et des richesses patrimoniales qu'elle recèle, capables de nous identifier et de nous distinguer.

La direction de l'association

M. José Fernandes Estevens
M. António Farinha Murta
M. Francisco Caimoto Amaral

Le patrimoine rural méditerranéen renferme un ensemble de manifestations passées et présentes d'une richesse spécifique et d'une diversité de significations. Dans le cadre d'un vaste partenariat dialoguant avec une structure technique enthousiaste, dynamique et croyant au développement du territoire de l'espace de la Méditerranée et du Baixo Guadiana, des échanges d'expériences ont été réalisés, des concepts, des méthodologies d'intervention ont été débattus, les impacts ont été analysés, faisant ressortir, pour chaque territoire, un ensemble d'actions pilotes à caractère transnational qui donne forme aux thématiques du projet Rural Med, dans lequel s'intègre la présente étude du Baixo Guadiana.

Le patrimoine rural bâti représente un fort élément d'identité du territoire, héritage, dans sa majeure partie, de l'activité agricole, vouée à l'abandon aggravé par les processus d'industrialisation et d'urbanisation, par l'exode rurale et le vieillissement de la population. L'architecture rurale, caractéristiquement populaire, semble émerger du paysage, dont les coordonnées constructives ont pendant de longues années été subordonnées à la nature, au relief, au climat, aux matières premières, à la tradition, etc... Les processus de construction plus mécaniques, adverses à l'innovation, se régissent par la fonctionnalité de l'édifice et le vécu domestique et local, attribuant une maille propre à chaque espace rural. La genèse de cette architecture rurale du Baixo Guadiana, comme pour une grande partie de l'architecture populaire du pays, se fonde sur le concept d'occupation, donnant corps et identité à chacune de ces agglomérations urbaines rurales que nous désignons comme monts, fermes et villages. Chaque mont, chaque village est une carte d'identité de ses gens qui, de par leur connaissance populaire, ont transformé l'architecture de leurs maisons en d'importants éléments patrimoniaux d'ensemble.

Dans ce contexte, cette publication vise élaborer un registre graphique et oral du principal patrimoine rural populaire bâti du Baixo Guadiana, narré et décrit par ceux qui ont encore en mémoire ses processus de construction, ce qui constitue également un patrimoine. Elle sera un instrument pédagogique, de (re)découverte, d'évasion, qu'il n'est possible d'élaborer que grâce aux témoignages de ceux qui connaissent encore le pourquoi de ces formes d'occupation dans l'espace.

À mentionner également que cette publication est éditée dans le cadre du projet Rural Med, cofinancé par l'Initiative Communautaire Interreg III B - Medoc, qui se résume en un réseau d'échange d'expériences et coordination d'initiatives en matière de développement rural dans lequel participent les régions du Nord et du Sud du bassin méditerranéen, intégré par 9 partenaires de 6 pays, notamment,

le Portugal (la région de l'Algarve, via Odiana),
la France (région de Provence- Alpes- Côte d'Azur),
l'Espagne (région de l'Andalousie via le Ministère de l'Agriculture et des Pêches, qui s'assume comme chef de file, région de Valencia, via le Ministère de l'Agriculture, des Pêches et de l'Alimentation),
l'Italie (la région de Calabria via l'administration Régionale, la région de la Sardaigne via l'Ersat et de Piamonte via la Société Consortile Lamoro),
le Maroc (Ministère de l'Agriculture, du Développement Rural, des Eaux et Forêts du Royaume du Maroc) et
l'Algérie (Centre de Recherche en Economie Appliquée de Développement). *

* Filomena Sintra

O património rural mediterrânico encerra um quadro de manifestações passadas e presentes com uma riqueza específica e uma diversidade de significados. No quadro de uma ampla parceria dialogante, com uma estrutura técnica entusiasta, dinâmica e crente no desenvolvimento do território do espaço do Mediterrâneo e Baixo Guadiana, foram feitas trocas de experiências, discutidos conceitos e metodologias de intervenção e analisados impactos de onde resultou para cada território um conjunto de acções-piloto de carácter transnacional que consubstanciassem as temáticas do projecto Rural Med, onde se enquadra o presente estudo do Baixo Guadiana.

O património rural construído constitui um forte elemento de identidade do território, herança, na sua maioria da actividade agrícola, ditada ao abandono agravado pelos processos de industrialização e urbanização, êxodo rural e envelhecimento da população. A arquitectura rural, caracteristicamente popular, parece brotar da paisagem cujas coordenadas construtivas foram durante muitos anos as condicionantes naturais - o relevo, o clima, as matérias primas, a tradição, etc... Os processos construtivos mais mecânicos, avessos à inovação, regram-se pelo funcionalismo do edifício e a vivência doméstica e local, conferindo uma malha própria a cada espaço rural. A génese desta arquitectura rural do Baixo Guadiana, à semelhança de grande parte da arquitectura popular do país, arreiga-se ao conceito de ocupação, dando corpo e identidade a cada um desses aglomerados urbanos rurais, a que designamos de montes, quintas e aldeias. Cada monte, cada aldeia, é um bilhete de identidade das suas gentes que, com o seu conhecimento popular, transformaram a arquitectura das suas casas em importantes elementos patrimoniais de conjunto.

Neste contexto, pretende-se com esta publicação fazer um registo gráfico e oral do principal património rural construído popular do Baixo Guadiana, contado e descrito por quem ainda memoriza os seus processos construtivos, também isso património.

Será um instrumento pedagógico, de (re)descoberta, de evasão, só possível elaborar com os testemunhos daqueles que ainda sabem o porquê daquelas formas de ocupação no espaço.

Importa ainda referir que esta publicação é editada no contexto do projecto Rural Med, co-financiado pela Iniciativa Comunitária Interreg III B-Medoc, que se resume numa rede de intercâmbios de experiências e de coordenação de iniciativas em matéria de desenvolvimento rural na qual participam as regiões do norte e do sul da bacia mediterrânea, substanciada por nove parceiros de seis países, nomeadamente,

Portugal (a região do Algarve, através da Odiana), França (região de Provence-Alpes-Côte d'Azur), Espanha (região da Andaluzia, através do Ministério da Agricultura e Pesca, que se assume como chefe de fila, e região de Valência, através do Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação), Itália (região da Calabria, através da Junta Regional, a região da Sardenha, através da Ersat e Piemonte, através da Società Consortile Lamoro), Marrocos (Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural, Águas e Florestas do Reino de Marrocos) e Argélia (Centro de Investigação em Economia Aplicada de Desenvolvimento). *

* Filomena Sintra

coordenação geral

Filomena Pascoal Sintra
José Estevens

coordenação técnica

Miguel Reimão Costa

levantamento e registo

Alexandre Miguel Costa
Eugénia Rodrigues Teixeira
Fernando Vítor Ribeiro
Marta Rodrigues dos Santos
Miguel Reimão Costa
Stefano Malobbia
Valter Matias

organização de texto (registo escrito)

Fernando Vítor Ribeiro
Miguel Reimão Costa

organização de desenho (registo gráfico)

Alexandre Miguel Costa
Marta Rodrigues dos Santos

equipa técnica Rural Med

Alexandre Laurent
Filomena Sintra
Jean Didier Gry
Sandra Mendes
Valter Matias

foto da capa: Helder Oliveira

agradecimentos

A todos os que possibilitaram a elaboração do presente levantamento durante os primeiros meses, assim como aqueles que durante estes anos tem vindo a contribuir para a caracterização do território.

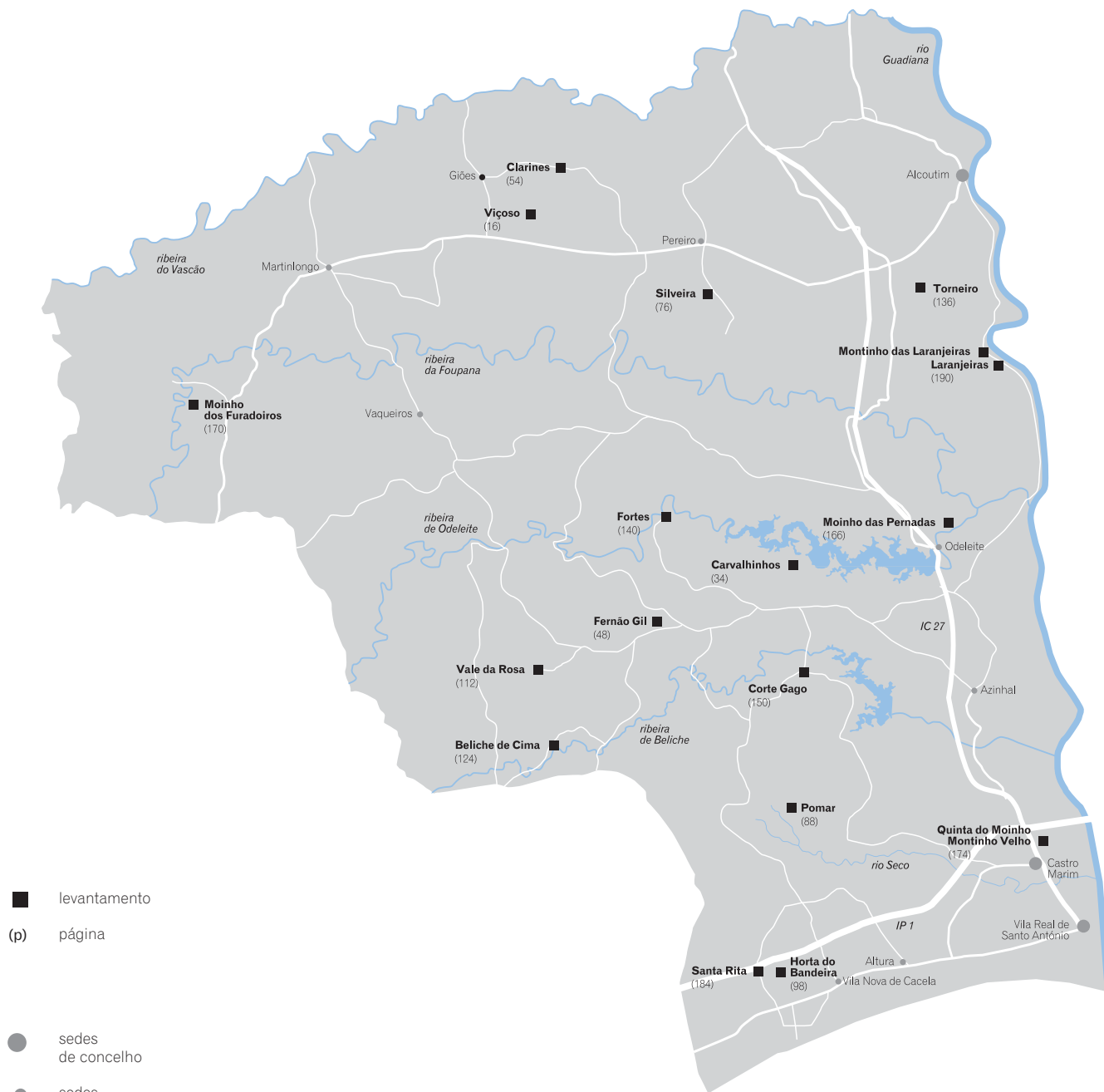
Ao Carlos de Melo e Miguel Coelho pelos primeiros trabalhos; aos habitantes António Madeira, do Viçoso; Marília Santos Barão, de Giões; Serafim Rosa, de Fortes; Bárbara Maria Sequeira, José Romeira Sequeira, Manuel Custódio Gonçalves, Maria da Assunção, Maria Pereira de Jesus e Maria Teresa Sequeira, da Corte Gago; Joaquim Correia, da Cortelha; Manuel Lourenço Martins, dos Carvalhinhos; Manuel António Rodrigues, da Rocha dos Corvos; Teresa de Jesus, de Estorninhos; Joaquim Teresa Mestre e José Teresa Mestre, do Pomar; António Silveira Neves e Filomena de Jesus, da Corte António Martins; José Rodrigues Teixeira e Maria dos Prazeres Teixeira, dos Estevais; José Silvestre e Manuel Cavaco Silvestre, da Silveira; Manuel Lourenço Martins e Maria Pereira Catarina, dos Carvalhinhos; Manuel Domingues Pereira, do Poço do Álamo; Maria Amélia Guerreiro Branquinho, de Valongo; José António e Rafael António, de Alcarias; Maria Rosa, da Traviscosa; Maria José Rodrigues, do Vale da Rosa; Alzira Maria, Claudina Fernandes Pereira e Marcelino António Pereira, do Beliche; Guerreiro, dos Guerreiros do Rio; Carlos Francisco, dos Balurcos; Manuel Afonso, de Monção do Minho; Dimas Patrocínio dos Santos, Emídio Marcos Colaço, Ilda Vaz da Palma Graça e Maria Ivete Vaz da Palma, das Laranjeiras; Glória Alberta Ribeiro, José Francisco, Lucinda Maria Feliciano e Maria Cavaco Gonçalves, do Montinho das Laranjeiras; António Branco, de Odeleite; Maria Isabel, de Fernão Gil; Ildefonso Manuel Viegas e José António Nogueira Aquilino, de Castro Marim; Augusto Nunes, do Calicho; Manuel Nascimento Correia, Manuel Guerreiro Inácio e Julieta Assunção Cipriano, da Corujeira; José Manuel, Cesaltina Bárbara e Manuel Cereja, de Clarines, por todas as conversas; e, por fim, pelo apoio na revisão dos textos, à Cristina Firmino e ao José Maria Lopes da Costa. À Câmara Municipal de Tavira pela cedência de plantas. Ao Gabinete técnico de apoio às aldeias do Sotavento, (Gtaa).

notas

Todos os desenhos constantes na presente publicação foram executados para o efeito, e após levantamento no sítio, pela equipa técnica à excepção dos desenhos correspondentes ao Moinho das Pernadas, elaborados a partir da base de levantamento relativa ao projecto de "Recuperação e valorização do Moinho das Pernadas", da autoria do arquitecto Fernando Varanda.

Todas as plantas dos assentamentos estão orientadas a norte à excepção das relativas ao monte de Clarines, à escala 1:500, nas quais é indicada a respectiva orientação.

Introdução	10	Intro
Viçoso	16	
	22 A habitação	L´habitation
	28 A casa de fogo dissociada, a fornalha e a chaminé	La maison au feu extérieur, le fourneau et la cheminée
	32 Paredes mestras e divisórias	Maîtres Murs et cloisons
Carvalhinhos	34	
	42 O forno de pão	Le four à pain
	46 Coberturas e beirados	Couvertures (Toîts) et gouttières
	48 O telheiro	L´appentis
Clarines	54	
	66 O palheiro e a ramada	Le grenier à foin et la grange
	72 O curral dissociado	La bergerie autonome
Silveira	76	
	84 O sotão e o sobrado	Le grenier et le plancher
	86 A cerca	L´enclos (la clôture)
Pomar	88	
	96 O poço	Le puits
Horta do Bandeira	98	
	106 A nora	La noria
Vale da Rosa	112	
	122 A eira	L´aire de battage
Beliche de Cima	124	
	132 O palheiro de planta circular, o cabano e a serra de palha	La grange de base circulaire, le cabanon et la meule de paille
Fortes	140	
	148 A casa do azeite	La maison de l´huile d´olive
Corte Gago	150	
	162 A escola	L´école
	164 O moinho de água	Le moulin à eau
Quinta do Moinho Montinho Velho	174	
	180 O moinho de vento	Le moulin à vent
	184 A cal	La chaux
Laranjeiras Montinho das Laranjeiras	190	
	204 O posto da Guarda Fiscal	Le poste de la "guarda fiscal" (douaniers)
	206 A taberna	La taverne
Glossário	208	Glossaire
Bibliografia	212	Bibliographie



■ levantamento

(p) página

● sedes de concelho

● sedes de freguesia

Introdução

O território sobre o qual incide o presente estudo abrange uma área limitada a norte pelo Vascão, a nascente pelo Guadiana e a sul pelo Atlântico. A poente, e para além da fronteira administrativa dos três concelhos do território da Associação Odiana - Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António - alarga o "traço" e integra alguns elementos do concelho de Tavira, onde a orografia serrana se "tumultua" e, abrindo entre litoral e serra, se constitui o barrocal, unidade fundamental do Algarve Central. Este território é marcado pelos cursos de água afluentes do Guadiana - (de norte para sul) Vascão, Foupana, Odeleite, Beliche e Rio Seco - e constituído em aproximadamente noventa e três por cento por solos de xisto e grauvaques da serra e no restante por solos de aluvião do litoral.

De um modo geral, a estas duas unidades territoriais correspondem duas unidades de povoamento distintas estruturadas em redor das aldeias: povoamento disperso no baixo Algarve; povoamento em pequenos assentamentos, designados montes, na zona serrana. Esta correspondência, alargada à serra do Caldeirão, é menos evidente na zona meridional da serra do concelho de Castro Marim entendido enquanto espaço de transição, marcado pela aproximação dos solos de xisto ao oceano.

A estrutura de organização deste inventário decorre do propósito de leitura do território do Baixo Guadiana a partir da zona da serra, conformada pela sobreposição de dois níveis distintos de levantamento: o do registo gráfico do espaço habitado e o do registo oral do discurso do habitante. Correspondendo, inevitavelmente, a organização deste "discurso directo" a uma perspectiva determinada sobre o objecto, que compreende muitas vezes a reposição e o registo de diálogos mantidos em períodos anteriores aos do levantamento, pretende-se possibilitar diferentes níveis de leitura e extrapolação associados ao património construído e à estrutura de condicionantes associadas.

O critério de selecção de objectos de levantamento privilegia a dimensão urbanística, reflectindo uma organização de justaposição de duas escalas fundamentais: a do assentamento e a de um conjunto de "temas" que lhe aparecem associados. Por outro lado, procura comportar a diversidade de condições relativas à localização e situação dos assentamentos, à sua estrutura e dimensão, e ao regime de propriedade associado. O centro de identidade do trabalho corresponde, no entanto, a espaços tradicionalmente afastados de rotas relevantes de comércio ou de passagem, espaços do interior da serra, a partir dos quais se procede à aproximação aos aglomerados do Guadiana e aos conjuntos dispersos do litoral. A hierarquia de núcleos comporta, nestes espaços, dois níveis fundamentais, compreendendo as áreas de influência das aldeias enquanto aglomerados de maior dimensão, determinantes ou não na estrutura de disposição dos núcleos de menores dimensões.

Na generalidade, correspondem os montes a estruturas de um núcleo apenas, como Carvalinhos, Silveira ou Pomar, podendo estar situados em zona de cumeada, meia encosta ou numa pequena elevação junto a uma ribeira ou linha de água. No entanto, alguns montes constituem estruturas de dois ou mais núcleos, que adquirem frequentemente nomes próprios, usualmente reportados à sua localização relativa ou a elementos físicos específicos, como em Corte Gago ou em Clarines.

A leitura das características dos assentamentos deverá também ser feita à luz das condições reflectidas ao nível da dimensão da propriedade. Da generalidade dos discursos decorre uma contraposição fundamental, expressa ao nível da dimensão da propriedade e da conformação arquitectónica dos assentamentos, entre lavrador (entendido enquanto grande proprietário) e pequeno proprietário, já que todos ou quase todos têm



ribeira da Foupana, serra



Fortes, ribeira de Odeleite

alguma terra. Se, na sua generalidade, os assentamentos correspondem a um regime de propriedade extremamente retalhado, outros existem, no entanto, associados a propriedades de dimensão considerável que constituíam, como Clarines e Silveira, centros de emprego periódico. A relação entre conjuntos edificados de lavradores e conjuntos edificados de pequenos proprietários poderá corresponder à coexistência num mesmo aglomerado de dois núcleos integrados numa mesma estrutura pluri-nuclear, como em Vale da Rosa ou nas Laranjeiras, ou ainda a dois aglomerados distintos mais ou menos próximos.

A representação de um assentamento através do conjunto dos seus espaços interiores expressa, num primeiro plano, o propósito de desenhar um processo particular de crescimento “urbano” que decorre da agregação progressiva de diferentes células edificadas. A construção destes conjuntos, alguns dos quais de grande dimensão, resulta da sobreposição de diferentes ciclos relativos a processos de crescimento, partilha e reconversão funcional, viável por acções consecutivas de abertura, encerramento e reabertura de vãos. Ainda que a partir do exterior possa não ser perceptível, eram estes conjuntos sucessivamente sujeitos à transformação da configuração e associação de células, ao nível da propriedade e da função.

O conjunto habitacional decorre da composição de casas de fora e de casas de dentro, podendo qualquer uma delas corresponder à casa de fogo e servindo ambas, em geral, como espaço de dormir. A exiguidade do espaço habitacional pressupõe frequentemente o transbordo de usos para o espaço externo, onde se cozinha de Verão, ou para o palheiro e para a ramada, tantas vezes também usados como espaços de dormir. O matrimónio e a herança conformam espaços domésticos compostos, por vezes, por células afastadas dentro do monte. Ao espaço doméstico interior corresponde deste modo um espaço

¹ As populações da serra designam e identificam geralmente como Algarve apenas a orla litoral e o barrocal

² Arrastar, fazer andar de rastos

³ Sulcos lavrados na terra, causados pela erosão, devido à acção da água da chuva

doméstico exterior de ligação ou permanência, marcado pela casa de fogo, que tantas vezes se autonomiza, pela fornalha e pelo forno do pão dissociado.

Muitos dos pequenos montes da serra encontram-se em processo de abandono. De alguns dos já desabitados, como a Silveira ou o Viçoso, é ainda possível encontrar os últimos habitantes noutros aglomerados mais ou menos afastados e em geral de maiores dimensões. Um deles voltou à Silveira ao fim de doze ou treze anos. Utilizam o termo “caseirão” designando apenas edifícios abandonados sobre os quais raramente resta memória da sua função.

O abandono, neste território, de conjuntos edificados é um processo recorrente noutros períodos, podendo paradoxalmente abrir um conjunto de novas oportunidades. O objectivo do presente levantamento é, neste enquadramento, registar um conjunto de elementos relativos a um ciclo de ocupação que parece agora terminar.

^a “A serra o que é... se este chão fosse todo direito, não era serra, era Algarve¹. Que a serra é estes cerros que a gente não os dá trabalhados, que só o que cria é mato e não se dá lavrado. Ele dá pão, mas não se pode é lavar... e a água depois, quando chovendo muito, leva isso tudo, a terra... aquelas tempestades das águas e ela dá em fazer rojos², faz buracos, faz bajocas³, faz muitas coisas. Isso é que faz a serra... umas são mais altas, outras são mais baixas e então aqui pertence à serra do Caldeirão, sabe onde é o Caldeirão? Serra quer dizer... o terreno que não é capaz de trabalhar, não presta, não se pode lavar, é subido, é uma coisa por demais, oh! Não havia estradas e nem caminhos e nem nada. Olhe o caminho... só havia caminhos de lobos... caminhos daqui para Tavira, tínhamos de ir por uma veredinha qualquer, por donde passavam... E sabe

^a Sobre a Serra do Caldeirão

Marcelino António Pereira, Beliche do Meio, 1922



Fortes, ribeira de Odeleite



Fortes, ribeira de Odeleite

⁴ Cortado, nivelado

⁵ Terreno de cultivo

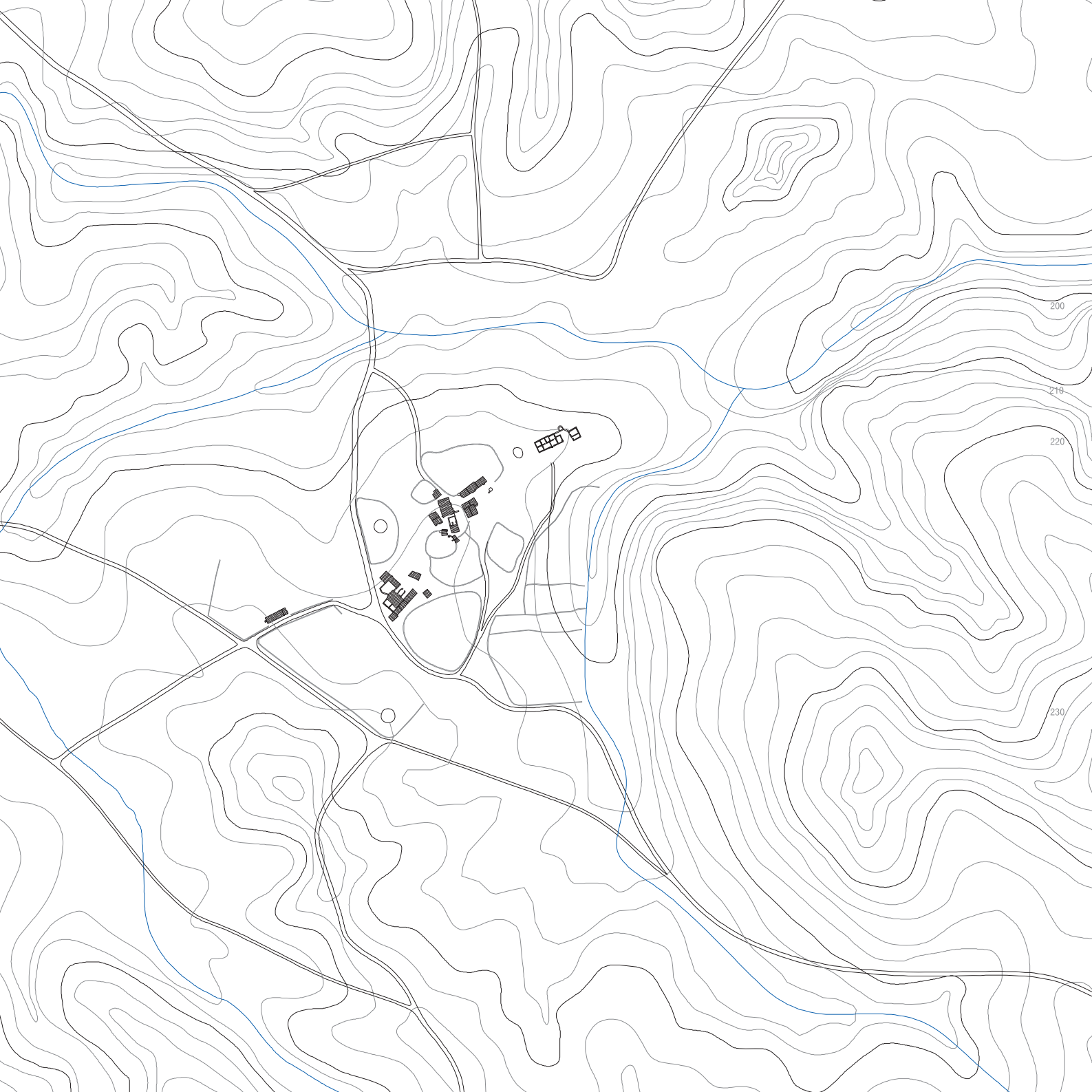
como é que eles levavam os mortos já no meu tempo? Em cima de um burro. O povo com as máquinas que vieram é que deram em fazer... essas máquinas, deram em deitar o chão abaixo e fizeram esses caminhos para o povo se governar. Porque você não sabe que... por esses montes há muita gente também vivendo, há aqui muita gente, não pense que é só Faro. Porque Faro tem pouco campo. Há as campinas de Faro, há a Conceição, mas o mais... volta-se lá para aqueles cerros, para a banda de Estoi e é outra serra parecida à nossa. Então como não havia ordenados, não havia nada, nem estudos e nem nada, as pessoas... muitas tinham que viver aqui, e o pessoal era muito. Naquele tempo era muita gente porque um pai tinha sete ou oito filhos, agora não têm já tantos, e então viviam aqui e aqui estavam. Não havia reforma, não havia... eu para ganhar um pouco de nada tive que ir... paguei vinte e quatro anos, veja lá. É um monte aqui e outro além e é tudo assim... e olhe que é assim e em toda a banda. Então você não foi ainda ao Alentejo? No Alentejo é às herdades, que o chão é todo, mais ou menos, em planície. Aquelas pessoas vivem lá como a gente vive aqui. É boas terras, bons terrenos, davam muito trigo, havia muitas vacas. Aqui só uma coisinha é que era melhorzinha. Você não vê aquelas azinheiras que estão além? Sabe o que é que está dali para cima? Rochedo, rochas... Em certas zonas é só rochedo, ninguém pode trabalhar aquilo, porque não é capaz disso. Os terrenos têm baixos e altos, e para além sobe e para além corre a água, e havia aqui esta baixazinha e aquelas pessoas, que viveram há trezentos ou quatrocentos anos, habituaram-se a viver aqui. O monte está nesta zona porque é melhor aqui, junto a esta baixa, que é lá no bico do cerro. Um monte é dum jeito, outro monte é doutro, é conforme está o chão direito. Ali o chão não é capaz,

não vê que o chão além que é inclinado, tinha que ser cortado⁴ para fazer as casas... aqui não foi o chão cortado. O meu pai tinha uma grande courela⁵, não é verdade?, mas ele tinha sete filhos ou seis e então, o que é que acontecia?, não tinham para onde fossem e então cada um queria o seu pedaço. E as casas partiam-nas também, deixavam uma para um e deixavam outra para outro, e quando não dava tinham que ver se arranjavam maneira de fazer mais alguma... Nunca dava, porque noutra tempo todos tinham uma casinha, duas, onde comiam, onde dormiam, ali dormia o casal, ali dormiam os filhos, a vida era muito diferente de agora. E sabe como elas estão agora? Abandonadas.”

Viçoso







Viçoso

freguesia de Giões, concelho de Alcoutim

O monte do Viçoso situa-se numa pequena elevação circundada pelo barranco dos Paus e pelo barranco de Cacula, afluentes da ribeira do Vascão.

É constituído por três núcleos - um núcleo central a cota superior ladeado por outros dois a cota inferior - que apresentam características bastante distintas. A poente o conjunto é formado por um corpo de células agregadas contíguo a um curral delimitado por ramadas, palheiros e por um muro. O núcleo central é, em contraponto, constituído por vários conjuntos isolados que evidenciam de forma mais clara a estrutura dos núcleos familiares. O terceiro é relativo a um conjunto abandonado há já bastante tempo, presumivelmente correspondente a um núcleo de lavradores. Mais afastada do monte, na direcção oeste, uma casa isolada reflecte uma das tipologias habitacionais mais generalizadas (ao longo do século XX).

Para além dos conjuntos edificados, salienta-se a estrutura de ocupação da envolvente agrícola, marcada pela construção das cercas e pela presença de um número considerável de figueiras-da-Índia⁶.

O monte do Viçoso encontra-se abandonado.

^a “Não encontraram ninguém? Os que não morreram andam por aí à volta: uns estão em Lisboa, outros sabe-se lá onde... outros estão aqui em Giões, que sou eu.

Chegou a haver lá muita gente. Só raparigas de baile chegaram a haver lá 16. Já se pode ver que não eram muito poucas. É claro, havia lá muita gente. O monte era pequeno mas estava muito calçado de pessoas. Devia haver, em números redondos, sei lá, pois havia, um, dois, espere aí... quatro, cinco, seis, sete, oito, nove - havia lá nove moradores⁷. Chegaram a haver lá nove casais: um não tinha nenhum filho, um tinha sete, outro tinha seis, sabe quanto é, sabe quantos estão logo aí? Só essas casas tinham quê?... Só essas duas casas tinham oito

⁶ *Opuntia ficus-indica*

⁷ Quando falam em moradores, referem-se geralmente a núcleos familiares

⁸ Casas velhas abandonadas, geralmente em ruína

moças das mesmas idades.

Juntavam nos bailes... aquilo sabia-se logo, aqui os de Giões, de Farelos, de Clarines, das Velhas, fica aqui tudo perto, iam lá todos. Ainda me lembro de haver lá dois bailes. Um até chamavam, uma casa que nem porta tinha, chamavam-lhe a casa velha. Vendiam lá uns copos de aguardente, um senhor vendia uns copitos de aguardente. Iam lá bastantes, e então faziam lá um baile, já vê, com tantas raparigas ainda era um baile bom.

De fora, as moças não iam, noutro tempo as moças não iam assim... mais tarde é que deram em ir, assim nos Carnavais e tal, de um monte para os outros. Agora é que vão, nesse tempo não. Nesse tempo era só lá as do monte e iam então era os moços de fora.”

^b “Tinha três montes: tinha o do cerro, lá em cima; cá em baixo está outro; e... no monte do cerro está para baixo, para o lado direito... vá, está um e para o lado esquerdo estava outro, aquilo já é caseirões⁸. Eu não conheci já esse monte nada, talvez que o meu marido não conhecesse também, ele nasceu ali.”

^c “Eu saí de lá há 28 anos, ficaram lá quatro pessoas, mas a última pessoa que saiu de lá seria o Manuel Francisco, há catorze anos atrás.

Ali não havia lavrador nenhum. Houve antes, houve antes de eu conhecer, houve lá uns lavradores, até uns caseirões que estão lá em baixo, na parte de baixo do monte. Lá do lado de lá, há lá uns caseirões que eram de uns lavradores. O senhor foi lá? Viu lá uma cerca com umas oliveiras, lá em baixo? Pois é lá para esse lado é que moravam lá uns lavradores, que é da raça de uns que há ali no Marim.

Esses [caseirões] foram abandonados antes de eu existir.”

^a Sobre o monte do Viçoso
António Madeira, Viçoso, 1927

^b Sobre os vários núcleos do monte
Marília Santos Barão, Giões, 1924

^c Sobre o abandono do monte
António Madeira, Viçoso, 1927



monte do Viçoso
planta geral 1:1000

1





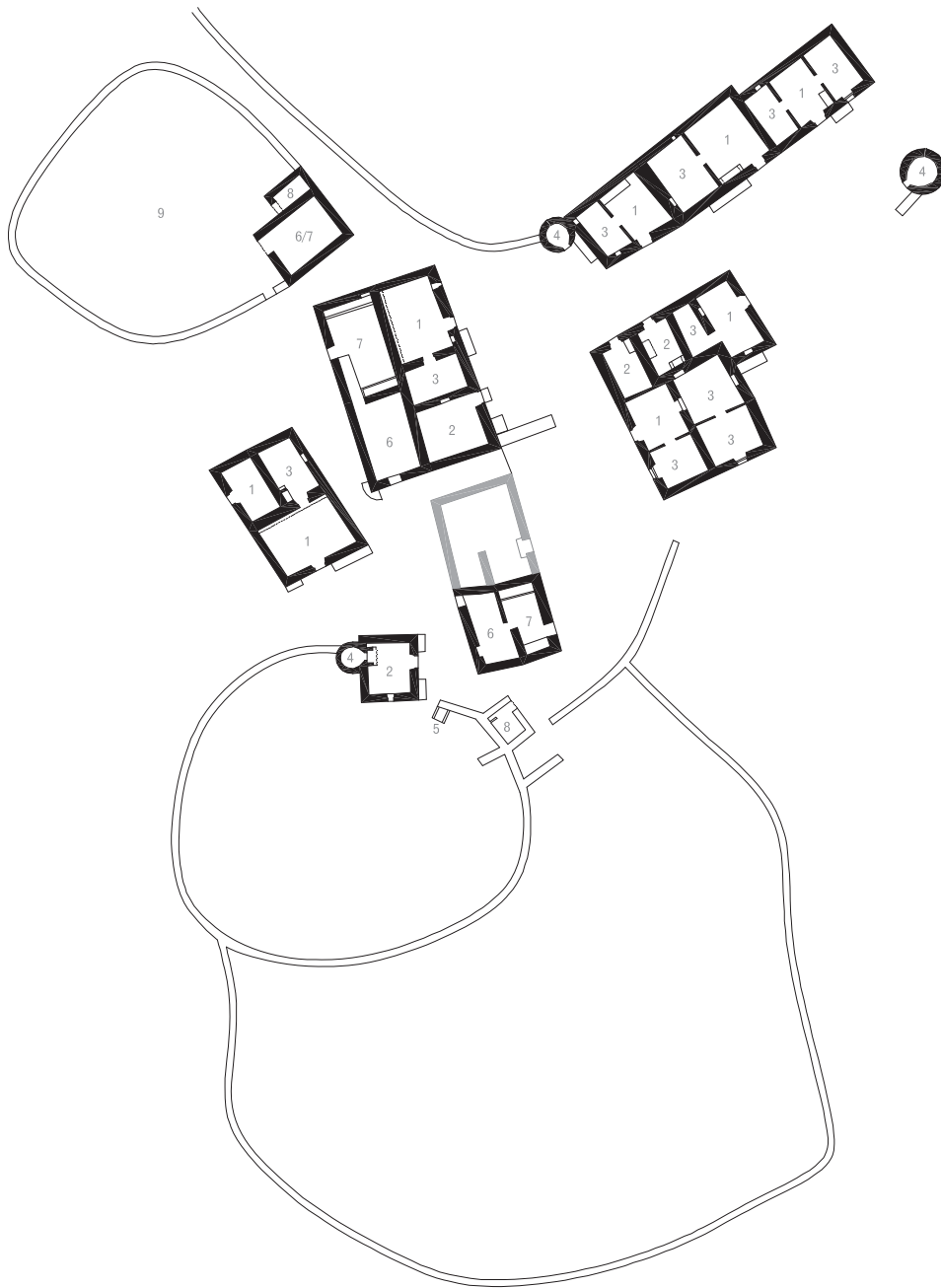
2

- 1 Viçoso, lumieira de azinho
- 2 Viçoso, monte do meio
- 3 Viçoso, soleira de ramada
- 4 Glões, maioral

3



4



monte do Viçoso
monte do meio

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 forno
 - 5 fornalha
 - 6 palheiro
 - 7 ramada/cabana
 - 8 galinheiro/coelheira
 - 9 curral
- cinzento: ruína

Viçoso, monte poente



A habitação

A generalidade dos conjuntos edificados serranos conforma um desenvolvimento por agregação progressiva de células, num processo dinâmico que reflecte a ampliação e a partilha dos núcleos edificados familiares. A célula é sujeita a recorrentes processos de reconversão funcional, sendo a composição tipológica da unidade habitacional, assim, extremamente condicionada e consistindo em soluções muito diversificadas. Para além da unidade habitacional constituída por célula única, são evidentes algumas composições mais generalizadas de duas células, correspondentes à casa de fora e à casa de fogo, servindo ambas como espaço de dormir, ou ainda de três células, quando às duas anteriores se agrega um espaço autónomo de dormir.

A partir do segundo quartel do século XX generaliza-se a construção de raiz de unidades habitacionais constituídas por três células em linha, muitas vezes complementada por uma casa de fogo dissociada.

^a “E outros faziam fogo... era uma casa grande de entrada, ali tinham uma cama ou duas, uma cama de bancos... os bancos em madeira com umas pernas de pau, uma travessa depois dum banco ao outro, um colchão em cima e dormia-se ali muito bem.

E depois lá dentro havia um sóto⁹, escuro, com uma telha de vidro - era onde faziam o fogo. A casa de entrada era a casa fina, a mais fina era essa de entrada, e depois lá dentro havia um soleiro¹⁰, chamava-se soleiro... Está lá no soleiro, vai buscar que está lá no soleiro... onde faziam também o fogo. Uns faziam na casa de entrada, outros faziam lá dentro.

Uns tinham casas com duas casas e outros... era só uma.”

^b “Havia muitas casas com a casa por fora e com o soleiro lá dentro, e dormiam nas duas casas, havia

⁹ Sotão

¹⁰ Celeiro (também dito soleiro)

cinco, seis filhos.”

^a “Pois... e quando tinham gado, que tinham por exemplo bestas... tinham palheiros e iam dormir os moços para o palheiro e as moças ficavam em casa.”

^c “As casas mais antigamente, só o que havia... chamava-lhe a gente a casa de fora, e estava um quarto dum lado e estava outro doutro. E outra casinha aqui, como esta que eu tenho aqui, que é a cozinha [dissociada], onde se faz a comida, onde se faz o fogo.

Havia alguns que tinham uma casinha só. Olhe, a minha mãe só tinha uma casinha, mas fizeram uma paredinha ao meio e isto ficou com duas divisões. A minha mãe só tinha uma casinha. Esta casa que está aí por diante desta, lá de cima, fui eu... fomos criados aí, mas logo ô depois fizeram uma paredinha e ficou a casa de fora e a casa de dentro. De início a minha mãe comprou só essa casa.

A gente não fazia sementeira, o meu pai foi pastor de cabras, sim, andava com uns rebanhos de gado. A gente aqui não tinha palheiro nem arramada, só tínhamos essa casinha”.

^d “As divisões eram poucas. A casa tinha a cozinha, e muitas não tinham chaminé, algumas tinham e outras faziam fogo ao pé da parede. Depois o celeiro que é onde punham o que colhiam, onde punham o trigo, as coisas que colhiam, tudo: o azeite, era o caixote da carne, os barris do vinho. Era o celeiro e todas as casas tinham. A água de trás era toda celeiro, não tinha tabique nenhum. A minha era assim, a da minha avó, e esta do meio ainda está à antiga. E na casa de fora tinha um friso na parede, todas tinham.

Mas faziam o fogo na de dentro. Quase todas tinham um quatinho, a dos meus avós tinha, esta desta

^{a,b} Sobre a habitação de dois compartimentos
Ilda Vaz da Palma Graça, Laranjeiras, 1928
Maria Ivete Vaz da Palma, Laranjeiras, 1936

^c Sobre a habitação de três compartimentos e cozinha dissociada e sobre a habitação de um compartimento apenas
Serafim Rosa, Fortes, 1917

^d Sobre os compartimentos das casas
Maria Cavaco Gonçalves, Montinho das Laranjeiras, 1945

- 1 Estevais, salgadeira na casa de despejo
- 2 Laranjeiras, maço
- 3 Corte Gago, pilheira
- 4 Fortes, casa de fogo
- 5 Laranjeiras, casa de fogo



1



2, 3, 4



5

¹¹ Refere-se ao sítio arqueológico do Montinho das Laranjeiras

senhora também tinha, para este lado, um quartinho. Algumas não tinham, era só casa de fora e cozinha, algumas tinham a cama lá dentro no celeiro. Eu já não me lembro disso, mas antigamente usavam camas de bancos, eram uns bancos e depois o colchão em cima. Esta aqui tinha lá atrás a cozinha de um lado com a chaminé e o celeiro era de lado, subia assim um degrauzinho. Aqui à frente tinha a casa de fora e um quarto, com uma cama na casa de fora, antigamente todas as pessoas tinham uma cama na casa de fora... praticamente.

E os filhos iam para o palheiro a dormir, antigamente. Era o palheiro e onde punham os animais era a arramada. A de fora era das vacas, chamavam-lhe alpendre. Naquela que sobe estavam os burros e depois tem outra de lá que é o palheiro. Eu já não me lembro disso, cá na minha casa nunca aconteceu, também éramos só dois irmãos. Havia muitos que tinham muitos filhos. As alfaias estavam no palheiro ou na arramada. Alfaias era uma charrua, era uma canga, era tudo, ficava na arramada, eles já mal tinham campo para as pessoas, não iam pôr essas coisas em casa.

Tinham uma casa para o azeite, aquela casa ali era onde faziam o azeite, o meu avô tinha uma grande lá do outro lado, lá moíam as azeitonas com um maço, depois salgavam, punham isso salgado numas canastas e passados oito dias é que faziam. Metiam a massa dentro numa bolsa, deitavam água a ferver e faziam ali o azeite, chamavam-lhe queijeira. E o vinho também faziam ali. Punham um alguidar em baixo. Sabe onde o meu bisavô fazia o azeite? Onde esta estrada cai lá ao fundo, onde está a arqueologia¹¹, ali ao lado direito está um caseirão que já está todo derrubado, tinha lá uma casa grande que era só do azeite. Era de pedra solta, nem estava rebocada nem nada, só para o azeite. Trazia

peçoas de fora a pisar, não havia moinhos nem nada, era só com o maço. Pessoas dalém daquele monte... das Laranjeiras”.

° “Tinha duas casas: que era onde se fazia a comida, que era a casa de fogo... chamava a gente; e era a casa da gente dormir, que podia ser a casa de fora... e também podia ser a casa de dentro. Mas também se dormia na casa de fogo. Na casa dos meus pais a casa de fogo era a de fora. Os meus irmãos dormiam naqueles palheiros além, nos palheiros bicudos, que a gente éramos sete irmãos, três raparigas e quatro rapazes... mas só tínhamos duas casinhas, as moças dormiam em casa e os moços dormiam no palheiro.”

Beliche de Cima, casa de fogo



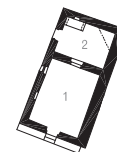
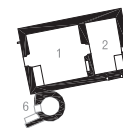
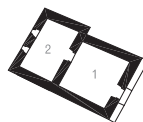
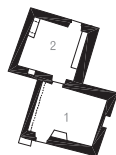
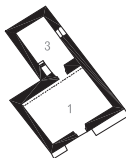
° Sobre a casa dos pais
Alzira Maria, Beliche de Cima, 1934

Viçoso**Carvalhinhos****Fortes****Silveira****Pomar**

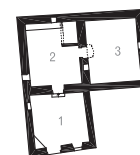
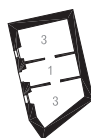
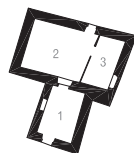
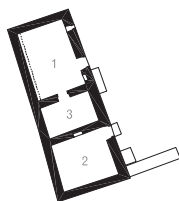
1 célula



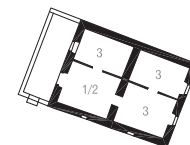
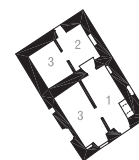
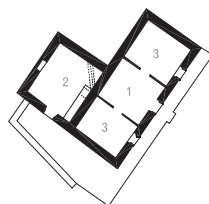
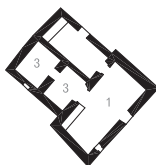
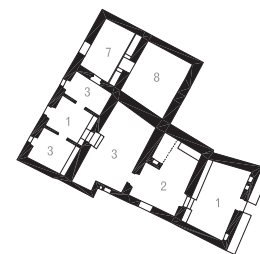
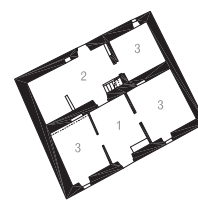
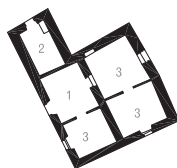
2 células



3 células



4 células

5 células
ou mais

plantas 1:500

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 casa de despejo/celeiro

- 5 instalação sanitária
- 6 forno
- 7 ramada/cabana
- 8 palheiro

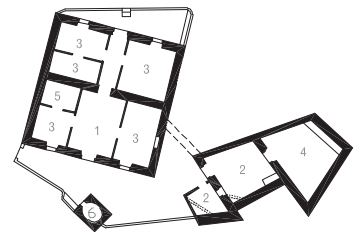
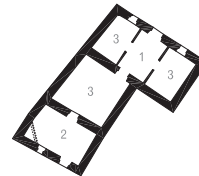
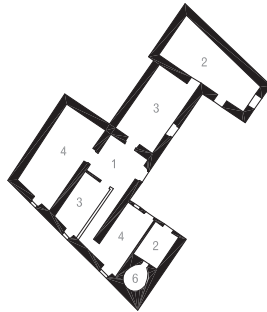
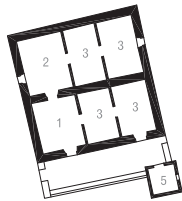
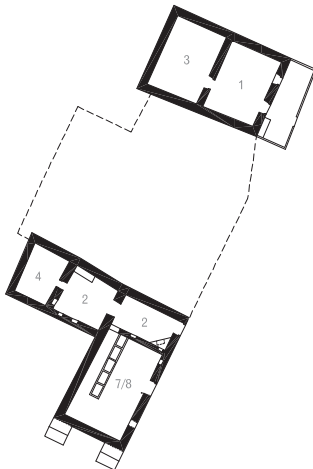
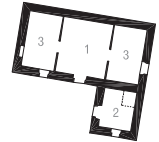
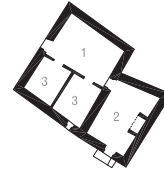
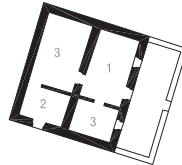
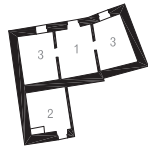
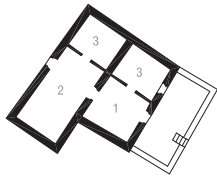
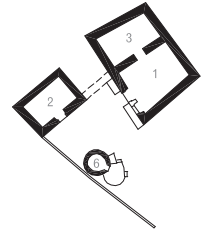
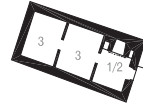
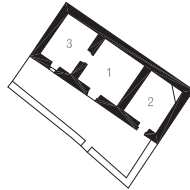
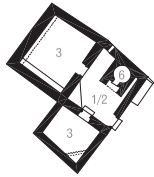
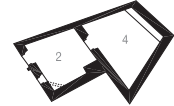
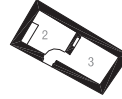
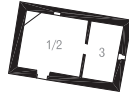
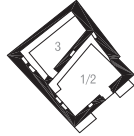
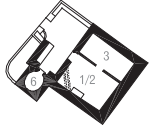
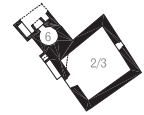
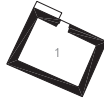
Vale da Rosa

Beliche de Cima

Corte Gago

Laranjeiras

Montinho das Laranjeiras





1, 2, 3, 4

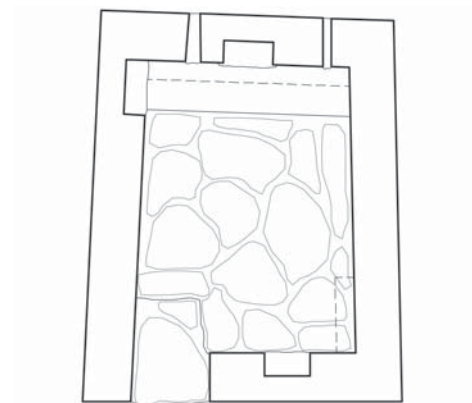
- 1 Vale da Rosa, fornalha integrada no muro
- 2 Corte Gago, fornalha integrada no muro
- 3 Vale da Rosa, chaminé rudimentar
- 4 Pomar, chaminé
- 5 Vale da Rosa, casa de fogo
- 6 Moinho dos Furadoiros, sítio do fogo

casa de fogo dissociada
planta e corte transversal 1:100

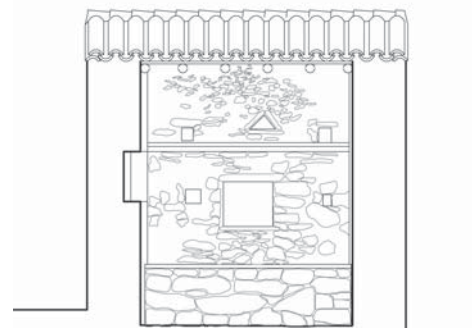
5



6



planta



corte transversal

A casa de fogo dissociada, a chaminé e a fornalha

¹² Poial

O espaço do fogo aparece em muitas circunstâncias separado da unidade habitacional, constituindo um espaço autónomo, interior ou exterior, que poderá estar associado ao forno do pão. A composição da unidade habitacional em diferentes núcleos, por vezes afastados dentro do monte, está associada à utilização do espaço exterior enquanto espaço doméstico, evidente na construção da fornalha. Na zona interior do Baixo Guadiana, muitos são os aglomerados onde não existiria, até há pouco tempo, uma única chaminé.

^a “Fazia-se a cozinha separada para não se sujar tanto. Fazia-se muito fogo, muito lume e sujava-se tudo com o fumo e então fazia-se assim à parte e o quarto estava mais limpo.”

^b “Traziam um barro, assim... que tivesse uma cor, assim, que a gente gostasse. E depois a gente trazia de lá e punha dentro de um balde, de um alguidar. Depois deitava lá água da cal e desfazia aquilo, mexia, mexia e desfazia, até a gente poder pintar. Pintava-se na parte de cima para aguentar mais tempo sem ser caiada, porque o fumo que a lenha deita apanha-se nas paredes, e a gente caiava hoje, continuava a fazer o fumo, a fazer o lume, e a parede daí a pouco tempo estava na mesma.”

^c “Isso é uma fornalha, onde é que a senhora fazia a panelinha aqui, antigamente. Não havia fogão e ela não queria sujar a casa. Tinha ali uma chaminé mas não queria sujar e fazia aqui. Assava peixe, punha aqui uma trempe de ferro, fazia fogo, antigamente, agora já não sei.”

^d “No monte inteiro haveria uma ou duas chaminés,

faziam fogo no chão.

Havia uma naquela casa do monte do cerro e havia outra cá no monte de baixo. Faziam o fogo contra a parede, o fumo era tanto e... vá de chorar.”

^e “Aquela chaminé deve ter para aí setenta ou oitenta anos.”

^f “Mas poucas casas tinham chaminés, tinham assim umas telhas levantadas e depois o fumo saía por ali. Estavam sempre levantadas... e as canas estavam cortadas.”

^e “Naquele tempo, sei lá... as casas também não eram como elas são agora. Era uma casa de entrada, uma casa grande com um pialão¹² além à frente, além tinha o alguidar onde amassavam, além tinha o prato onde comiam, além tinham a quarta da água, chamavam-lhe a quarta, os cântaros.”

^f “E comia tudo do mesmo prato, eu ainda comi, ainda fui dessas. Nem toda a gente podia fazer a chaminé, nem por dentro até tinha chaminé, era um fogo à solta. Era assim a um cantinho da casa, a um cantinho daqueles mais baixos era onde faziam o fogo, e depois cortavam o caniço e punham assim duas telhas levantadas, para o fumo sair.”

^e “Chaminés? Havia a da Tia Luísa, a do Tio Maria Henriques, a do Tio Zé pedreiro, só aí estavam três, e a do Tio Joaquim Afonso. E a do Tio Manuel Ribeiro e a da Tia Isabel, como aquela da Tia Luísa, em arco, com uns armários de lado. A minha tia quando estava aí tinha as telhas levantadas, e saía bem o fumo.”

^f “Telhas? Eu desconfio que ela não tinha telhas levantadas, tão pouco.”

^e “Tinha um pau assim atravessado, e metia o pau assim por baixo das telhas, e elas corriam para cima das outras.”

^a Sobre a casa de fogo dissociada Maria Sequeira, Corte Gago, 1926

^b Sobre a pintura a cal e barro na parte superior das paredes da cozinha Glória Alberta Ribeiro, Montinho das Laranjeiras, 1926

^c Sobre uma fornalha no Montinho das Laranjeiras

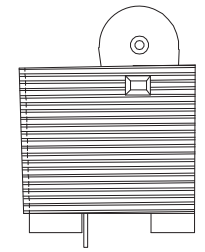
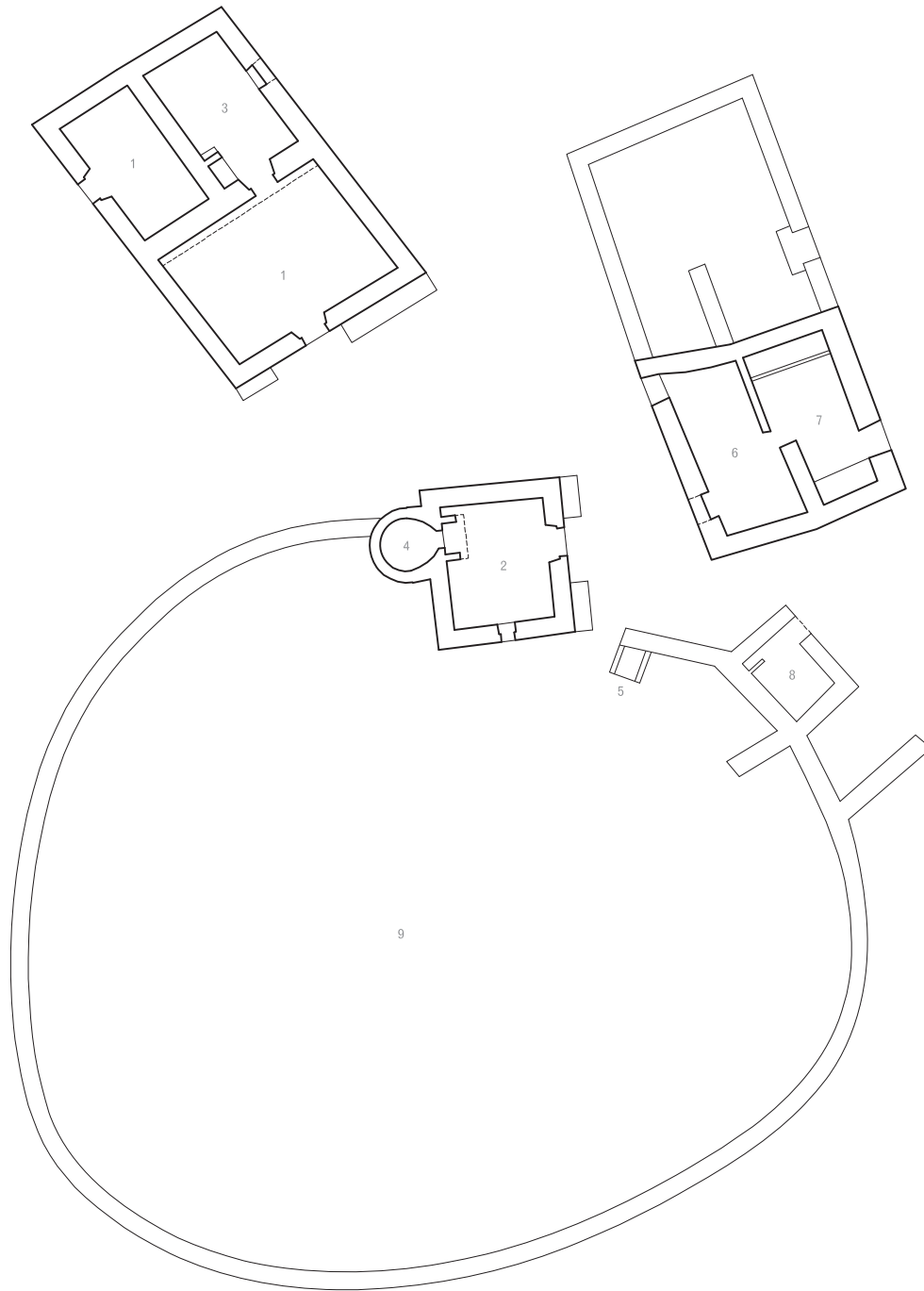
Maria Cavaco Gonçalves, Montinho das Laranjeiras, 1945

^d Sobre as chaminés do Viçoso

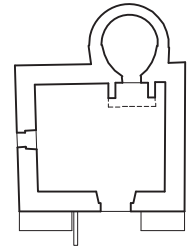
Marília Santos Barão, Giões, 1924

^{e,f} Sobre as chaminés das Laranjeiras

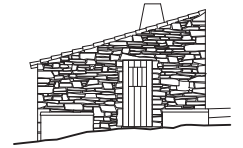
Ilda Vaz da Palma Graça, Laranjeiras, 1928 e Maria Vaz da Palma, Laranjeiras, 1936



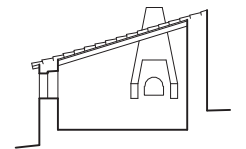
planta da cobertura



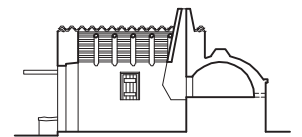
planta



alçado



corte transversal



corte longitudinal

monte do Viçoso

monte do meio, casa de fogo

planta de integração no conjunto edificado familiar 1:200

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro
- 4 forno
- 5 fornalha
- 6 palheiro
- 7 ramada
- 8 galinheiro/coelheira
- 9 cerca

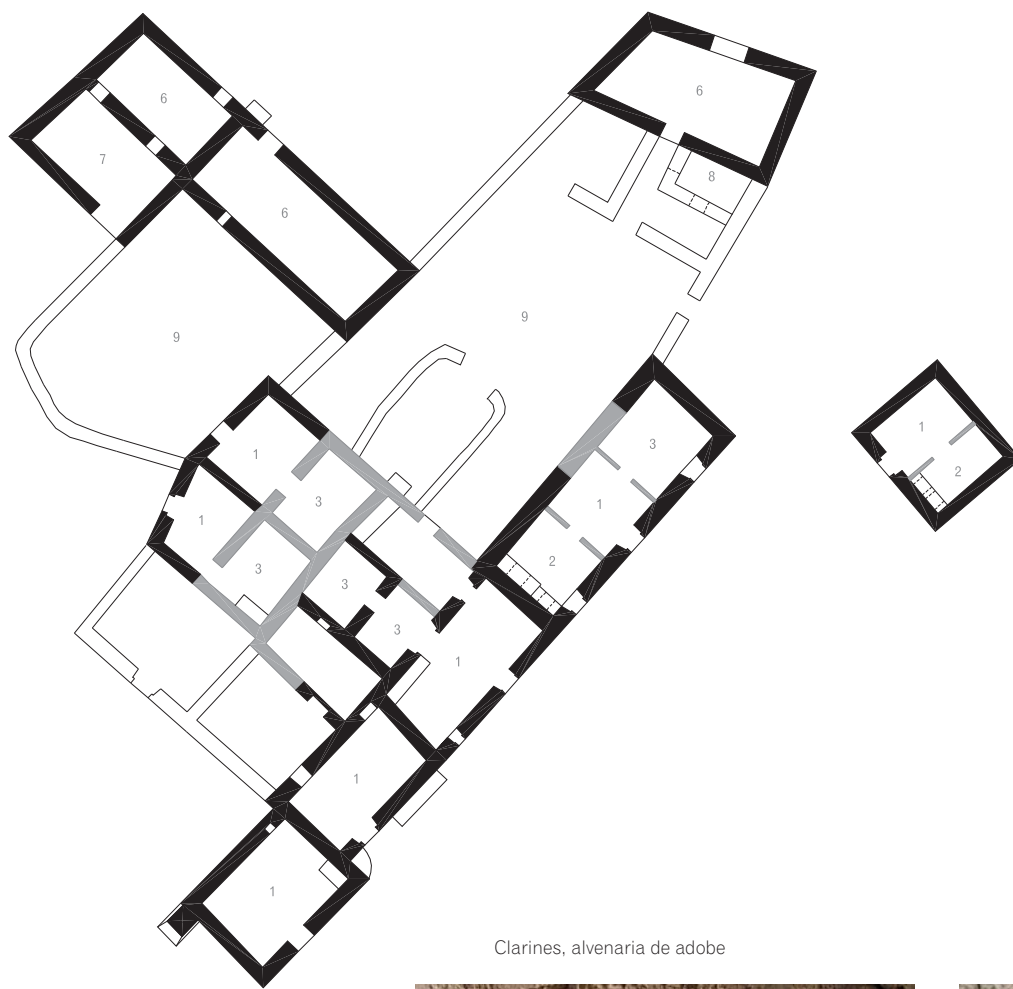
plantas, cortes e alçados 1:200

Viçoso, fornalha



Viçoso, monte do meio, casa de fogo com forno associado





monte do Viçoso
monte poente

planta 1:300

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 forno
 - 5 fomalha
 - 6 palheiro
 - 7 ramada/cabana
 - 8 galinheiro/coelheira
 - 9 curral
- preto: alvenaria de xisto
cinzento: taipas e adobes

Clarines, alvenaria de adobe



Viçoso, taipa e alvenaria de xisto



Paredes mestras e divisórias

À zona do Baixo Guadiana corresponde a construção generalizada da parede mestra em alvenaria de xisto, de suporte a uma estrutura de barrotes de cobertura, caniço e telha de canudo. A separação entre diferentes compartimentos integrados num mesmo conjunto resulta da execução de parede de xisto, de adobes ou, mais recentemente, de tijoleiras colocadas ao alto ou de tijolos maciços de barro. Na separação entre ramadas e palheiros é recorrente a execução de uma esteira de canas, empregue ainda como “pavimento” sobre a ramada para arrecadar palha. A execução de paredes em taipa é pouco frequente e confinada predominantemente à zona do litoral e, muito raramente, às zonas de transição para o concelho de Mértola.

^a “Era feita de pedra, de pedra e de barro. Fazia-se o alicerço¹³, tirava-se a medição. O alicerço é esta parte que se abre à picareta. E logo depois começava-se a construir a parede. A pedra? Algumas vieram dali, outras dacolá. Havia uns que tinham mais educação a escolher e outros menos. Com jeito tudo se fazia.”

^b “Olhe, metia-se umas canastrinhas em cima das bestas e... eu ia a buscar, ia a buscar além. Ia eu buscá-las em cima de uma besta, com duas canastras.

A gente além não tinha para criar um animal, não tínhamos além... Aqui tínhamos mais espaço, aqui podíamos criar animais e além, não, era só a rua mas não tínhamos mais nada. E então viemos para aqui.”

^c “Antigamente, faziam em cima... não faziam caboucos, faziam aí em cima dessa rocha. Isso era fazer uma raspagenzinha, uma raspagenzinha só até achar o chão firme e... pedras para cima e barro. A pedra arrancavam aí em qualquer barreira dessas. Arrancavam as pedras e tinham que as acartar. O barro iam buscar a

¹³ Alicerce

¹⁴ *Nerium oleander*

¹⁵ Camada

essas várzeas ao pé do rio. E pelos menos aí aos cantos era sempre travado. Por cima das portas eram paus, um pau de oliveira ou de chaparreiro, era aí atravessado, e pronto, e por cima pedra outra vez.

O pau desses chama-se a lumieira. A cobertura era com paus e canas. A cana deve ser apanhada aí em Janeiro. Janeiro e Agosto é que é a boa época de colher canas, e quando se fazia a casa noutra altura, já se tinha colhido as canas em Janeiro. E depois umas varas de loendro¹⁴, são abertas e, com pregos, é pregado aos paus. Os paus tinham que se comprar, eram dos pinhais. Vinham de barco, vinha tudo de barco para aqui. Na Romanita, no Cara Larga...”

^d “As canas iam colhê-las ao Pontal, faziam uma barda¹⁵, deitavam muitas canas, muitas, muitos molhos de cana. Depois deitavam-nos à água, depois vinham em cima deles, como uma jangada. Além havia um, era o porto do Montinho, e aqui era umas pedras.”

^e “Pois, era umas pedras, assim ao comprido, era uma parede, era o cais. As telhas era tudo lá de Castro Marim, ladrilhos e telhas era tudo de Castro Marim. Aqui coziam era cal. Já não há muitos anos que começaram a cozer aqui cal, dantes também vinha toda aí de baixo. Vinha a pedra de Santa Rita, vinha até Vila Real e era transportada por uns barcos. E havia muito forno desses. Ali à beira desse rio, por aí a cima até Alcoutim, isso era só fornos.”

^d “Era de dois, era deste aqui e de uma taberna lá em baixo e desta taberna aqui de cima. Este aqui, o avô da que está agora ali, é que trouxe para aqui esta coisa da cal. Este é que era o mestre da cal. Aquele do café lá de baixo foi depois deste, muito depois.

As chaminés... deixavam logo nas canas um buraco, que não punham telha nem cana e depois cá por fora faziam então a chaminé. Pois... era com ladrilho.”

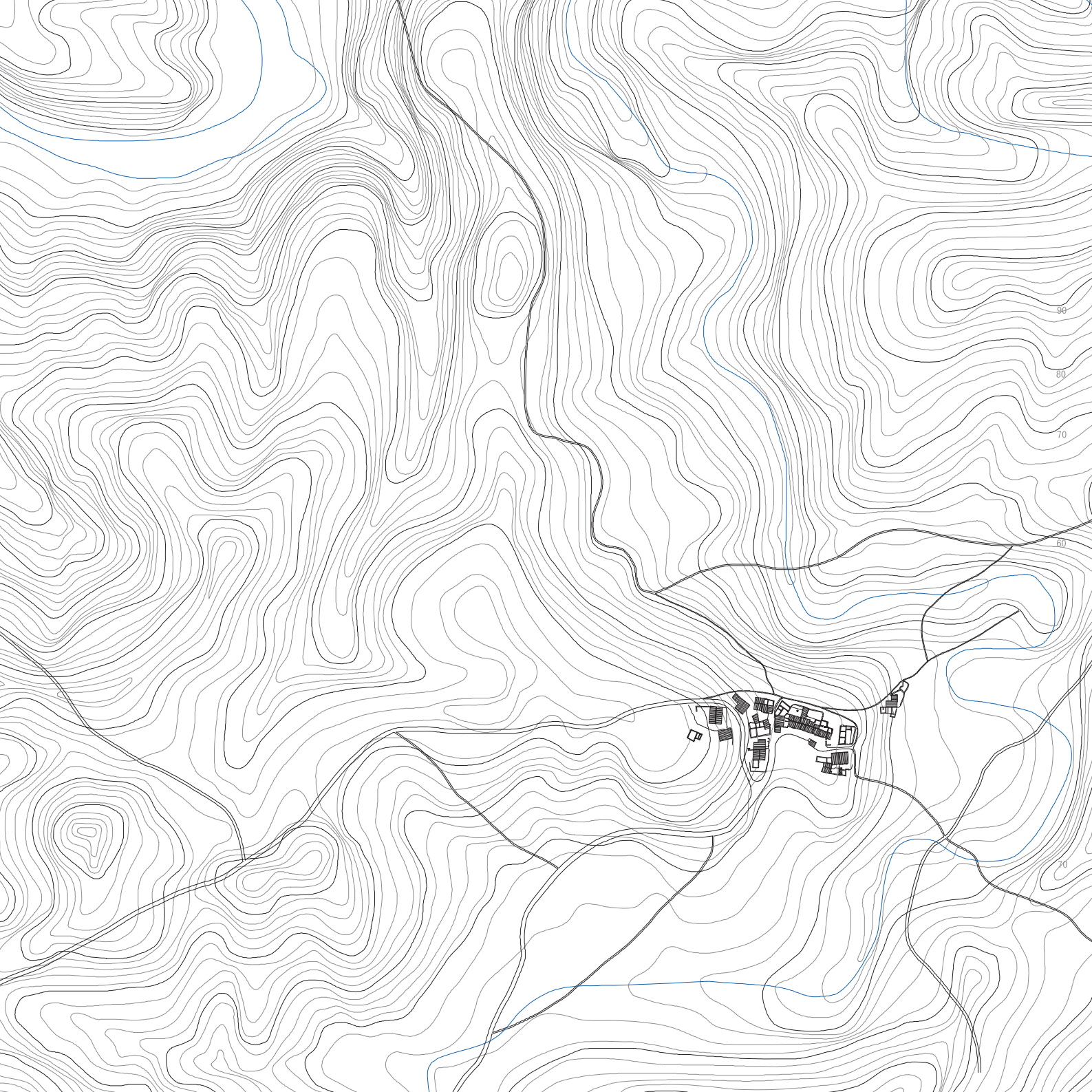
^{a,b} Sobre a construção da casa no sítio dos Currais Velhos, em 1959, onde não havia antes casa nenhuma Manuel Gonçalves, Monte do Cerro de Corte Gago, 1930 Bárbara Sequeira, Monte da Estrada de Corte Gago, 1931

^{c,d} Sobre a construção da casa Dimas Patrocínio dos Santos, Laranjeiras, 1930 Ilda Vaz da Palma Graça, Laranjeiras, 1928



Carvalhinhos





Carvalhinhos

freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim

Ao monte dos Carvalhinhos se acede por estrada em terra batida a partir da via de cumeada correspondente à EM512. Localiza-se na margem direita da Ribeira de Odeleite, na proximidade da barragem e em zona aplanada a meia encosta, rodeada a sul, nascente e norte por várzea agrícola.

Dispõe-se em dois conjuntos distintos contíguos. Um primeiro, na zona mais plana, de edifícios dispostos em linha formalizando o espaço livre mais relevante, a sul, onde se localizaria o forno do povo. Um segundo, na zona de maior declive, marcado por um conjunto de edifícios isolados orientados a nascente, de paredes posteriores como muros de suporte. A estrutura do conjunto edificado não sofreu alterações significativas nas últimas décadas, à parte as ampliações de um dos edifícios à entrada no monte.

^a “As casas mais antigas, nem eu e nem ninguém, dos que há aqui hoje, já é capaz de dizer quais serão as mais antigas. Não, ai isso não, nem eu e nem ninguém. Nem a minha mulher que nasceu aqui. As casas mais antigas, não sei, vá lá saber qual é as mais antigas. Tenho 77 anos. Ora eu tinha 30 anos quando vim para aqui. Nunca mais foi aqui uma casa feita. Desde que eu estou aqui nunca mais foi... Têm sido arranjadas, têm sido, já sabe...”

^b “Isso para já, para já, não lhe sei dizer bem. Tenho que perder um pouco para as contar, para contar os casais. Vá lá contando que eu lhe digo... vá conte lá você, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze. Onze casais. Uns tinham quatro filhos, outros tinham cinco, outros tinham dez.

Eu não morava cá nesse tempo, eu conheci-os... eu era pequeno, era assim pequeno, andava aí com umas

ovelhas e às vezes vinha aqui.

Os animais pequeninos, faziam-lhe uma cabana, de palha. Faziam um caniço de canas e logo com uma cabanita de palha. Hoje já fazem casas, não é verdade? Hoje já fazem casas mesmo para pôr o gado grande, já fazem casas. Nesse tempo não, faziam com canas e palha, palha de centeio ou junco.”

Carvalhinhos

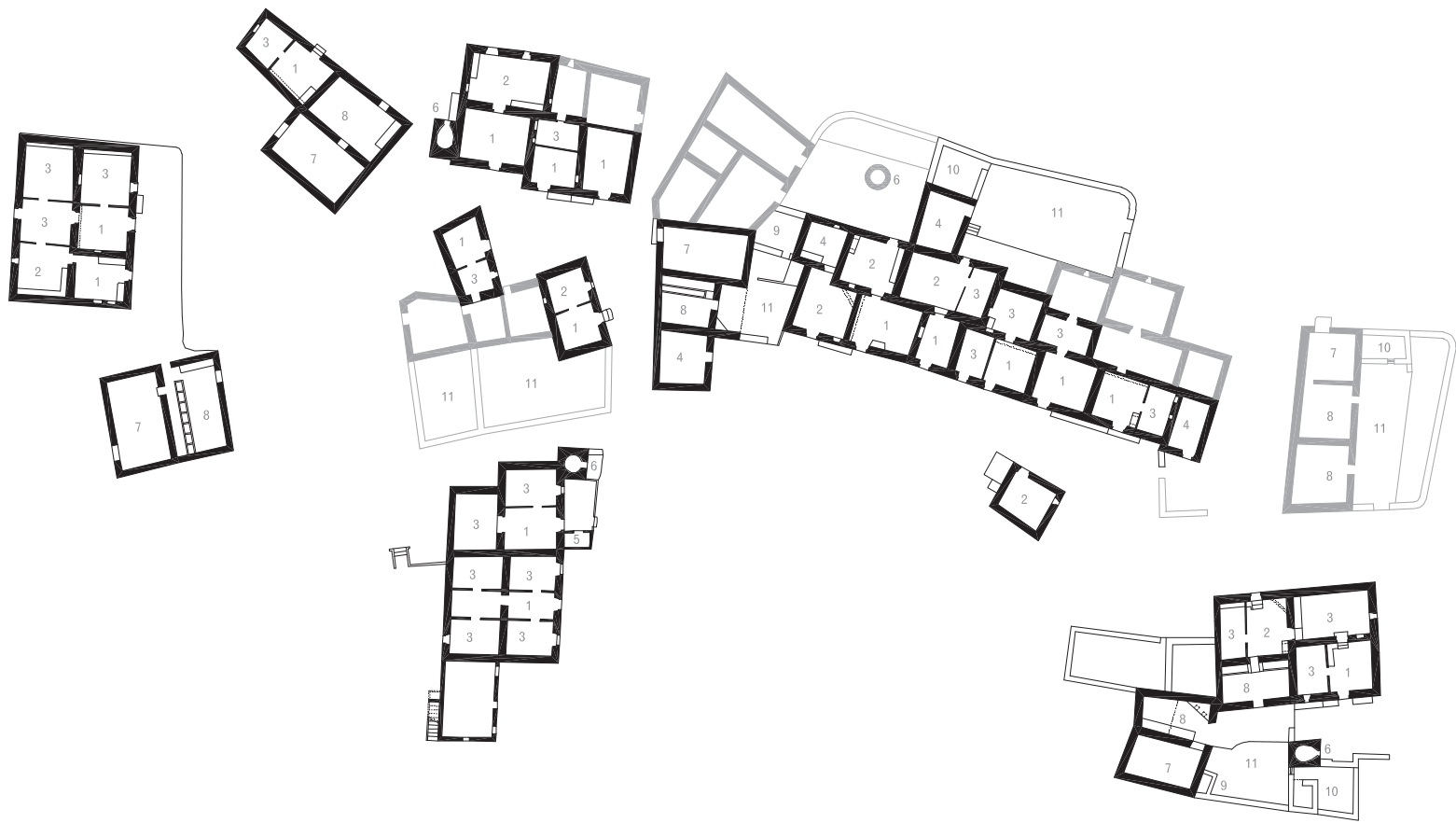


^a Junto à própria casa e dentro

Manuel Lourenço Martins, Carvalhinhos 1926

^b Sobre o número de pessoas que moravam no monte

Manuel Lourenço Martins, Carvalhinhos 1926



1, 2



3, 4

monte de Carvalhinhos

planta 1:500

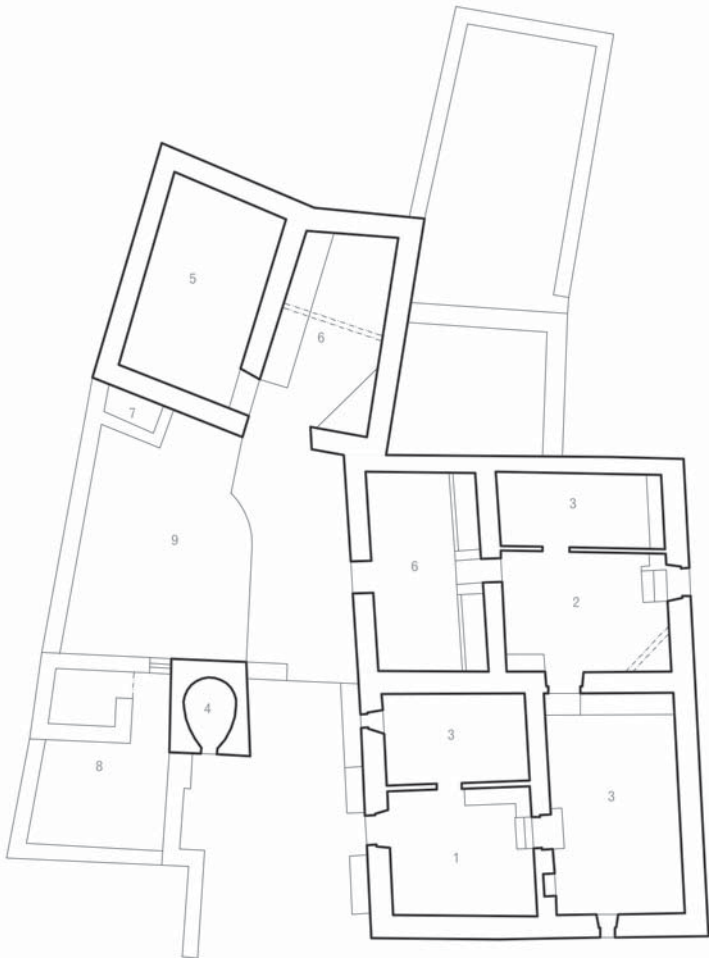
- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 palheiro
 - 8 ramada/cabana
 - 9 galinheiro/coelheira
 - 10 pocilgo
 - 11 curral
- cinzento: ruína

Carvalhinhos

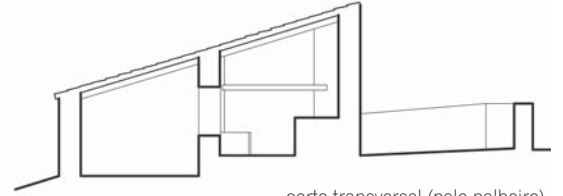
- 1 fachadas voltadas a sul
- 2 ramada
- 3, 4 palheiro
- 5 forno de pão
- 6 vista geral de poente

5, 6

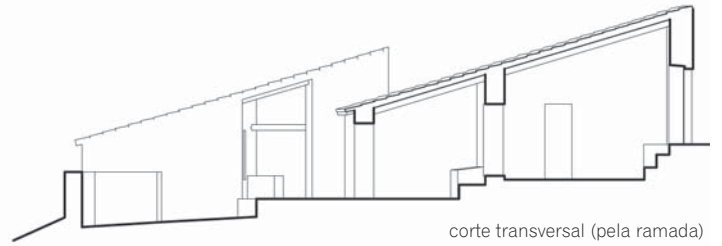




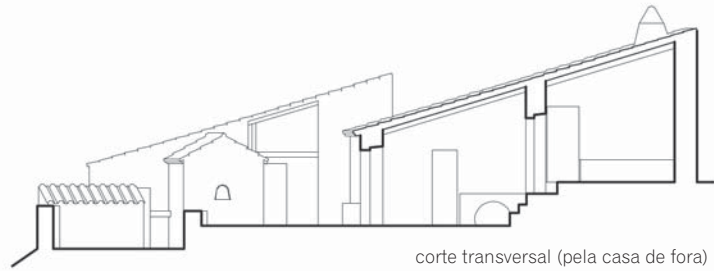
planta



corte transversal (pelo palheiro)



corte transversal (pela ramada)



corte transversal (pela casa de fora)



1

2



monte de Carvalhinhos
conjunto edificado a sudeste

planta e cortes 1:200

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 forno
- 5 palheiro
- 6 ramada/cabana
- 7 galinheiro/coelheira
- 8 pocilgo
- 9 curral

conjunto edificado a sudeste

- 1 vista geral
- 2 interior da habitação
- 3 palheiro
- 4 sobrado de caniço

3, 4



1



2



3



- fornos de pão
1 Corte Gago
2 Carvalinhos
3 Pomar
4 Moinho dos Furadoiros

4



O forno do pão

O forno do pão aparece, na maioria dos casos, dissociado de outras edificações, polarizando um espaço externo tantas vezes pouco definido. Reflecte, com o pavimento, com o poial e, por vezes, com a fornalha, a extensão do espaço doméstico para o exterior, sobrepondo-se a este.

Para além da memória mais difícil do forno do povo, ou do forno de poia, prevalece o forno individual reflectindo a estrutura dos núcleos familiares. Resulta muitas vezes de transformações progressivas, a partir do forno não caiado de planta circular, de cúpula de xisto e cobertura de xisto e barro. Às vezes associado a um alpendre numa tipologia já de transposição para aquela da casa de fogo.

Nos últimos tempos generalizou-se o forno de planta quadrada de cúpula em tijolo ou em fragmentos de telha reaproveitados e cobertura de telha de duas águas.

^a “Agora só quem faz é a gente, não? Havia mais fornos. Ali em baixo estava outro que era do povo, chamavam-lhe forno do povo. Juntaram-se todos, ou quase todos, e então um punha um dia de trabalho, outro punha uma saca de cal, outro punha uma saca de barro, outro punha uma pedra ou coiso, e juntaram-se todos e fizeram o forno. Ali coziam quase todos, hoje cozia um, amanhã cozia outro. Agora aquele além é só nosso. Aquele que está além, quando este aqui caiu ou as famílias foram embora e morreram, a gente fez o forno. Há quarenta ou cinquenta anos.

O do povo era em pedra, não tinha tijolo, não tinha nada, nesse tempo não havia tijolo. Era aqui mesmo, era o forno do povo, era aqui. Era um forno redondo, esse era redondo, e por cima era de barro, não tinha telha. Coziam aqui todos. Agora quando esse caiu, as famílias... então os meus sogros fizeram além aquele fornito... é nosso, pronto e coze a gente além.”

^b “Aqui era o forno do monte. Quando fizeram aqui

¹⁶ Cacos

¹⁷ Alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*)

¹⁸ Mão cheia, mão cheia

este trabalho no caminho, depois desmancharam.

Entendíamos-nos bem. Eu dizia assim: Olhe vizinha eu cozo amanhã. Ela dizia: Pois eu cozo depois. Cozíamos assim todos atrás uns dos outros, que era para o forno estar sempre quente. Eu cozia hoje, a vizinha cozia amanhã, a outra vizinha tinha falta, cozia no outro dia. Fazíamos assim para ele se aguentar quente, para não cair. Por dentro era de cascos¹⁶. Cascos de telha. Esta telha foram buscá-la aqui em baixo, a esses cascos, onde chamam... onde a gente chama farrobeira¹⁷ do monte, onde está ali umas paredes derrotadas e vigas, e então iam buscar lá. Ali daquela casa para baixo onde está uma alfarrobeira grande.

Chama-se a Farrobeira de Romões. E por cima da farrobeira está uns alicerços antigos. E então iam buscar os cascos ali. Aquilo derrotou-se, caiu, partiu-se, e eles iam buscar ali os cascos.”

^c “Aí era o forno do monte, o forno do povo... é de toda a gente. Agora foi arranjado, mas já ninguém coze. E depois as pessoas faziam assim: eu queria cozer amanhã, vinha aqui e punha uma machinha¹⁸ de lenha e punha uma pedra em cima, não é assim? Depois a mulher dele queria cozer de manhã, e: Ai! já está aqui o sinal. Mas punha outro. Depois vinha a outra: Ai! já estão dois sinais.”

^d “A gente víamos o forno arder: Olha já está o forno ardendo, já posso ir amassar. Quando aquela se acabava de aprontar, já o da outra estava amassado. Depois quando aquela tirava o pão, a outra puxava fogo ao forno, a segunda...”

^c “Chegava-se a cozer duas e três no mesmo dia. A primeira gastava mais lenha, a segunda e a terceira, já menos...”

E o meu pai trabalhava além, e uma vez diz que o

^a Sobre o forno do povo dos Carvalhinhos
Manuel Lourenço Martins, Carvalhinhos, 1926

^b Sobre o forno do monte de Corte Gago
Maria Teresa Sequeira, Corte Gago, 1926 e filho, Corte Gago, 1951

^{c,d} Sobre o forno do povo das Laranjeiras
Maria Ivete Vaz da Palma, Laranjeiras, 1936
Ilda Vaz da Palma Graça, Laranjeiras, 1928



1



2



3



4



5

6



7



8



vento quando era de baixo, entrava-lhe o fumo em casa, e sabe o que ele fez um dia? O meu pai veio e pôs aqui um sinal: Hoje não há-de cozer nenhuma que me enche a casa de fumo. Ela vinha cá: Ai! já está aqui um sinal. Logo iam-lhe perguntar: Mestre Palma, de quem é o sinal que está aqui? Não sei, não vi pôr! Ia-se embora, punha um também. E logo vinha-se assomar: Ai, mãe!, ainda o forno não arde. E logo vinha outra e punha outro sinal: Mestre Palma, de quem é o primeiro sinal que está aqui? Não sei, eu não vi. Nesse dia o forno não cozeu e ele passou o dia sem fumo lá em casa.”

^d “Isto aqui fora era talisca e no próprio chão, na talisca, fizeram uma cova onde se molhava as toucas do varredoiro. Era um pau comprido com trapos atados lá à ponta, molhava-se para arrojá a cinza e o borralho cá para fora. Primeiro com o rodo arrojavam os borralhos, depois ficava a cinza e com este, com o varredoiro, é que tiravam então a cinza. Depois tinham a pá e o forçado para empurrarem a lenha.”

^e “O forçado, a pá, o rodo e o varredoiro.”

^e “O único forno que havia era este, antigo. Estava outro ali mas esse feito já mais moderno, mas este é que foi o antigo, o primeiro. Era o forno do monte inteiro. Todas as mulheres faziam aqui, coziam num dia todas aqui neste forno.

Começavam a cozer antes de vir o dia e acabavam às tantas da noite...”

* Sobre o forno do monte de Fortes
Serafim Rosa, Fortes, 1917

fornos de pão

- | | |
|----|---|
| 1 | Monte Novo, varredoiro |
| 2 | Monte Novo, rodo |
| 3 | Monte Novo, pá |
| 4 | Pomar |
| 5 | Silveira |
| 6 | Beliche de Cima, interior de forno |
| 7 | Serranos, interior de forno |
| 8 | Rocha dos Corvos, boca do forno |
| 9 | Montinho das Laranjeiras, forno de pão com alpendre |
| 10 | Fortes, forno de pão com cobertura plana |



9



10

- 1 Montinho das Laranjeiras, coberturas
- 2 Montinho das Laranjeiras, telhas
- 3 Beliche de Cima, coberturas
- 4 Carvalinhos, beirados com sub-beira de telha
- 5 Montinho das Laranjeiras, beirado com sub-beira de tijoleira
- 6 Vale da Rosa, beirado com sub-beira de lajes de xisto

1, 2



3, 4

5, 6



Coberturas e beirados

No conjunto, as coberturas reflectem o sítio do assentamento: de duas águas na zona de cumeada; de uma água, com o sentido da pendente acompanhando o declive, a meia encosta.

A cobertura generalizada no Baixo Guadiana corresponde, ao nível do património rural, à cobertura inclinada de uma água, de barrotes assentes nas paredes de alvenaria, raramente se encontrando o pau de fileira.

Na zona serrana a cobertura plana restringe-se ao aproveitamento, pouco frequente, da cobertura do forno, ou a edifícios de recente época de construção.

No monte dos Carvalinhos predomina o duplo beirado, existindo também beirados com sub-beira de tijoleira tradicional de barro (30x15cm) ou de lajes de xisto. Para além do beirado simples constituem estes os três tipos de beirado mais frequentes na área de estudo.

^a “Isso foi quando o telhado foi feito. Esse telhado já umas poucas vezes que é arranjado, mas isso fica assim. Nunca me lembro de ser feito de novo, isso é feito quando a casa é feita, não é verdade? Chamam-lhe a beira-telha, e então isso é feito quando o telhado é feito. As de cima são tiradas e são postas, agora essas aí não. Só que se parta uma, não é verdade? Às vezes pode-se partir uma e têm que lhe tirar aquele pedaço e pôr outra.

Aquela casa também tem. Chama-lhe a gente uma casa de despejo, até nem é minha, e agora vou compô-la, vou arranjá-la. Olha, isso até faziam azeite aí, era uma casa para fazer azeite, assim com aquela coisa da mocilha¹⁹. Bastante que ele foi feito aí, bastante azeite, levavam os homens aí de noite. Começavam de madrugada cedo e ia, às vezes, até às tantas da noite, assim coitadinhos, espremendo assim para ganhar meio litro de azeite, não?

^a Referindo-se ao duplo beirado
Manuel Lourenço Martins, Carvalinhos, 1926

¹⁹ Saco pequeno

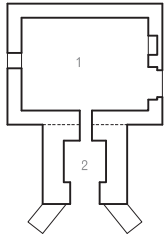
E logo os velhotes foram morrendo, foram morrendo, e agora vem o neto e eu estou à posse disso, ele entregou-me isso junto de um bocado de terra que está aqui. Da terra pago renda, agora da casa não lhe pago. Diz-me ele: Não a deixe cair, arranje-a. Agora vou compô-la, olhe agora ia mesmo para ali para colher canas, para fazer o caniço. Pôr as canas eu faço, e tenho quem faça, agora pôr a telha isso é que já tem que ser um mestre. As canas são postas uma camada por aí a fora e são pregadas a pregos ao pau. A cana vai-se pondo pouco a pouco, por exemplo cinco canas, dez canas, vai-se pondo uma vara, chama-lhe a gente uma vara de loendro, e vai pregando com pregos. E os paus foi a gente a buscar a Vila Real.”

^b “Está no tempo de apanhar as canas agora. Janeiro e Fevereiro. Apanha-se nesta altura porque a cana não tem visco, não está crescendo. A cana agora, para o mês que vem, Março e Abril, já a cana começa a reben-tar, não é verdade? Depois a seguir... logo tenho que as pelar, têm que ser peladas assim. E logo é fazer o caniço. Podia-se fazer já, mas não há vagar. Talvez ele não seja feito tão pouco.”

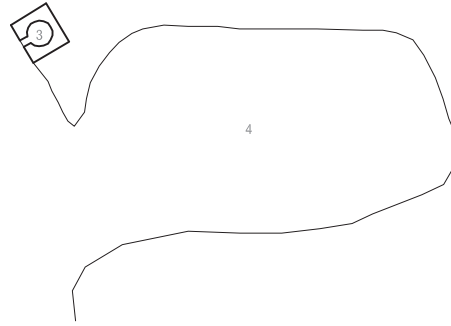
^c “Quando começaram a fazer foi agora... as casas antes não tinham platibandas, era tudo baixinho. Deve haver aí... vinte ou trinta anos, mais ou menos, foi quando começaram aí a haver essas platibandas. Todos tinham umas figueiras, não é verdade? E apanhavam os figos e para secarem os figos punham ali em cima. Vinha o tempo da uva, já não havia figos... dava-se sol às uvas. Que está a tal platibanda e está aquela coisa ali, que chamam a... varanda. Mas há muitas que não têm varanda e a platibanda é só para fazer vista à casa. É só uma vista para a casa.”

^b Junto à ribeira a apanhar as canas
Manuel Lourenço Martins, Carvalinhos, 1926

^c Sobre as casas com platibanda, em Fortes
Serafim Rosa, Fortes, 1917



5



barranco do Caldeirão
telheiro

planta 1:300

- 1 habitação
- 2 forno de telha
- 3 forno de pão
- 4 barreiro
- 5 eira

barranco do Caldeirão, telheiro, vistas nascente



O telheiro

As estruturas de produção de telhas e de tijoleiras de barro, de localização naturalmente condicionada pela existência da matéria-prima, concentram-se de modo particular em diferentes bolsas ao longo da zona de transição do litoral e barrocal com a serra. A partir daqui era servida toda a área serrana, onde eram praticamente inexistentes os telheiros, constituindo aquele do barranco do Caldeirão, na proximidade do monte de Fernão Gil, uma das raras excepções.

Na área circundante a Castro Marim concentram-se os fornos do sapal, assim designados dada a proveniência do barro empregue. Os telheiros existentes na zona do Baixo Guadiana encontram-se hoje desactivados, em contraponto com aqueles situados na área circundante a Santa Catarina, no concelho de Tavira, que constituem no seu conjunto um importante centro de produção de telhas e tijoleiras tradicionais.

^a “Eu era gaiata nesse tempo... Eu via era lá os telheiros fazendo telha e colhendo lenha para cozer as telhas. Aquilo lá havia muito barro vermelho e faziam aquelas telhas, com aquela forma, e quando elas estavam enxutas punham a cozer. Enchia-se o forno de lenha e punha-se as telhas além em cima e coziam...

Aquilo tinha uma casa e tinha um forno, assim com umas grades: punham as telhas em cima das grades e a lenha cá por baixo, para cozerem as telhas. Quando estavam frias tiravam as telhas. Amassavam o barro naquela eira em frente. Iam buscar água lá em baixo: tinha lá uma cova, no Inverno juntava ali muita água.

As telhas arrimavam-nas ali numa coisa qualquer, depois iam lá comprá-las, aqui destes montes, nem deixavam cozê-las e vinham logo buscá-las. Tijolos não faziam, não vi lá essas coisas, só telhas... E agora fazem nesse Algarve, já não fazem aqui. Já há muito tempo que não trabalha: desde que eu me conheço já como

²⁰ Vertente de um serro com menor exposição solar. Neste caso, identifica a lenha apanhada numa dessas áreas.

mulher nunca mais eles trabalharam... acabaram com aquilo.

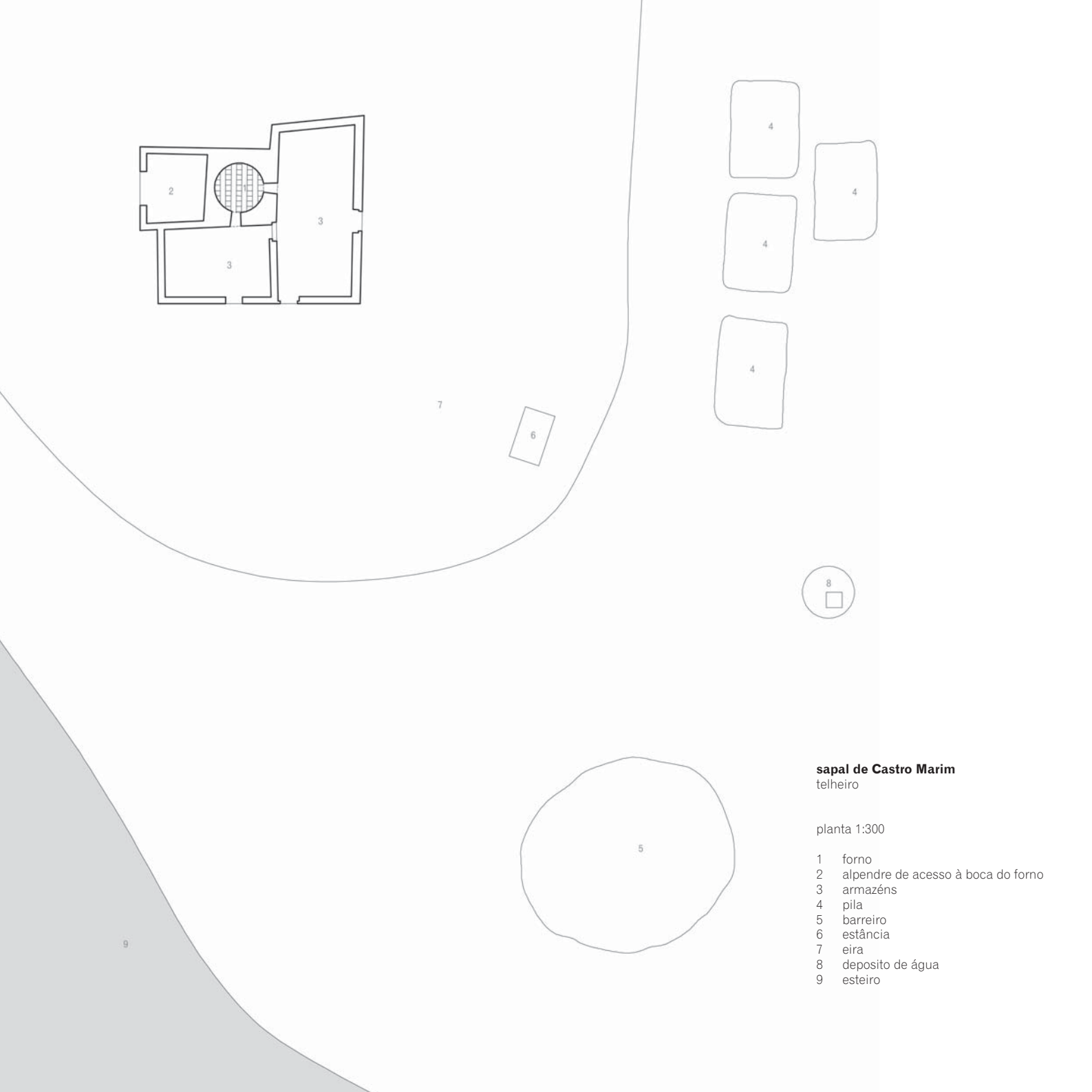
Não morava lá muita gente. O telheiro vivia lá com a mulher e os filhos. Tinham lá uma casa, lá dormiam. Vinham comprar coisas aí: pão, azeite, essas coisas... Não eram daqui, eram aí de baixo, desse Algarve, os telheiros, chamavam-lhes os telheiros. Lá estavam todos, lá dormiam e comiam todos. Devia ter um sobradozito para porem as coisas lá em cima, a comida, essas coisas... Eu não conheci mais telheiros por aí na serra.

As pessoas iam buscar as telhas ali, ainda me lembro do meu pai levar uma umbria²⁰ de lenha e estevas para eles darem telhas, à conta de lenha. Davam aquele refugio, aquelas aleijadinhas, enganavam-nos: davam-nos aquelas que os outros recusavam... As telhas melhores tinham mais freguesia, quem ia a comprar escolhia daquelas melhores, não ia comprar daquelas aleijadas, o meu pai não estava lá, punham-nas ali e aquelas é que eram para ele... Esse telheiro aí ainda tem telhas, pois tem: essas aleijadinhas, ficaram para o meu pai, aí nas ramadas, e ficaram bem cozidas. A lenha compravam um dia a um, outro dia a outro, compravam aí às pessoas...

Eles para fora não iam, dormiam aí... Vendiam para aí para esses serros... Faziam muita telha, agora neste tempo: começavam à entrada do Verão e iam até ao fim do Verão...”



^a Sobre o telheiro do barranco do Caldeirão
Maria Isabel, Fernão Gil, 1919



sapal de Castro Marim
telheiro

planta 1:300

- 1 forno
- 2 alpendre de acesso à boca do forno
- 3 armazéns
- 4 pila
- 5 barreiro
- 6 estância
- 7 eira
- 8 deposito de água
- 9 esteiro

^b “Em princípio, quando se faz um forno destes, faz-se em sítio onde se possa tirar barro em volta redonda. Como a gente já não tinha barro aqui na área íamos a buscar o barro a outro lado. O forno já tem mais anos do que eu. Eu já tenho 75 anos e o forno mais de 100. Era do meu avô e antes de ser do meu avô era de outro senhor que morava lá na rua também... Um forno como este não há nenhum por aqui, tapado, com abóbada. A chaminé era aqueles buracos, e quando acabava de cozer tapava-se com dois tijolos, para não abafar o calor. Este forno por acaso é redondo, quando era no tempo do meu avô era quadrado, mas dentro do quadrado fiz o redondo, porque o redondo sempre não tem aqueles cantos agudos que é o que custa mais, muita das vezes, a cozer, principalmente quando o forno era destapado. Há muitos anos que foi feito, foi comigo, há mais de 30 anos. Desmancharam-se duas paredes para se poder fazer o redondo, foi por isso que se teve de baixar o forno mais para baixo para levar mais fiadas, mais “adagues”, de altura...”

Quando era quadrado tinha só uma entrada, agora tem duas. A porta mais baixa era para ir [enchendo] até meio e a outra porta, cá de cima, era para acabar de encher. Eram feitas em bocados de tijolo e depois eram rebocadas por fora, com o próprio barro misturado com areia, para não rachar, para não sair o calor e não entrar o vento. Os outros fornos eram todos diferentes deste. Este, se não for o mais antigo, está nos mais antigos...

Era o forno e era uma casinha pequeninha, que era onde guardavam as ferramentas, onde comiam... Depois já foi acrescentado um armazém grande, para a obra que se acartava já estar debaixo de telha. Quantas noites eu estava muito bem a dormir, em casa, e ouvia “pingo-pingo”, a gente não dormia tão pouco e toca a vir a fugir, a correr, a guardar, parte das vezes ainda dava tempo,

outras vezes não dava tempo. Perdia-se o que se tinha feito durante tantas dias, até às vezes já depois de estar dentro do forno, quando o forno era destapado.

Havia 10 ou 12 telheiros aqui na zona, no sapal, pois isto são fornos de sapal, o barro é do próprio sapal... Só o único que existe, que sabe fazer tudo do princípio ao fim, sou eu, já sou eu sozinho... Ele havia dois ou três fornos aí [na serra], não sei porque é não faziam mais, não teriam barros próprios para fazer. Para a Mina de S. Domingos, sabe bem as carradas de obra que foi para lá... ia para Mértola, para o Pomarão, ia aqui para zona...”

^c “Tudo aquilo era barro salgado, e eu lavrava uma tira de sapal, no princípio logo do Verão; passava o Verão, aquilo torrava. Depois vinha o Inverno, aquilo abria como a cal, adoçava e era esse barro que eu ia gastando no ano seguinte. Ia lavrando às tiras e ia enchendo à pá. A gente ia buscar o barro aí, ao sapal, principalmente para os tijolos, para os tijolos tinha de ser um barro especial, um barro mais ou menos doce, e era deitado nestes buracos que tem o nome de pilas. Era tudo feito ao ar livre, toda esta zona aqui[eira], e a gente chegou a fazer aqui longe, só depois de feitos é que os acartávamos, por causa de aproveitar o sítio do barro...”

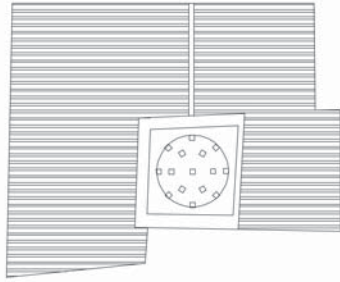
De Inverno trabalhávamos conforme o tempo, sempre há dias, mas era mais o tijolo, porque mesmo que apanhasse assim um bocadinho de água e ficasse assim com as pingas não fazia mal, já as telhas começavam a cair, a ficar pegadas ao chão...

telheiro no sapal de Castro Marim, vista geral

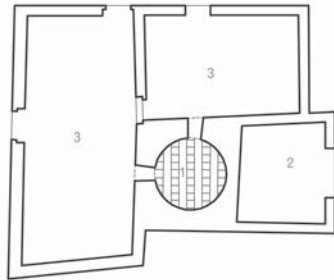


^b Sobre um dos telheiros do sapal de Castro Marim
Ildefonso Manuel Viegas, Castro Marim, 1929

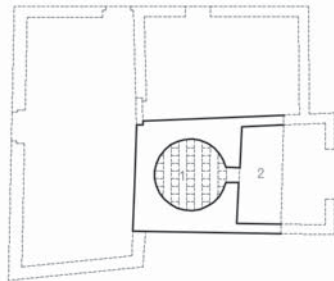
^c Sobre a produção de telhas e ladrilhos num dos telheiros do sapal de Castro Marim
Ildefonso Manuel Viegas, Castro Marim, 1929



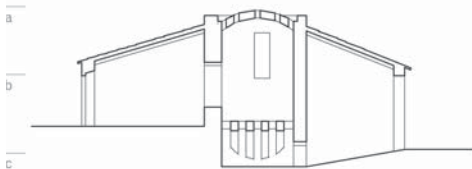
planta a



planta b



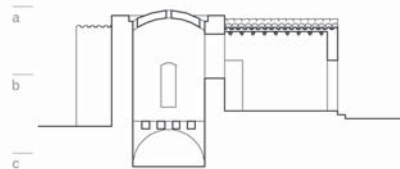
planta c



corte transversal



1



corte longitudinal

sapal de Castro Marim telheiro

plantas e cortes 1:300

- 1 forno
- 2 alpendre de acesso à boca do forno
- 3 armazéns
- 4 caldeira

- 1 Castro Marim, pila
- 2 Castro Marim, forma da telha e galapo
- 3 Santa Catarina, caldeira
- 4 Santa Catarina, colocação do ladrilho no forno, para cozer
- 5 Santa Catarina, boca do forno

2



Eu cozia sempre no dobro do tempo dos outros. Porque eles quanto mais depressa se despachassem de cozer mais depressa se iam embora e não se importavam que em baixo ficasse queimado e em cima ficasse cru, e eu, como era meu, tinha o máximo cuidado de fazer a coisa: se havia de levar 14 ou 15 horas, levava 17 ou 18, para ficar tudo bem cozido...

O largo onde púnhamos a obra cozida era aí nessa frente e íamos tirando daí a obra, e depois à medida que iam aparecendo os fregueses assim íamos vendendo.

A lenha vinha de vários sítios: de Vila Real de Santo António, dos montes do rio em faxinas, em barcos - ali desembarcavam e eu ia e acartava. Cheguei até a ir a Odeleite buscar carradas de lenha, era uma por dia, não podia ser mais. Cheguei a ir a Santa Rita... Era preciso ir quase a dormir por lá uma noite... Trazíamos a lenha em carros de besta. Chegou a vir até do Azinhal, do Montinho [das Laranjeiras], em burros - carregavam três feixes em cada burro, parte das vezes nem se viam as orelhas..."

3

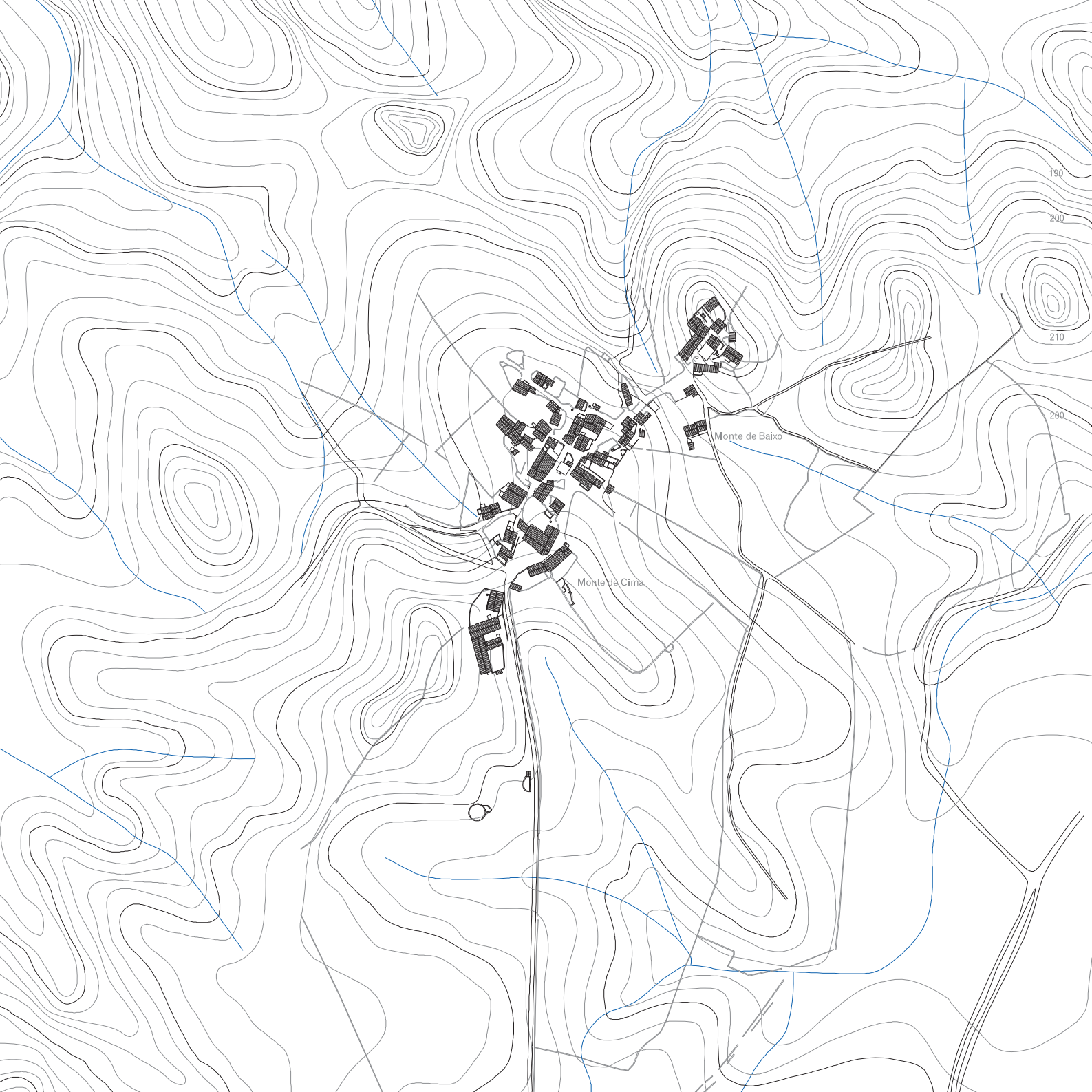


4, 5

Clarines







Clarines

freguesia de Giões, concelho de Alcoutim

página 56
Clarines, planta enquadramento 1:4000
páginas 54, 55
Clarines, vista geral poente

O monte de Clarines localiza-se na “linha” de transição do planalto de Alcoutim com a zona de maior declive da encosta sul da Ribeira do Vascão. É constituído por dois núcleos distintos separados por zona de várzea e organizados ao longo de um mesmo eixo. O Monte de Baixo, de menores dimensões, situa-se a nordeste do conjunto, sendo valorizado pela presença rara de uma Ermida. O Monte de Cima é marcado pela contiguidade entre núcleos de pequenos proprietários e núcleos de lavradores, no limite sul, comportando muitas das características próprias dos montes de lavrador, nomeadamente ao nível da dimensão e tipologia das estruturas construídas de apoio às actividades agro-pecuárias.

Clarines poderá ser entendido enquanto parte de uma estrutura mais ampla, integrando ainda o monte de Farelos, composto também por dois núcleos, e rodeada por um número considerável de currais e parcelas muradas.

^a “Sim, tinha dois lavradores. Viviam cá, mas os lavradores nesse tempo não tinham a vida que há hoje: não tinham carro, iam numa égua, iam num burro. Os lavradores eram pessoas que não trabalhavam, mas também não tinham dinheiro, que a vida era fraca. Tinham trigo à farta para comer... Tinham criados, mas não podiam meter toda a gente, que havia aí muita gente. Famílias, deviam ser umas cinquenta e tal, isso estava tudo ocupado, cada casa tinha cinco ou seis filhos, nesse tempo havia mais filhos. Agora tem aí meia dúzia de pessoas...”

^b “Havia três lavradores. Um era aqui a casa do sr. Silvestre, a mãe dele também era e eles, depois, estavam os quatro [filhos] aí na mesma casa e faziam a lavoura juntos. E também davam que fazer, assim no

²¹ *Cistus ladanifer*

tempo da azeifa. Agora aqueles dois outros além é que eram muito grandes...”

^a “Estavam sempre cinco ou seis homens [permanentemente] e depois, no tempo da amêndoa, da azeitona, metiam quatro ou cinco mulheres e davam assim que fazer às pessoas, a lavrar, que naquele tempo era com parelhas de bestas...”

^c “Havia pessoas que viviam aqui, trabalhavam, faziam terrenos... Era uma vida de miséria, noutro tempo, aqui... Só ouvia dizer o meu pai, e o meu irmão que era mais velho que eu: quando a Mina de S. Domingos trabalhava forte este pessoal aqui trabalhava ali muito e então essas cercas aí, isso que está aí tudo limpo, estava cheio de estevas²¹, já velhas. Depois, com o despedimento, o pessoal acolheu-se aí todo. Foi quando limparam esse terreno todo, a fazer lavoura por conta deles. Faça a conta o que ia aí de miséria, os terrenos são pobres, mas enfim, as pessoas viviam aqui. Depois ia a rapaziada nova fazer umas temporadas ao Alentejo, à monda, à azeifa, e depois acolhiam-se aí.

Clarines, vista geral



^{a,b} Sobre os lavradores de Clarines
José Manuel, Clarines, 1936
Cesaltina Bárbara, Clarines, 1933
^c Sobre o monte de Clarines
José Manuel, Clarines, 1936



Clarines

planta geral 1:2000

Semeava-se trigo, cevada, tremoço... O tremoço era para dar aos porcos. Agora, lavoura já não se vê nada. O trigo ficava com as pessoas, que aquilo não dava para mais. As pessoas é que fabricavam: havia moinhos, nos moinhos havia pessoas a moer, e depois as mulheres coziavam em casa, nos fornos. Agora a gente tem pão do padeiro. [Quem não tinha forno] pedia ao vizinhos e não pagavam nada, não deixavam nada. As pessoas davam-se melhor nesse tempo do que se dão agora... Conviviam mais: a televisão é uma coisa instrutiva, mas que é certo é que as pessoas tem televisão e agarram-se à televisão e não convivem como conviviam noutro tempo.

Havia aquela casa de lavrador, que está ali no largo, aquilo à noite enchia-se, todas as noites estavam ali, jantavam e iam para ali fazer serão, conversar da vida, do trabalho... Bailes, também faziam, nessa altura havia aí muita rapaziada. Havia aí um senhor dos Farelos que era tocador e no Verão faziam bailes.

Havia muito rebanho, mesmo pessoas pequenas tinham algum gado. E os lavradores tinham: tinham ovelhas, tinham cabras, tinham porcos... Só bestas, passavam mais bestas à minha porta que agora pessoas. Iam os almocreves, que é quem anda à frente da lavoura e trata das bestas, aí ao poço, aí em baixo, dar de beber às bestas.”

“Então os pobres que é que tinham? Diga-me lá... noutro tempo? Tinham que andar lá trabalhando à dos lavradores, ganhando vinte e cinco tostões por dia. E outros nada. E alguns, sabe o que eles faziam? Coitados, havia pobres que tinham quatro, cinco, seis filhos, iam para lá para casa deles, descalços, e iam para o comer. Iam guardar os porcos, as vacas, coitadinhos, ganhavam o comerzinho, mais nada.

Na aceifa não pediam trabalho, iam eles a dizer: Quer vir a ceifar amanhã? E as pessoas diziam que iam, pois tinham falta. Iam e voltavam a casa. Aqui na zona voltavam todos. Mas eles não se importavam que fosse perto ou fosse longe, pagavam o mesmo: Queres ir vai, não queres ir? vai outro. E as pessoas tinham falta, coitados, enfiavam-se. Com as cabras era uma coisa parecida. Consertavam para aí um por ano. Era de 29 de Junho a 29 de Junho. Pagavam ao ano, era conforme ajustavam.”

“Da Ermida... Eu sempre me lembro de ela estar além. Iamos a rezar, às novenas. Porque aquilo havia uma oliveira, assim mais ou menos a meio do largo, e tinha assim uma grande taroca - chamava-lhe a gente - assim um grande buraco, que a oliveira já uns séculos que tinha e estava carcumida. E diziam que começaram a fazer a Ermida não sei onde e a Nossa Senhora só aparecia ali, naquele buraco da oliveira. Foi por ela aparecer sempre além que deram em pensar que se calhar ela queria que fizessem além a Ermida e depois fizeram-na além. E depois ficou a Nossa Senhora da Paz da Oliveira.”

Clarines, habitação e ramada (ao fundo)



^d Sobre o trabalho com os lavradores.

António Madeira, Viçoso, 1927

^e Sobre a ermida da Nossa Senhora da Paz da Oliveira, de Clarines
Cesaltina Bárbara, Clarines, 1933

monte de Clarines

Monte de Baixo

planta 1:500

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 casa de despejo/celeiro
- 5 instalação sanitária
- 6 forno
- 7 fornalha
- 8 palheiro
- 9 ramada/cabana
- 10 galinheiro/coelheira
- 11 curral
- 12 ermida
- 13 sacristia

* levantamento não realizado
cinzento: em ruína

Monte de Baixo

- 1 Ermida
- 2 ramada/palheiro
- 3 ramada (antiga unidade de habitação)
- 4 habitações



2



3

1



4

monte de Clarines

Monte de Cima, núcleo central

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 fornalha
 - 8 palheiro
 - 9 ramada/cabana
 - 10 curral
 - 11 escola
 - 12 sociedade recreativa
- *levantamento não realizado
cinzento: em ruína



1



2

3



4



Clarines

- 1 habitação com sobrado, casa de fora e casa de dentro (ao fundo)
- 2 habitação com sobrado, acesso ao sobrado
- 3 cunhal chanfrado
- 4 ramadas



monte de Clarines

Monte de Cima, casas de lavradores

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 instalação sanitária (sob sobrado)
 - 7 forno
 - 8 palheiro
 - 9 ramada/cabana
 - 10 alpendre
 - 11 galinheiro/coelheira
 - 12 pocilgo
 - 13 curral
 - 14 poço
 - 15 escola
 - 16 mercearia
- cinzento: em ruína



1



2

Clarines

- 1 lavagem da roupa
- 2 casa de lavrador, alpendre
- 3 largo da entrada do monte
- 4 "casa dos três bicos"

3



4





1



2



3

- 1 Clarines, casa de lavrador, palheiro
- 2 Clarines, palheiro
- 3 Clarines, ramada (sob sobrado)
- 4 Rocha dos Corvos, ramada (sob sobrado)
- 5 Clarines, ramada (sob sobrado)

4



3



O palheiro e a ramada

A inter-dependência das funções relativas ao palheiro e à ramada poderá corresponder a um edifício único com ou sem divisória de caniço, a duas células edificadas contíguas ligadas por vão interno ou a duas células sobrepostas com sobrado de madeira ou caniço em edifícios de dois pisos ou de pé-direito alto. Noutras circunstâncias o palheiro aparece dissociado da ramada, como os palheiros de planta circular e cobertura de palha de centeio, frequentemente situados na proximidade de uma eira. Dispõem, na generalidade, de dois vãos distintos: a porta e o boqueirão, este associado ou não a um poial através do qual é colocada a palha no interior. As ramadas podem corresponder a espaços únicos ou a espaços dissociados para equídeos e bovinos, condição evidente nas manjedoiras que poderão aparecer encostadas a uma parede ou formando um corredor de serviço.

Por vezes, em especial nos montes de lavrador, aparecem, contíguos ao conjunto edificado constituído pela ramada e pelo palheiro, espaços exteriores cercados para gado que reflectem, ou reflectiam, a dimensão do rebanho - os currais.

^a “Aí atrás é uma casa que tenho aí. Logo ali à outro lado é a malhada dos burros. A arramada. Nalguns sítios, ali para o lado de Tavira, chamam-lhe cabana, mas logo aqui chamam-lhe a arramada. Tem o nome de arramada. Disse malhada porque é onde os animais moram, é a malhada deles, pois... Mas o nome verdadeiro que nós damos cá é arramada”

^b “Sabe a diferença que é? São as mandoiras²² mais baixas, as mandoiras para as vacas são mais baixas. Para a vaca é baixinho, porque a vaca é baixa, já a besta é alta, não? É só a diferença que há, é essa. Não há mais diferença nenhuma. Quem põe vacas e bestas na

²² Manjedoiras

²³ Poial

²⁴ Maiorais. O maioral era o pastor responsável pela guarda de um rebanho ou manada

²⁵ Montes de lenha

mesma ramada faz umas mandoiras mais baixas e faz outras mais altas. Tem que ser assim. Eu nunca fiz assim porque nunca meti vacas. O meu sogro ainda meteu vacas.”

^c “A égua tinha uma arramada diferente por causa da cria. Era um animal que não trabalhava como as outras, estava à parte, era para o dono sair a passear ou ir aqui ou ir além. Trabalhava pouco no campo.”

^d “Aqui era a arramada das bestas, aqui era o pial²³ onde dormia o almocreve. Mas o pial era alto, agora é que já está desmanchado. E aqui era onde estava a palha, não vê? A palha para dar aos animais. O gajo que tratava das bestas, quando não era o patrão tinham que ter o almocreve, chamavam-lhe o almocreve. Andava aí trabalhando e dormia ao pé das bestas, porque tinha que lhes dar de comer. Vinham de fora e estavam aí concertados, concertavam-se, e de manhã tinham que se levantar para varrer a arramada, que isto era tudo varrido, que o estrume das bestas ia para aqui, aqui era a estrumeira, era aqui que era a estrumeira das bestas.”

^e “Os moirais²⁴ dormiam além, no palheiro. E faziam fogo, traziam lenha além daqueles manturos²⁵ e punham ali um troço de azinho e estava fogo toda a noite, ao pé das vacas. Volta e meia tinham que estar dando palha às vacas.

A vaca tinha que comer toda a noite. E agora no Inverno aceifava-se um verde, este verde... feno, erva dessa para eles comerem, para lavarem a boca, para comerem melhor a palha. Dizia o meu avô que os animais tinham que lavar a boca.”

^a Sobre as designações da ramada

Manuel Custódio Gonçalves, Monte do Serro de Corte Gago, 1930

^b Sobre as ramadas de burros e de vacas

Manuel Lourenço Martins, Carvalinhos, 1926

^c Sobre a ramada da égua

José Silvestre, Silveira, 1943

^{d,e} Sobre as ramadas e palheiros dos Estevais

José Rodrigues Teixeira, Estevais, 1935

Maria dos Prazeres Teixeira, Estevais, 1938



1



2

^f “O de lá era para as ovelhas e o outro era para as cabras. Esta era a das vacas. Agora trouxemos para aqui as cabras, mas era a das vacas. Os palheiros eram além, e as cabanas dos burros, das mulas. Os burros iam para as cabanas e as vacas ficavam aqui à solta no curral na parte do Verão. No Inverno iam para as cabanas, para a outra cabana, esta era a das mulas, eram mulas, eram éguas, eram...”

^g “Aquele é o curral das ovelhas, é o curral do gado. É um curral desse lavrador. Para ter ovelhas e cabras.”

^h “As cabras e as ovelhas não as tinham juntas. Para vacas era outro que está adiante, além onde está a arramada, além é que era o das vacas.”

^g “Até por acaso, antigamente... antigamente onde eles prendiam vacas era ali, onde está... ao pé dum palheiro com um pilar redondo para segurar o telhado, para ele não cair. Já estava feito quando a gente nasceu. As arramadas junto aos currais já são mais modernas. Aquilo também é tudo moderno, aquelas casas que estão dentro do curral. As casas mais antigas é uma que está ali, a casa onde eles viviam está já caída, do lado esquerdo. Onde eles viviam era ali. A casa da janela que está além, aquilo já foi feito em nosso tempo.”

^h “A gente éramos gaiatos...”

^g “Eles não tinham as vacas além naquele curral, era só para as cabras e para as ovelhas. O da arramada levava para aí quatro ou cinco ou seis...”

curral associado a ramada

- 1 Clarines
- 2 Silveira
- 4 Vale da Rosa
- 3 Estevais



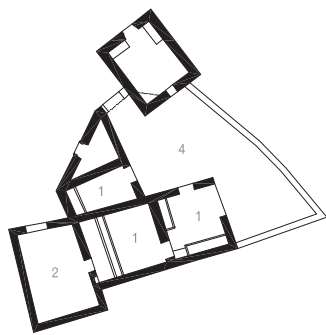
3, 4



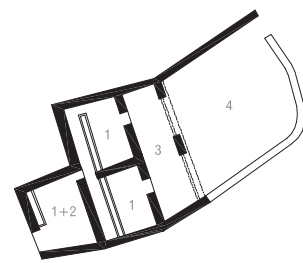
^{f, g, h} Sobre os currais do monte do lavrador do Vale da Rosa
 Maria José Rodrigues, Vale da Rosa, 1945
 Rafael António, Alcarías, 1921
 Maria Rosa, Traviçosa, 1921



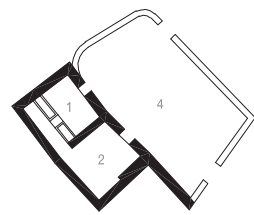
A



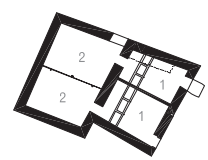
A



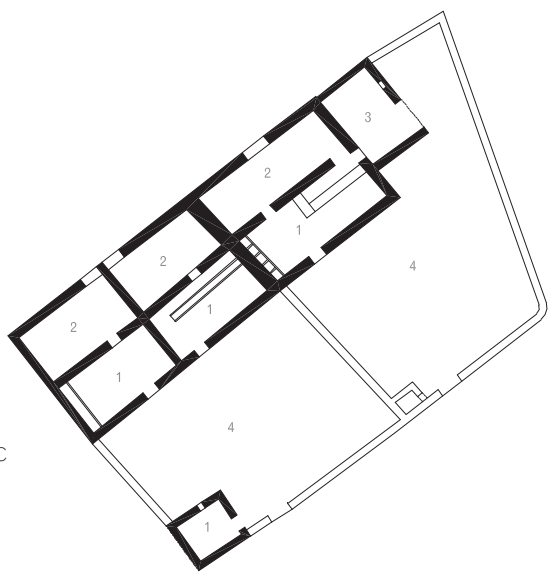
B



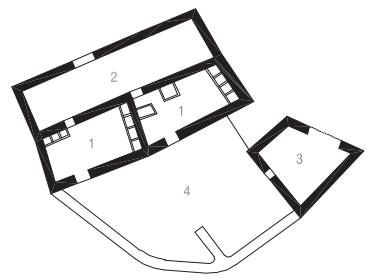
B



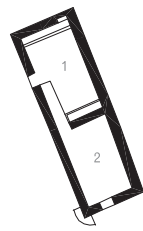
B



C



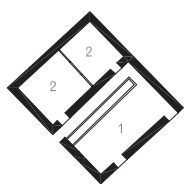
C



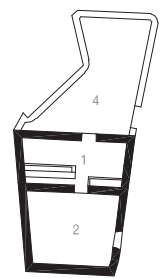
D



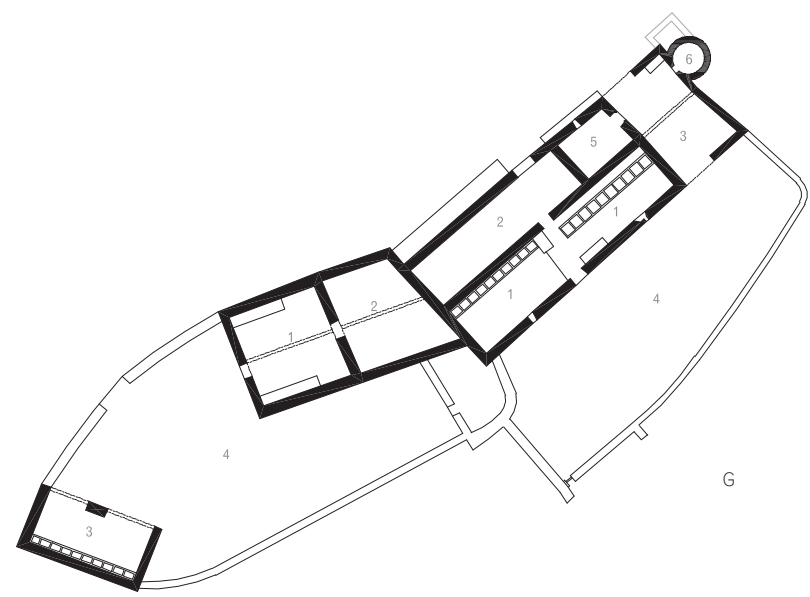
D



E



F



G

palheiros e ramadas

plantas 1:500

- A Montinho das Laranjeiras
- B Laranjeiras
- C Silveira
- D Viçoso
- E Beliche de Cima
- F Fortes
- G Clarines

- 1 ramada
- 2 palheiro
- 3 alpendre
- 4 curral
- 5 casa de despejo
- 6 forno

1



- 1 Beliche de Cima, palheiro
- 2 Montinho das Laranjeiras, boqueirão
- 3 Clarines, ramada
- 4 Corte Gago, boqueirão com poial associado
- 5 Beliche de Cima, ramada e vão de acesso ao palheiro
- 6 Beliche de Cima, manjedeira
- 7 Corte Gago, ramada e palheiro

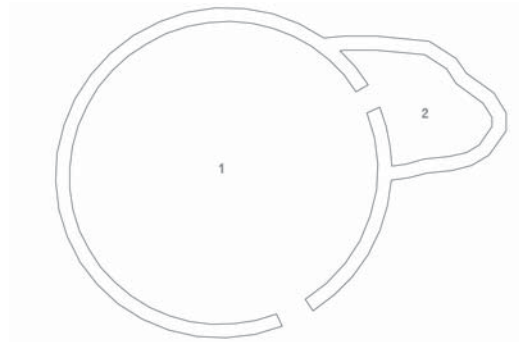


2, 3, 4

5, 6, 7



Clarines, curral circular



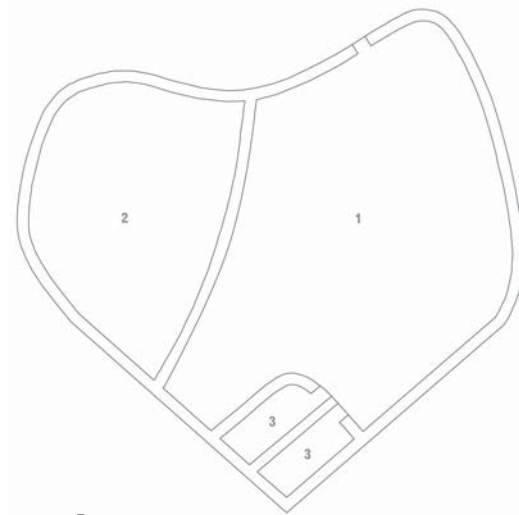
A

currais dissociados

plantas 1:300

A Clarines
B Estevais

1 curral
2 curraleta
3 coveira



B

O curral dissociado

A disposição dos currais no território, mais ou menos afastados dos aglomerados, reflecte a gestão das actividades de pastorícia e agricultura e, em particular, a organização da propriedade do lavrador. Aos currais eram muitas vezes associadas construções precárias que constituíam abrigo para os pastores.

^a “Esses currais [circulares] era para o gado: cabras, ovelhas. Além está um, ali à ponta dos telheiros, ali em cima estão mais dois, e depois para aí acima... Era o corveiro²⁶ dos chibos, chamava-se corveiros. As cabras tinham chibos, e depois tiravam os chibos às cabras, tinham que os tirar, e à noite encerravam-nos aí...”

^b “A parte de cima do curral tem duas divisões: uma era para as cabras e outra era para os chibos. Era o curral e a curraleta. Tinha que se separar os chibos porque senão eles tiravam o leite, senão mamavam e de manhã iam a ordenhar e não tinham leite. E os outros que estavam telhados era quando eles nasciam, que eram pequeninos, metiam-nos debaixo de telha, na corveira. Tinha duas divisões, que uma era para os mais pequeninos e outra para os maiores, senão deitam-se em cima uns dos outros e os maiores matam os mais pequenos. E os corveiros estavam à ponta do curral.

Por esses cerros fora havia currais desses onde prendiam o gado. Às vezes estava aqui seara, prendiam-nos noutro lado, aqui no do povo prendiam quase sempre o gado, mas havia anos que estava aqui seara e prendiam noutro lado. Ali em baixo está um, ali por trás. O ano que estava aqui seara punham além, o ano que estava além punham noutro lado. Ali por trás está outro, havia vários... os moirais vinham comer e depois iam dormir lá ao pé delas, por causa dos lobos. Uma vez vinham com uma volta prendiam, outra vez estava de seara tam-

²⁶ Coveira

bém não podiam entrar lá dentro, tinham que ir para outro lado, é por isso que está aí mais currais.”

^c “A gente não fazia sementeira, o meu pai foi pastor de cabras, sim... andava com uns rebanhos de gado. A gente aqui não tinha palheiro, nem arramada, só tínhamos essa casinha.

E o meu pai foi moiral, guardando umas cabras... e depois andava por casa dos lavradores, por esses montes, consertado, chamava a gente, ganhando a soldada que lhe davam e possuía umas cabrinhas, ele também.

As cabras ficavam nos currais aí por esses cerros. Os currais de lenha, de esteva e outros de pedra. A minha mãe ia a buscar lá o leite de manhã, fazia os queijos e o meu pai à noite vinha para casa. E outras vezes dormia lá ao pé delas. Ao pé do gado, assim... para o modo dos lobos... que noutro tempo havia essa bicharada. E para impedir que os lobos dessem fim delas, a maior das vezes dormia lá ao pé delas e assim os bichos já não chegavam. Fazia uma cabanazinha... de mato, e logo punha-lhe umas tapadoiras por cima para não chover em cima e já está. De esteva, desse mato que está por aí, e de palha de centeio também faziam. Ocupavam um campo aqui, faziam aqui um espeque e faziam outro além, e faziam outro além, e faziam outro além - quatro espeques - e logo punham-lhes uns paus duns aos outros, e logo ò depois tapavam com mato, palha de centeio e daquelas coisas, com o que podiam arranjar. E dormiam ali em baixo. Fora do curral, junto à porta do curral, ali ao pé, para o modo dos bichos não virem para o gado.”

^a Sobre os currais circulares de Clarines
José Manuel, Clarines, 1936

^b Sobre os currais dos Estevais
José Rodrigues Teixeira, Estevais, 1935

^c Sobre os currais afastados do monte
Serafim Rosa, Fortes, 1917



1



2

- 1 Estevais, curral dissociado
- 2 Estevais, curral dissociado e manjedoiira (em primeiro plano)
- 3 Clarines, curral circular
- 4 Clarines, curral circular, muro de alvenaria de junta seca

^d “Esses currais era para meter gado: cabras ou ovelhas ou vacas. Aquele curral ali serviu vacas, que eu me lembro, dantes não sei. Aquele ou qualquer um dos outros, parecido. Aquele lembro-me eu, que os patrões eram aqui do... que eu andei aqui nos patrões ainda já mais novos, os velhos já morreram, os outros mais velhos já não conheci, pois... tinham vacas, tinham porcos, tinham ovelhas, tinham cabras. Possuíam isso.

Umaz vezes andavam aqui os porcos, prendiam ali os porcos, outras vezes vinham para aí as ovelhas, quando apartavam em dois rebanhos. Noutro tempo apartava-se as ovelhas, ainda hoje há quem aparte, mas hoje já há pouco. Haviam umas que tinham crias e outras não tinham. E essas que não tinham crias metiam-nas aí no curral de qualquer lado e as que tinham crias, quase sempre, ficavam aí dentro de uma rede ou ficavam à solta. As que tinham crias eram mais e precisavam de ser bem tratadas, as que não tinham andavam mais mal, não tinham nada a criar, comerem mais mal não fazia mal, agora as outras tinham que ser melhor tratadas.

E então essas pessoas que tinham isso tudo, umas vezes vinham para aqui os porcos; não estavam ali as cabras, ficavam ali os porcos.

Ficavam uma noite ou duas, quando calhava, e depois iam para outro lado. Esse senhores tinham muitos currais desses: aí está um, ali mais em cima. Que eu conheço que eram dos meus patrões são três, aqui em frente da gente, lá mais em baixo... tem ali mais uns três ou quatro, naquele lado da ribeira também tinham além umas fazendas, também tinham mais dois ou três.

Eram lavradores, eram os patrões. Dava jeito vir para este lado com os porcos, não é? Metiam aí os porcos, iam daqui os porcos para outro lado, ficavam lá noutro lado; vinham para aqui as ovelhas, ficavam aqui; vinham

as cabras para este lado, ficavam ali; outro dia iam para outro lado, iam dormir a outro, não era sempre na mesma malhada.”

3



4

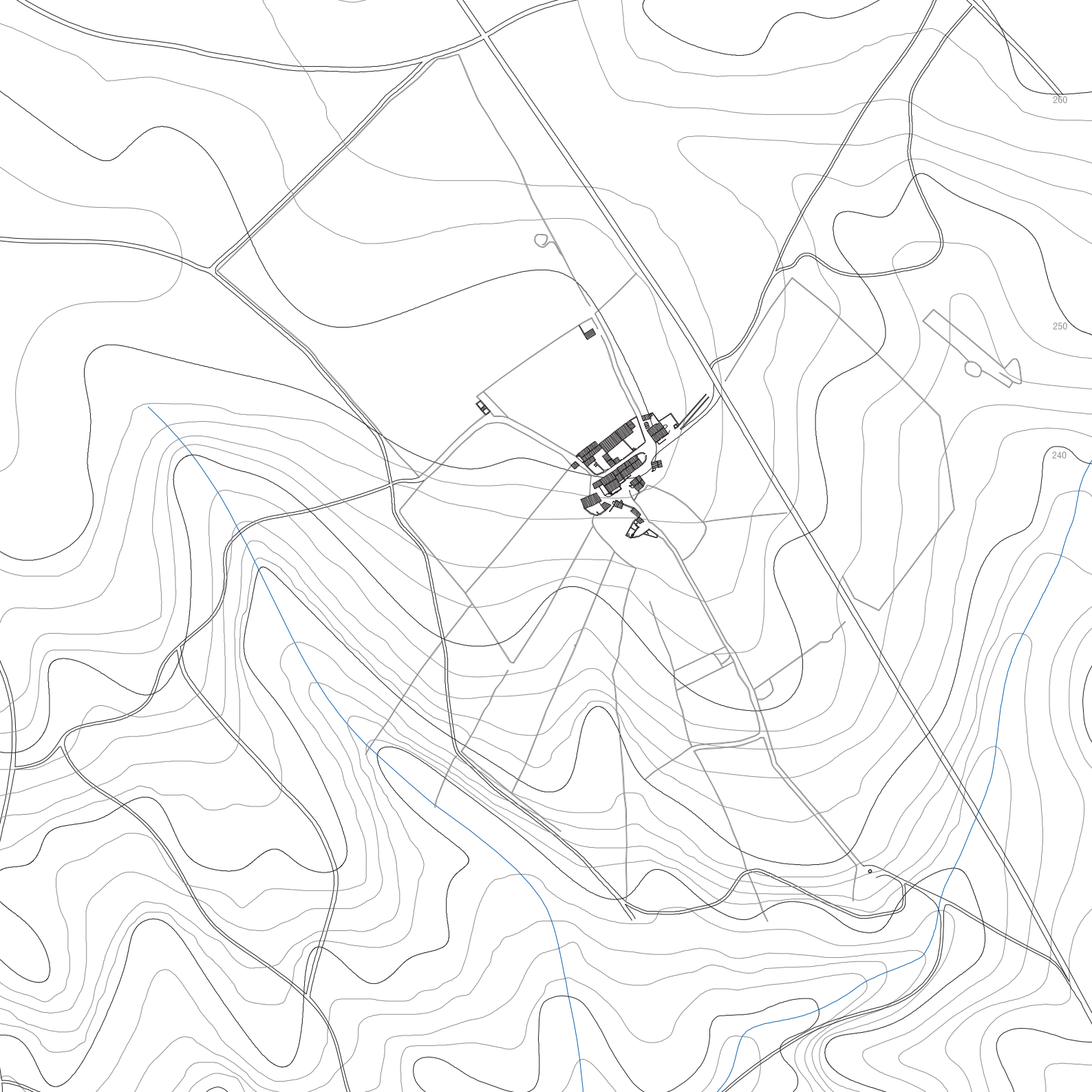


^d Sobre os currais afastados do monte
Antônio Madeira, Viçoso, 1927

Silveira







Silveira

freguesia de Pereiro, concelho de Alcoutim

página 78
Silveira, planta de enquadramento 1:4000
páginas 76, 77
Silveira, vista geral sul

O monte da Silveira localiza-se no limite sul do denominado planalto de Alcoutim, em linha coincidente com a separação das bacias das ribeiras da Foupana e de Cadavais. É estruturado em função da separação das "células" de diferente matriz funcional: um núcleo central que resulta da concentração das unidades habitacionais; a norte, um alinhamento edificado onde predominam palheiros e ramadas que se estendem nos espaços abertos dos currais; e a sul por vários edifícios disseminados de diferentes funções.

O conjunto edificado constitui o centro de uma estrutura irradiante de caminhos marcados por muros de alvenaria de pedra seca que organizam o espaço agrícola envolvente. A Silveira correspondia a um monte de lavrador que se encontra hoje abandonado.

^a “Era monte de lavrador. O meu avô era lavrador, chamava-se José Cavaco, e esse primo directo era também lavrador. Bom, havia dois ou três, que trabalhavam sempre para os meus avós e para o sr. Alberto Xavier.

Noutros tempos semeavam nas terras dos lavradores, chamavam-lhes seareiros. Faziam uma cunhinha, dois ou três alqueires, num lado; depois faziam noutro, à dum, à doutro, nem que fossem três ou quatro lavradores. Pagavam à renda daquilo seis molhos, ou o que era assim. Chamavam seareiros, isso, eram os mais pobres. O meu pai ainda chegou a lavrar também na terra dos outros... antes do meu avô falecer tinha poucas terras para semear e semeava também nas do meu avô.

Aquilo era de lavrador, talvez, porque esse Alberto, o mais velho que estava lá, mais o meu avô eram primos-irmãos, e as arramadas eram tudo por trás e à frente fizeram as casas, com certeza. Mas aquilo era tudo um senhorio. Essa casa, mais voltada assim para

o meio-dia? Era de pessoa mais pobre. Esta casa da ponta também era dela, mas a voltada para a frente é do meu pai, e esta outra velha também é do meu pai.

Quantas pessoas? Ora, o tio Rodrigo tinha três miúdas, e ele e a mulher cinco. O meu pai eram outros cinco, dez. Ali o senhor Alberto - mas já as filhas estavam casadas, que eram mais velhas que eu, da idade da minha mãe - morava também o velhote e a velhota; daqui tinha também o filho, estava também o sr. João Alberto, que era filho, tinha outros dois filhos - um mora em Fortes, que é o Arlindo.

Eu saí a onze de Agosto com 24 anos de idade, fui para a Alemanha e da Alemanha vim para cá. O último foi o meu pai. Há quanto tempo?... Ora, o meu pai já faleceu... em Agosto faz dez anos, aquilo já havia uns outros cinco ou seis anos não morava lá, morava aqui à dos filhos... e estive lá catorze anos sozinho, mais a minha mãe...”



^a Sobre o monte da Silveira
Manuel Cavaco Silvestre, Silveira, 1945



monte da Silveira

planta 1:500

- A azinhaga da missa
- B azinhaga de Alcaria Cova
- C azinhaga do poço
- D cerca da eira
- E cerca do forno
- F cerca das tunas

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 casa de despejo/quarto (sob sobrado)
 - 6 forno
 - 7 palheiro
 - 8 ramada/cabana
 - 9 galinheiro/coelheira
 - 10 pocilgo
 - 11 fomalha
 - 12 curral
 - 13 alpendre
- cinzento: ruína



1, 2



Silveira

- 1 fachada norte do núcleo principal
- 2 azinhaga do poço
- 3 fachada norte do núcleo principal e casa com sobrado
- 4 currais

3, 4



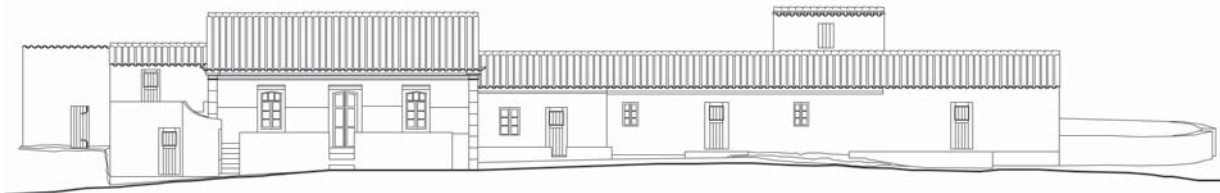


monte da Silveira
conjunto habitacional

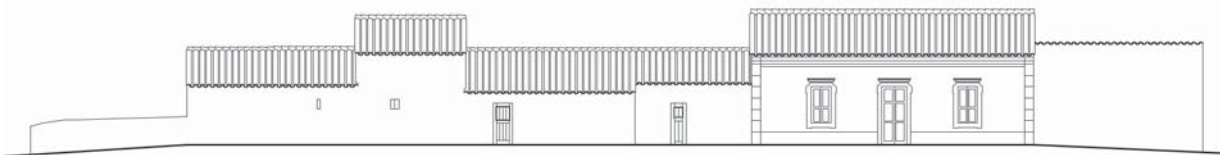
planta e alçados 1:300

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 casa de dentro/quarto (sob sobrado)
- 5 corredor
- 6 palheiro
- 7 ramada

planta



alçado sul



alçado norte

^a “A minha casa é esta, da frente, mas é só metade, a outra parte de trás é de um primo meu... era do meu avô. Esta era do meu avô, também.

Eram umas casas velhas, chegavam mais ou menos até ao meio da rua, depois recuaram um bocadinho. A nova foi feita em... em dezoito de Março de mil novecentos e quarenta foi posta a lumieira da porta nova, no dia em que nasceu a minha irmã, eu sou mais novo cinco anos e um mês... e esta aqui do canto foi renovada quando eu tinha dezassete ou dezoito anos, fui eu servente.

Isto era uma escadinha, era tudo às escadas, aquilo é ladeira, agora não tem, só tem no pátio, tinha dantes quando eram velhas. É o que tenho ouvido dizer, que sou nascido cinco anos depois de serem feitas.

Depois o meu pai é que disse assim: Então se há uma pessoa que precisa de um carrinho de rodas? E fizeram esta porta: era até dois metros e meio e puseram com alguns cinco metros de altura e começaram do chão a fazer a porta, a fazer a porta, para ter o mesmo nível cá da rua de trás. E depois o meu avô: Mas que raio de porta é esta tão alta, com cinco metros de altura? E depois aterraram à frente com um carro de bestas. Traziam pedra e terra e entulharam debaixo da laranjeira.

Porque aquilo tudo era do meu avô, e um meu tio morava aqui, nesta aqui ao pé das grandes, nesta pequena. E depois ocupava este quarto de dentro, este tal sóto de dentro, e depois, quando partiram, por a verdadeira dos filhos, taparam então esta porta, foi tapada com adobe.

Ele só tinha esta vivenda, e até esta casa aqui, esta estava tapada aqui, antigamente... e depois, quando partiram, estas calharam ao meu tio João e estas calharam ao meu pai.

Esta grande: as três da frente são minhas, do meu irmão e da minha irmã, e por trás era dum primo meu, era da mãe... ora, se tiver de ser, se for preciso, tem de se tapar a porta.”

Silveira, núcleo principal, fachadas sul e norte da casa maior



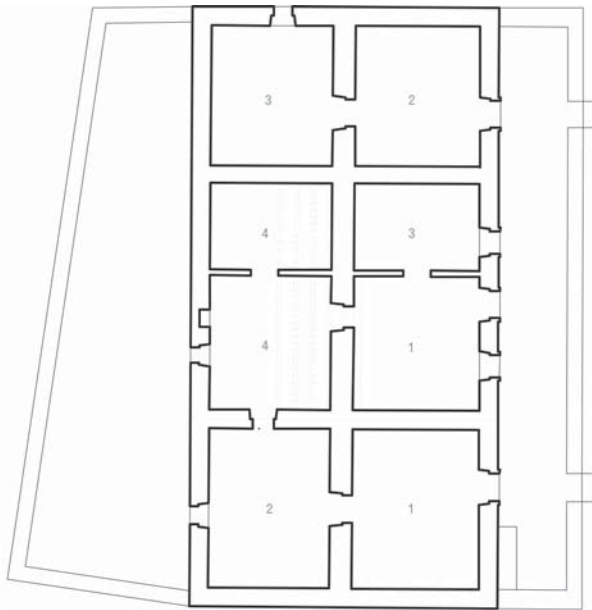
^a Sobre a casa maior do monte, no extremo norte do núcleo principal
Manuel Cavaco Silvestre, Silveira, 1945

sobrados

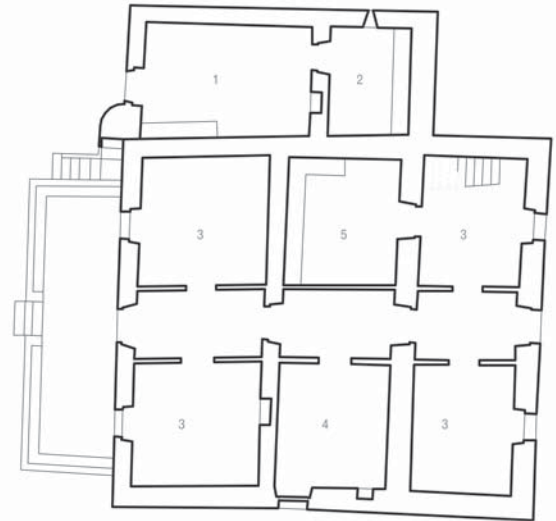
plantas e cortes 1:200

- A Corte Gago
- B Silveira (casa maior)
- C Silveira
- D Silveira

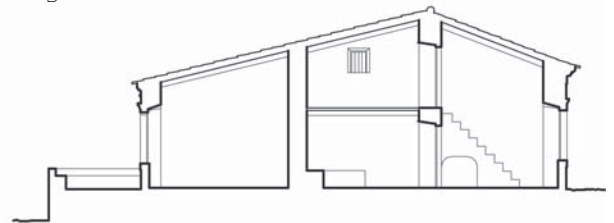
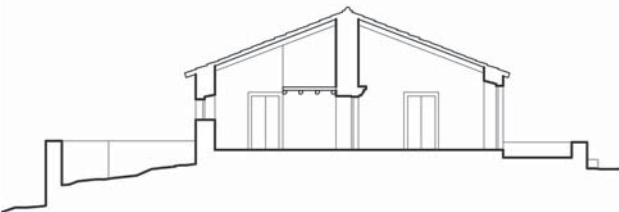
- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 casa de dentro/quarto (sob casa de despejo/celeiro)
- 5 casa de despejo/salgadeira (sob casa de despejo/celeiro)



A



B



O sótão e o sobrado

A representação dos interiores de todo um aglomerado numa planta apenas é possível pela predominância de edifícios de um piso, em toda a zona da serra. O segundo piso, mais frequente no conjunto do lavrador, decorre da integração de um edifício em zona de declive acentuado, ou do aproveitamento dos espaços que resultam do prolongamento da cobertura. Corresponde invariavelmente à execução de um sobrado, designação que adquire o compartimento superior associado ao uso "enxuto", em contraponto com o sótão, localizado, justamente, por baixo.

^a "Chamava-lhe a gente o sóto, onde se punham as chouriças, salgava-se o porco... mas agora chama-se o sóto em cima, mas a gente chamava o sóto era debaixo do sobrado, era o sobrado de tábuas. Lá em cima era o sobrado, onde se punha o trigo.

Em cima deste está uma escada para aquele, aí

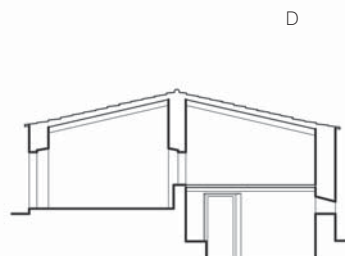
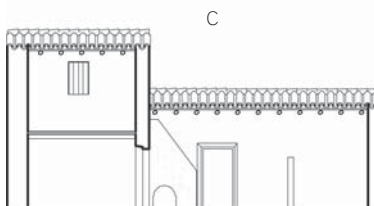
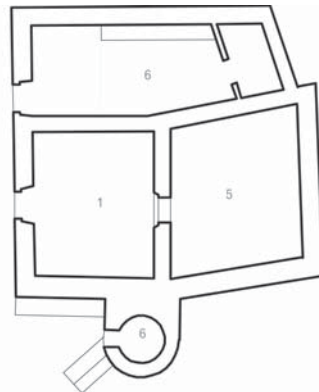
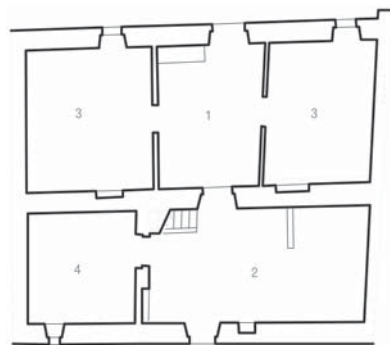
^a Sobre o sótão e o sobrado

Manuel Cavaco Silvestre, Silveira, 1945

nessa escada subi eu muitas vezes com sacos de trigo às costas - quando tinha dezassete, dezoito anos - e aveia, tremoços, tudo... centeio.

E essa aí era do senhor António Cavaco, que é meu parente, que era dum cunhado, era uma casa de fora e depois tinha um sobrado mas não tinha escada, subiam por uma meia-escada, para subirem para lá com o trigo e outras coisas assim... e por baixo chamavam-lhe o sóto, entravam por uma porta de cá e tinha quatro divisórias.

Faziam uma casa e depois faziam o sobrado, para pôr o trigo, para pôr... enxutas, não é?, em cima. Trigo, aveia, cevada, centeio, punham em cima. E depois, por baixo, era para arrecadação onde punham a salgadeira do porco ou isto ou aquilo, ou roupa velha, pronto, ou faziam um quarto ou outro qualquer... e chamava-se o sóto, antigamente."



Corte Gago, sobrado



1



3



2

- 1 Silveira, cerca
- 2 Viçoso, cerca
- 3 Silveira, azinhaga do poço

A cerca

Na Silveira, como na generalidade dos assentamentos, a zona de terrenos cercados corresponde a uma cintura que envolve o núcleo edificado, sendo evidente, noutras situações, um "tecido" de menor densidade resultante da alternância entre espaço edificado e espaço "produtivo". Para além da delimitação da propriedade e da gestão agrícola/pecuária do espaço, a construção das cercas, em alvenaria de junta seca, constitui depósito dos materiais resultantes de eventual despedrega. O perímetro murado é reflectido em algumas situações por uma mancha interior de figueiras-da-Índia.

^a “E lá também havia um palheiro redondo, que era do meu pai, que era pocilgo agora por fim, lá ao fundo... Era redondo e tinha o boqueirão para a rua. Ainda tem lá as paredes mais ou menos, porque o meu pai depois derrubou um lado para ficar maior lá para aquele lado.

Ao lado havia uma cerca que era onde punham a palha em serra, quando sobrava dos palheiros... a cerca de pedra era a segurança do gado não ir para lá estragar a palha. Aqui era um quintalinho, ela debulhava aqui nesta, punha lá o trigo enquanto a gente semeava, quando sobrava palha punha lá também.

Isto aqui está cheio de tunas²⁷, mas a minha mãe diz que era só rente à parede, antigamente. Puseram lá tunas e depois foram caindo, caindo, caindo... foram aumentando. Esta era sozinha, uma cerca grande, e então os irmãos dividiram em quatro, para guardarem o gado e não irem para a terra dos outros. Estas são as duas do meu pai, as ramadas eram duas, a de cima e a de baixo, e a de dentro era o palheiro, tinha um boqueirão aqui e outro dentro do campo, da cerca do vizinho, meu primo... Este era um palheiro muito grande, cento e doze montadas meti eu lá uma vez, montadas de seis arrobas.”

^a Sobre as cercas e as figueiras-da-Índia
Manuel Cavaco Silvestre, Silveira, 1945

²⁷ *Figueiras-da-Índia*

²⁸ Courelas

^b “Praticamente quase toda a gente tinha um bocadinho de terra. Havia um ou outro que não tinha nada, mas praticamente todos tinham um bocadinho.

No Viçoso, aquilo que está ali, voltado para o norte, era uma terra do povo - terreno do povo - e os moradores dividiram aquilo aos bocados e cada um ficou conser-tado. Mas já não é do meu tempo, ouvi contar. Passa a estrada ao meio.

Faziam as cercas para serem mais respeitados. Noutros tempos faziam muitos gados e tendo uma cerca toda a gente respeitava. Hoje é que já não há praticamente gado. Mas os rebanhos iam à roda dos montes. Em Giões havia dez ou doze rebanhos, uns maiores outros mais pequenos. Os lavradores tinham grandes rebanhos e os pobres tinham quinze, vinte... um tinha mais uma coisinha.

Era utilizado para se apanhar os figos, que aquilo dava figos. E já hoje não é nada, se você estivesse lá há cinquenta, sessenta anos, via aquelas corjais²⁸ que há por ali, estava tudo cheio, mas eram mais altas que este chaparro, mas muito. Aquilo era só para dar figos. As pessoas comiam figos e aquilo era utilidade era para porcos, os porcos gostam muito daquilo.”

^c “Uns chamam-lhe tunas, outros chamam-lhe tuneiras, outros chamam-lhe pitas. Aquilo dá aqueles figos cheios de bicos... não os apanhem com as mãos senão vocês ficam desgraçados. Têm que se apanhar ou com uma roquinha de cana ou com uma tenaz e logo varrem-se muito bem com uma vassoura, e então já se podem comer que são muito bons. Quando dá é lá no mês de Agosto. Chamam-se figos tunos, conhecemos isso toda a vida assim. E qualquer um comia uns poucos, depois deles estarem barriguinhos, que não têm bicos e estão lavadinhos, toda a minha gente come.”

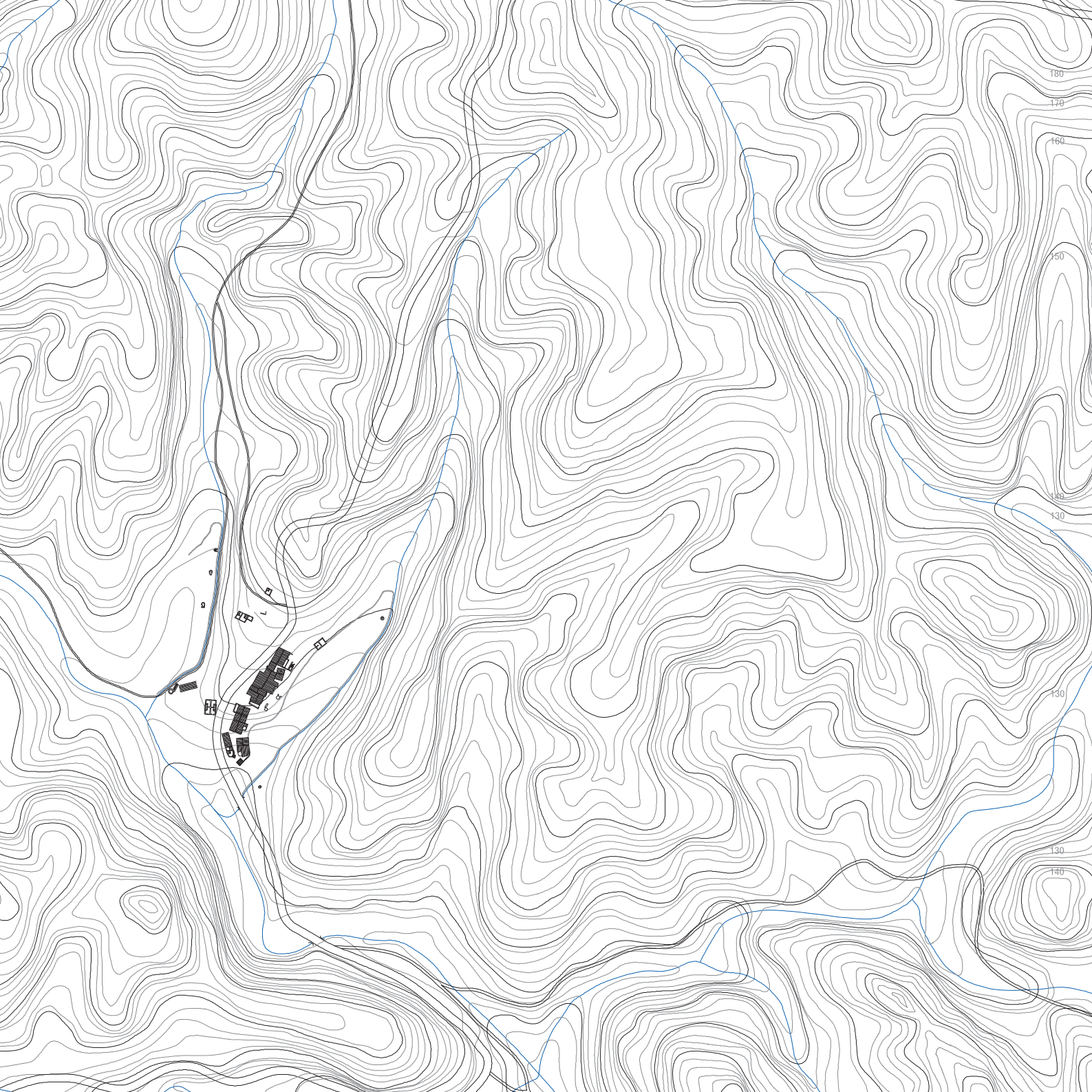
^b Sobre as cercas do Viçoso e as figueiras-da-Índia
António Madeira, Viçoso, 1927

^c Sobre as figueiras-da-Índia
Custódia Joaquina Rodrigues, Álamo, 1931

Pomar







Pomar

freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António

O monte do Pomar desenvolve-se linearmente ao longo de festo localizado em zona de meia encosta, na margem esquerda da ribeira do Rio Seco. É ladeado a nascente, sul e poente por barrancos pouco encaixados, quando comparados com os da área envolvente.

As duas águas predominantes ao longo do alinhamento edificado resultam da agregação de edificações de uma água apenas.

O processo de crescimento do núcleo é evidente pela preservação, ao centro, dos conjuntos habitacionais de época anterior, circundados na parte lateral e tardo por palheiros e ramadas, e rematados em época mais recente por novos conjuntos habitacionais. O espaço exterior privilegiado como extensão do espaço interno doméstico é aquele localizado a nascente, onde se concentram as zonas de calçada, de poiais e de fornos de pão, cujas diferentes tipologias construtivas reflectem o processo de crescimento anteriormente referido.

Os habitantes do Pomar estabelecem em conjunto a linha de uma primitiva partilha, que atravessaria o aglomerado a partir das zonas mais altas, descendo às linhas de água, subindo e atravessando o monte, sustentando a sua origem num grupo familiar único.

^a “Este monte aqui foi feito por um moiral de cabras, um pastor. Acolheu-se aqui com um rebanho de cabras, no tempo dos antigos e depois é que começou a fazer, rente àquela chaminé, é que deu em fazer a casa.

Isto não havia nada. E eu sou da raça desse, que sou pastor também, que ainda não se acabaram as cabras aqui. Isso é muito antigo, é do princípio deste monte.

Depois esse pastor teve dois filhos e depois... partiram a fazenda: vai tudo direito, para baixo ficou para um e para cima ficou para outro. Isso contava o meu pai, e os meus avós já contaram ao meu pai.

^a Sobre o monte do Pomar
Joaquim Teresa Mestre, Pomar, 1946

²⁹ Localmente, e em geral, é atribuído ao termo casa o significado de compartimento, embora também possa designar edifício.

Moravam aqui seis moradores... seis moradores tinham vinte e três filhos. Eram seis casais: dois tinham seis, outro tinha um, outro tinha três... este tinha três e ali tinha quatro.

Esta tinha uma casa de fora e a casa de dentro. Nesta casa criaram-se aqui quatro filhos, com o pai e a mãe, seis. Quando a mais velha foi embora tinha já vinte anos. Dormiam para aí todos. O fogo faziam aqui na rua, de Verão, e de Inverno faziam lá dentro de casa, faziam fogo na do fundo, e na de fora aí tinham as camas, aí comiam. E esta é igual, aí foram criados seis filhos, antigamente tinha... era uma casa²⁹, eram duas casas... só. Entravam nesta e faziam o fogo na do fundo, e dormiam lá ao fundo e dormiam nesta. E os palheiros e as arramadas ficavam por trás.

Nesse tempo não chegava aqui carro, só chegavam à Corte [de António Martins] os carros. Nesse tempo usava-se carros de mula. Quando os carros começaram a chegar aqui tinha eu catorze ou quinze anos.

Antigamente essas terras era tudo lavrado, não havia mato, era tudo lavrado. Vinham pessoas da Manta Rota, ali de Cacela a buscar mato aqui e as pessoas guardavam uma esteva como a gente guarda o di-nheiro. Não havia nada, tudo lavrado, tudo lavrado.”



monte do Pomar
planta geral 1:1000



^b “Vim para aqui há setenta e tal anos e o monte já era assim. Era o mesmo conforme está hoje.

Eram seis famílias. Este monte é já muito velho. Aqui onde eu estou foi o meu sogro criado e o meu marido, e não foi o meu sogro que fez esta casa.

Era tudo da mesma gente, eram dois irmãos, que estavam morando aqui neste monte. Ao pé do rebanho de cabras está além um chaparreiro, além... daquele lado, grande, que era onde eles dormiam a folga com as cabras.

E depois, repartiram a terra à metade de meio: para cima foi para um e para baixo foi para outro. Foi assim que se entenderam.”

^c “Foi para aí nos antigos, acolheram aqui a este barranco, fizeram uma casinha aí... ali onde está aquela chaminé. Depois o homem teve dois filhos e repartiram o monte ao meio. Ouvi contar, sei lá... Depois isto era tudo de um só... daquele lado e doutro... partilha aí ao meio, no meio do monte... um foi para baixo e outro foi para cima.”

^{b,c} Sobre o monte do Pomar

Filomena de Jesus, Garganta (Corte António Martins), 1913
Zé Teresa Mestre, Pomar



1

2

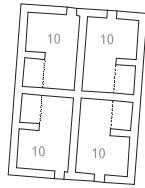
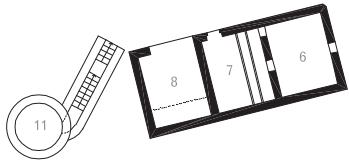


3



Pomar

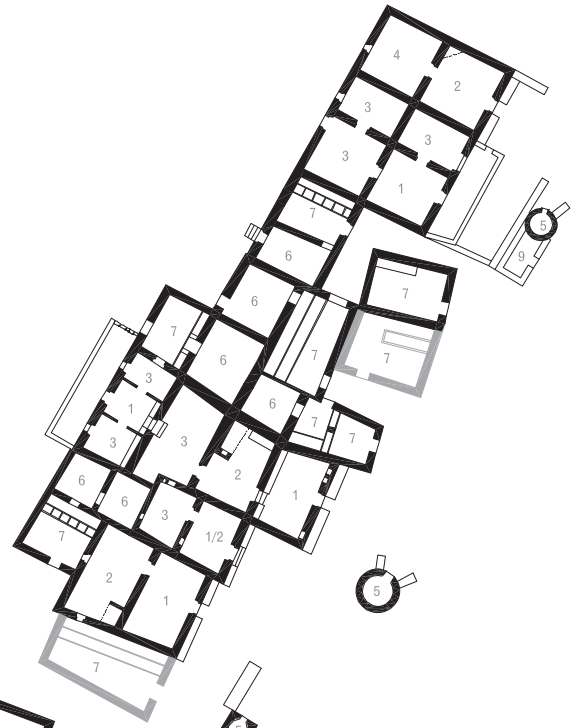
- 1 dedal de protecção utilizado na ceifa
- 2 conjunto edificado a norte
- 3 conjunto edificado a sul



1



2



monte do Pomar

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 forno
 - 6 palheiro
 - 7 ramada/cabana
 - 8 alpendre
 - 9 galinheiro/coelheira
 - 10 pocilgo
 - 11 poço
- cinzento: ruína



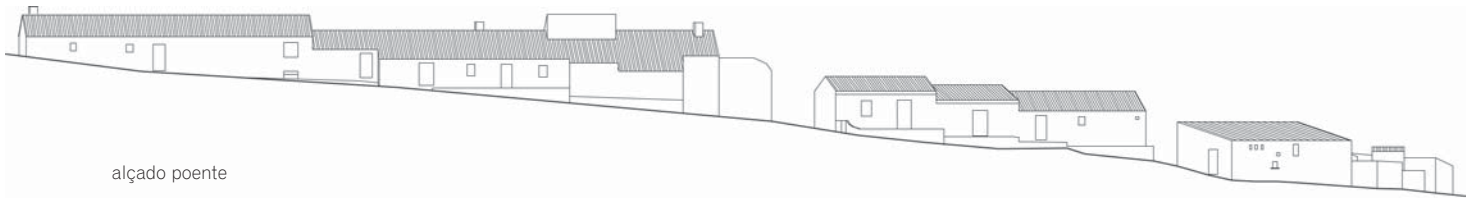
3



4

monte do Pomar
 corte e alçados de conjunto 1:500

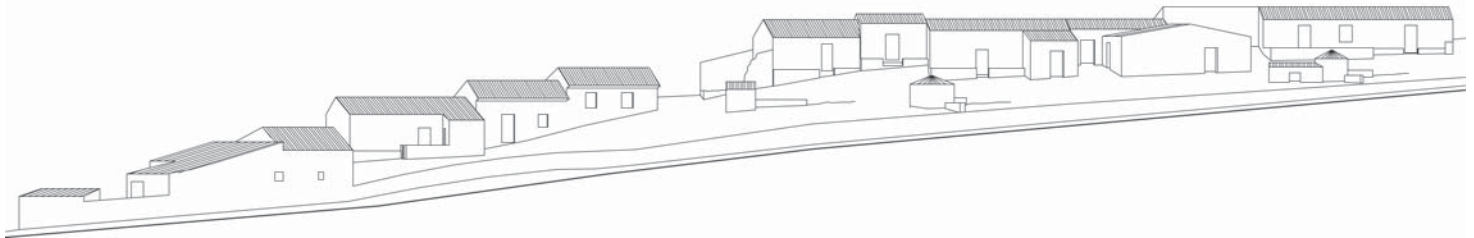
Pomar
 1, 2 casario
 3 vista norte
 4 vista nascente



alçado poente



corte transversal



alçado nascente



1



2

- 1 Pomar, poço de entrada
- 2 Valongo, canha
- 3, 4 Pomar, poço
- 5 Montinho das Laranjeiras, poço com bebedouro

3



4



O poço

Raros são os montes onde não exista a recordação ou conhecimento dum poço de entrada, assim designado quando desce uma escada ao nível de água.

A poente do monte do Pomar, junto a um caminho ou no interior das hortas cercadas, existe um número considerável de poços de entrada ao longo duma mesma linha de água, de onde se destaca um de diâmetro bem superior aos restantes. Da picota ou cegonha, aparelho de elevação de água outrora generalizado na área serrana, já poucos exemplos se podem encontrar.

^a “Aquele além? Aquele é novo... tem para aí quê? Tem para aí quarenta anos. Os outros, os pequeninos além, é que são muito velhos, têm mais de duzentos ou trezentos anos. Isso é do princípio quase do monte, isso são os mais velhos que há aqui. Usavam aquilo, chamam-se escaleiras³⁰, para tirar a água... potes de água.

Antigamente havia muito poço assim, poço de escaleiras ou poço de entrada. Isto é o poço de porta [de entrada], chamam-lhe o poço de porta e já se sabe que é este, o outro é o poço, é o poço redondo.”

^b “Tenho a impressão que o meu descansado pai lhe chamava canha. Dizia: Já a canha está cheia de água. Ele é que tratava dela, nós... Mas a água era muito boa para beber e então até vinham pessoas de burro com cântaros a buscar água a esta mina.

Isto era só vinha aqui à volta, da Cumeada a Santa Rita estava tudo cheio de vinha, e quando o pessoal andava aí trabalhando era aqui que vinham beber, que além está ali outra mina ligada a um tanque, além ao pé da casinha branca, a nossa não está ligada a tanque nenhum. E era aqui que vinham beber.

^a Sobre os poços de entrada do Pomar
Joaquim Teresa Mestre, Pomar, 1946

^b Sobre a mina de água de Valongo
Maria Amélia Guerreiro Branquinho, Valongo, 1940

³⁰ Escadas, degraus

Descendo do pial para dentro já se está mais à vontade, pondo os pés na água e andando para dentro aí uns vinte, trinta metros está uma parede redonda assim e... um poço para baixo, que não sei que fundura tem.”

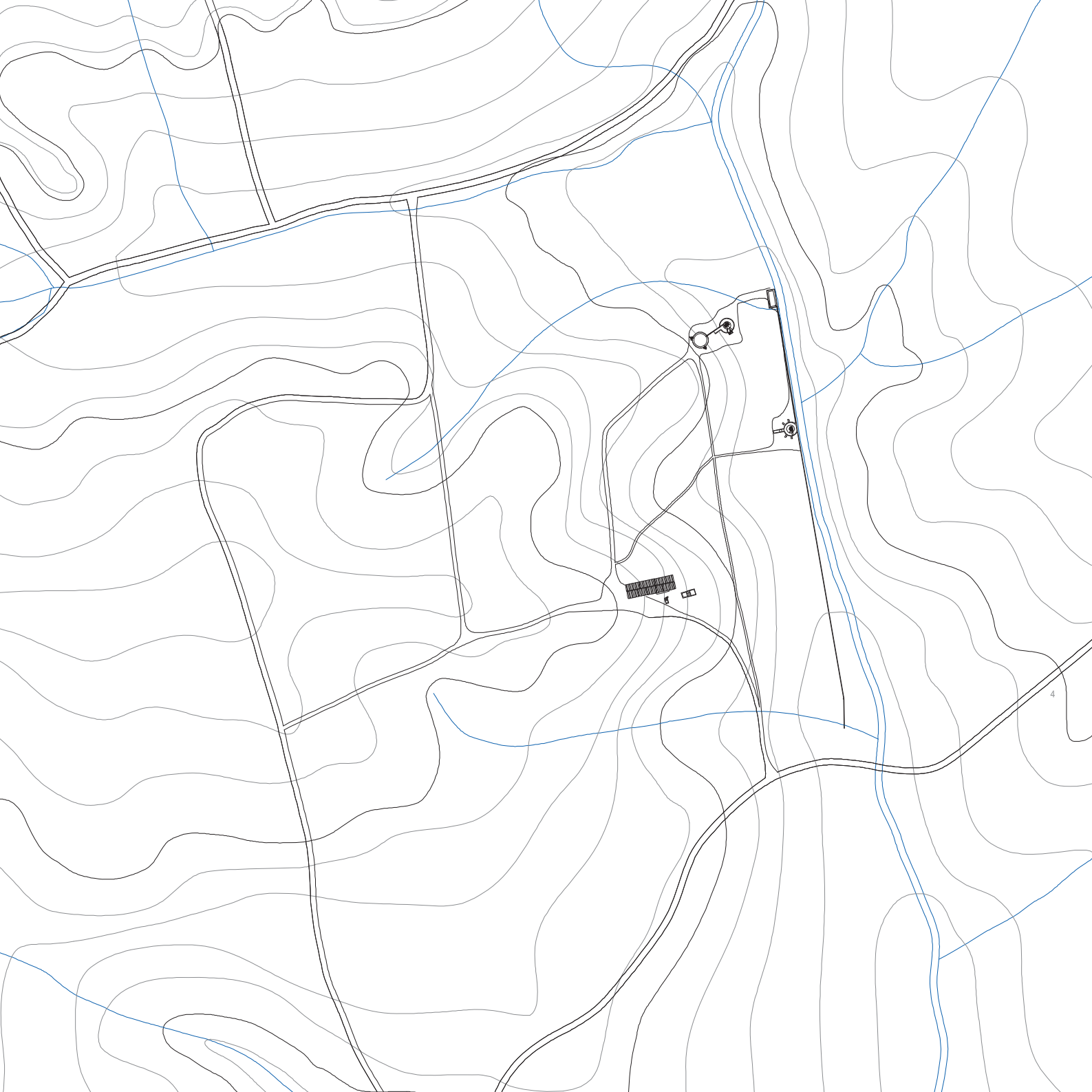
5



Horta do Bandeira







Horta do Bandeira

freguesia da Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António

O povoamento altera-se consideravelmente na aproximação à área meridional serrana do concelho de Castro Marim e à zona do litoral, com o “afastamento” dos núcleos familiares. O povoamento disperso não coincide no entanto com um padrão de configuração da estrutura de propriedade, de exploração das terras ou de organização do conjunto edificado. A quinta da Horta do Bandeira corresponde a propriedade de dimensão considerável, sendo em parte organizada em função do regadio e da disposição dos conjuntos constituídos por nora e tanque, praticamente inexistentes na zona da serra.

^a “Era de sequeiro... só tinha para ali uma baixa que era de regadio, mas o resto era sequeiro. Cultivava tudo, trigo... A propriedade ainda é grande, vai até à serra... Tinha lá alfarrobeiras... Tinha caseiros... Há mais de 100 anos que as noras estavam lá... Barrocal, chamam ali Barrocal...é conhecido por Barrocal.”

^b “Nessa altura, tinha eu 18 anos e já tenho 82... trabalhava lá o meu pai - era do sítio da Asseca, concelho de Tavira - tinha a propriedade por conta dele, esteve aqui uns aninhos e depois embora outra vez para lá até que morreu... Os donos moravam em Tavira. Chamavam-lhe a Horta do Bandeira - naturalmente o antigo dono era Bandeira, o antigo dono, que eu não conheci esse homem.

Semeava-se nesse tempo trigo, cevada, aveia, conforme aquilo que calhava...

A casa antiga é a mesma que lá existe ainda. Sim, as ramadas ficavam lá atrás e a casa de habitação é lá para a frente... deve haver mais de 60 anos que não vou ali...”

^c “Eu não me lembro das casas todas... aquilo tem ramadas, tem palheiros, tem casas onde viviam. A parte

da frente era habitação porque as ramadas era na parte de trás, naquele canto além. Aqui não havia bestas, que eu me lembro não, era tudo vacas.

[No sobrado] punham bandeiras e feno, para o gado. Ao lado da ramada era palheiro e aqui nesta zona era casa de vivenda. Os caseiros era nesta casa junto à ramada, dava a porta para a ramada para irem tratar do gado. Esse quartinho era a despensa e dormiam aí nesses dois quartos. Aqui era armazém, transformaram em ramada quando tinham mais gado. Aqui era a casa dos patrões, eles ficavam aí uma vez ou outra, que eles viviam em Tavira.

No armazém guardavam frutos, figos, alfarrobas, amêndoas. Era o celeiro, agora é que se chama armazém... Esta parte daqui foi feita um armazém, por causa da uva - uvas de mesa, vinho não faziam.

Aquilo era uma grande horta, aquilo não era assim [cheio de vinha]: aqui esta parte junto ao ribeiro, junto àquele muro que vai por aí acima, aquilo era tudo um pomar grande. Ah sim, que até lá em cima onde está a última nora era tudo um pomar, e era tudo cavado, naquele tempo, por homens... estava ali um caseiro que tinha alguns três, quatro filhos, tudo capaz de trabalhar, e era tudo farrobeiras, já muito grandes... agora arrancaram para pôr vinha.”

Horta do Bandeira, vista parcial sul



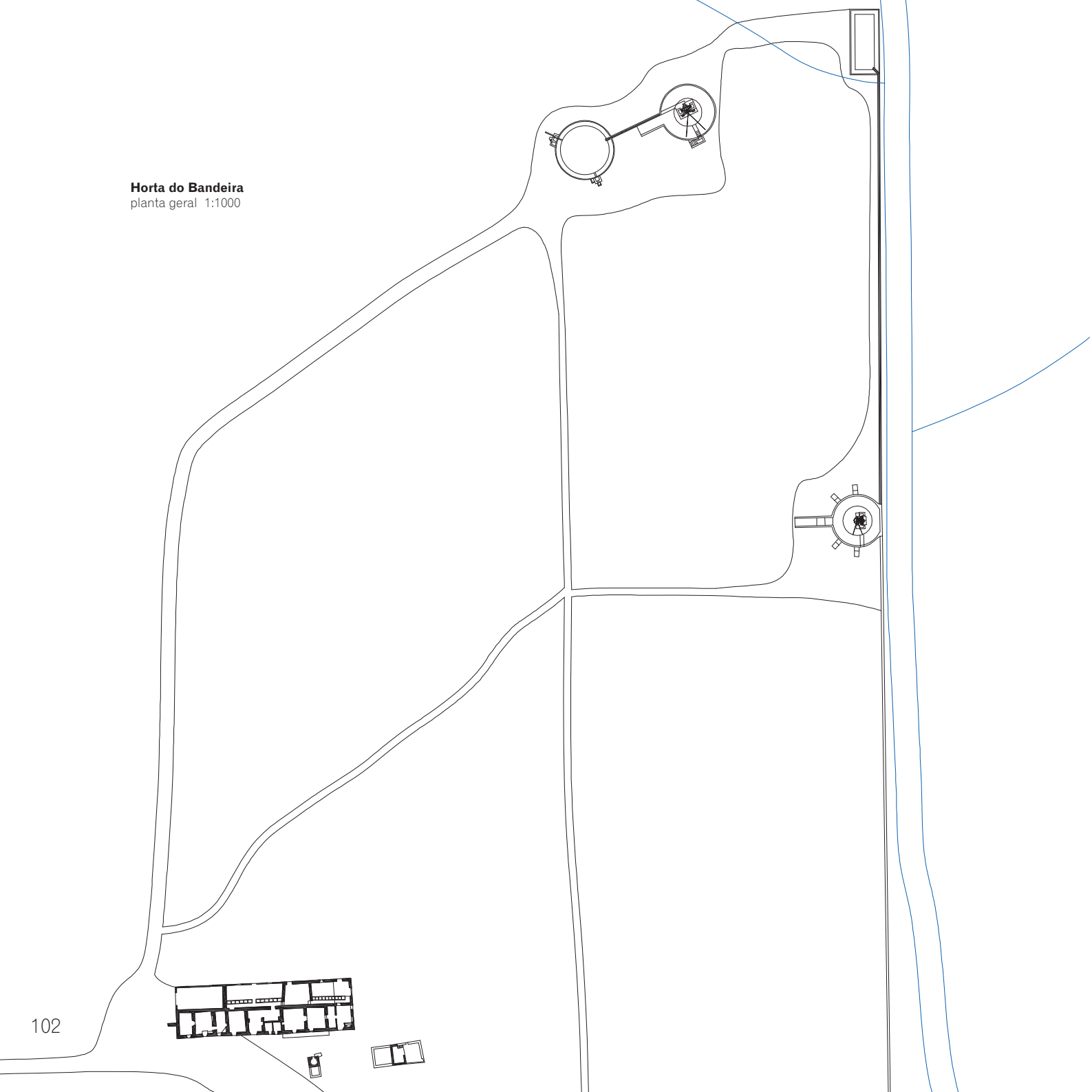
Sobre a Horta do Bandeira

^a Augusto Nunes, Caliço, 1926

^b Manuel Nascimento Correia, Tavira, 1921

^c Manuel Guerreiro Inácio, Corujeira, 1934

Horta do Bandeira
planta geral 1:1000



^d “Ouviam dizer que queriam arrendar a fazenda, ou que tinham falta de caseiros, e vinham e depois ajustavam... O caseiro era mais frequente, houve mais caseiros ali que arrendatários. Um que esteve ali era de Cachopo...”

^e “...e outro era daqui. Ficavam com o apelido "da Horta": era o Zézinho da Horta, era o Manel da Horta, era o Adrianito da Horta... Eram todos "da Horta", porque aquilo era a Horta do Bandeira e então ficavam todos com o nome "da Horta", os caseiros. E só se conheciam por esse nome...”

^f “Quando precisávamos [de trabalhadores]? Nesse tempo estavam a montes! Se quiséssemos meia-dúzia ou uma dúzia arranjava-se num dia só... Hoje não, nesse tempo arranjava-se... Geralmente, onde precisavam mais era no Verão, pois no Inverno pouco se trabalhava... No Verão era para as debulhas, as ceifas, coisas dessas, era tudo ceifado à mão. Apanhar amêndoa, farroba. No Inverno não precisavam de tanta gente. No entanto, havia quintas aí que no Inverno punham as pessoas a descascar as amêndoas, a cortar lenha no manturo, a dar volta ao estrume, que sempre tinha muito gado.”

^g “Eram desta área aqui, desta volta da serra. Não eram contratadas, pediam serviço na quinta e trabalhavam até quererem ou serem despedidas... Ou até o patrão não ter falta delas, ou até elas se aborrecerem e irem-se embora para outro lado onde dessem mais um bocadinho, nesse tempo era assim... Aquilo começavam de manhã, logo ao nascer do sol e deixavam ao pôr-do-sol... o almoço era para aí às nove e meia e o jantar, chamavam-lhe o jantar, às duas horas. No tempo da folga, tinham duas horas de descanso e pegavam às quatro...”



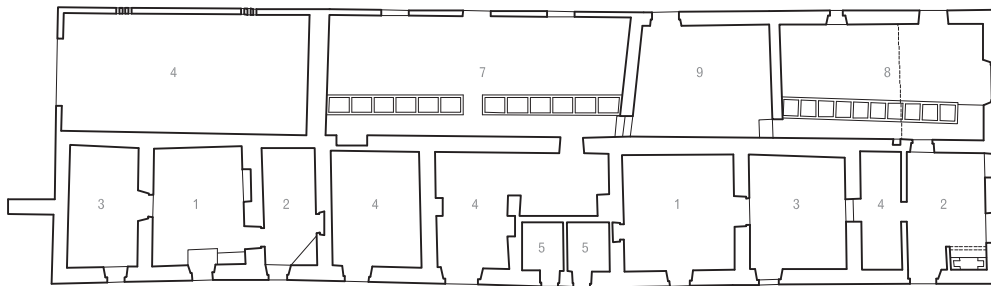
1



2

^d• Sobre os caseiros da Horta do Bandeira
Manuel Guerreiro Inácio, Corujeira, 1934
Julietta Assunção Cipriano, Corujeira-Quatro Estradas, 1931
^e• Sobre as pessoas que iam trabalhar à Horta do Bandeira
Manuel Nascimento Correia, Tavira, 1921
Manuel Guerreiro Inácio, Corujeira, 1934

Horta do Bandeira
1 vista geral sul
2 vista geral norte

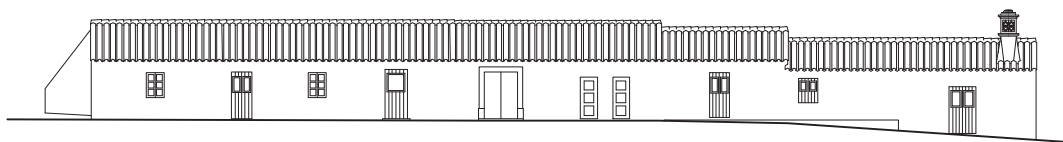
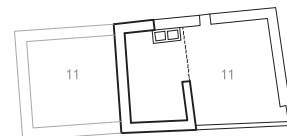
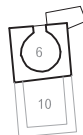


planta

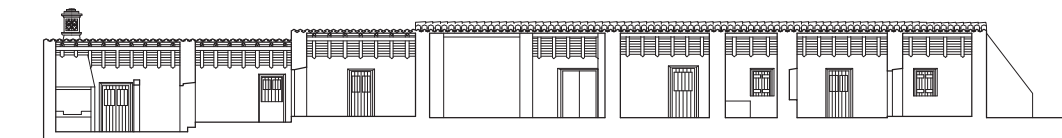
Horta do Bandeira

planta, alçado e corte 1:300

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 ramada
 - 8 ramada com sobrado
 - 9 palheiro
 - 10 galinheiro/coelheira
 - 11 pocilgo
- cinzento: ruína



alçado sul



corte longitudinal

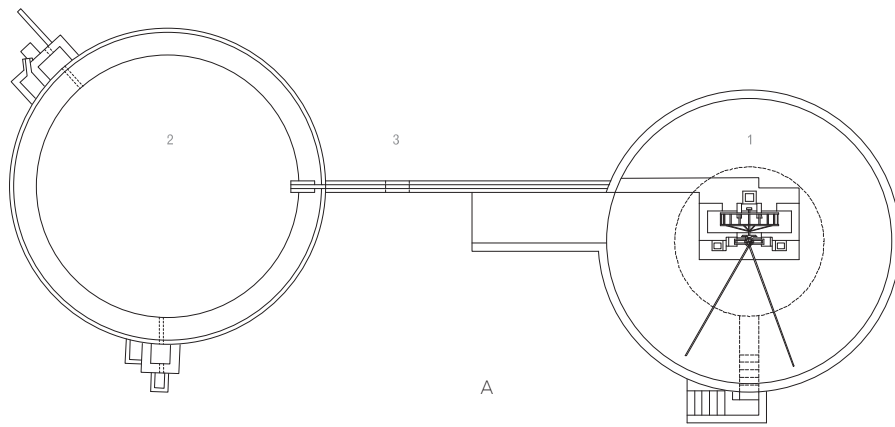


1

3



2



Horta do Bandeira
noras

plantas 1:300

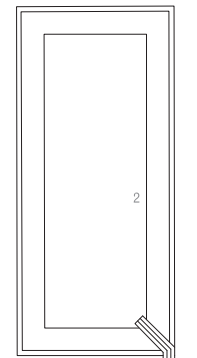
A nora a norte
B nora a sul

1 nora
2 tanque
3 levada



1, 2

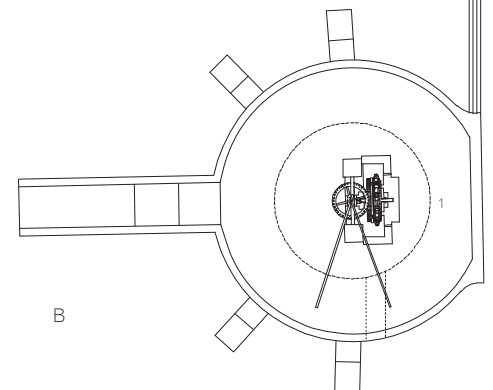
Horta do Bandeira
1 nora A: tanque
2 nora A: engenho
3 nora B: muro e levada
4 nora B: vista geral



3



3, 4



B

A nora

A propriedade com alguma dimensão da zona litoral, e no caso concreto da zona ocidental do Baixo Guadiana, aparece frequentemente associada ao sistema de regadio viável pela construção da nora. São identificados nesta área dois tipos distintos³¹: a nora de eixo curto, em que o espaço de movimento do animal se “sobrepõe” ao poço, como na quinta da Horta do Bandeira; e a nora de eixo longo alto, que permite o desfasamento desses dois círculos. No primeiro caso a transposição do círculo do poço para o círculo associado ao movimento do animal, de maior diâmetro, é conseguida pela execução de estrutura sobre-elevada, suportada por muro contínuo, como na quinta da Horta do Bandeira, ou por arcada de composição geométrica e matriz erudita, como na quinta do Valongo.

O conjunto da nora, do “aqueduto” e do tanque formaliza frequentemente o limite da propriedade.

Foi identificada em Poço do Álamo uma nora com engenho de madeira, que permitiu estabelecer uma possibilidade de desenho para o engenho original - entretanto substituído, como é recorrente, por uma engrenagem metálica - das restantes noras.

^a “Tinha ali uma nora que dava pouca água... Tem lá duas: uma é dentro do ribeiro, essa dava mais água... Mas nesse tempo dava pouco: não havia motores, era tirada por vacas e mulas... Não me recordo se aquilo era de madeira se era de ferro, não me recordo... mas tenho a impressão que era de ferro... Quem é que sabe os anos que aquilo está feito, essas noras... terá sido feito no tempo descansado do primeiro dono daquilo... o fulano Bandeira...”

^b “As duas noras funcionavam: quando eu era puto - tinha uns 10, 12 anos - ganhava nesse tempo 4 escudos

³¹ Jorge DIAS e Fernando GALHANO: “Aparelhos de elevar a água de rega. Contribuição para o estudo do regadio em Portugal”, Ed. Publicações Dom Quixote, 2ª edição, Lisboa, 1986

³² Refere-se à armação da pesca do atum

para estar ali, para não deixar parar a vaca que andava de roda, à volta do engenho, tirando água. Quando ela parava eu mandava-a andar.

[As duas noras] já era muito mais antigo, não sei, seria para regar o terreno todo, uma não teria água avonde e abriram outra. Sempre as duas, já muito antes de eu ter nascido, já no tempo dos meus avós já aquilo estava ali concerteza, já falavam nisso... Uma tinha um tanque comprido, rectangular, e o outro era um tanque grande, redondo.

Tinha regadio e tinha sequeiro. Aqui na parte de baixo era figueiral e na parte de cima era farrobeiras.

^c “A água era tirada com uma mula... ou com uma vaca. Com uns alcatruzes, chama-se alcatruzes... vinha a água assim numa roda e a mula andava à roda para a água ir para o tanque. Estava muito caiada a nora... o monte todo muito bonito, mas depois...”

Eu só me lembro de uma roda, mas eu nunca cheguei a ir lá acima. Via a água a correr por aquela... que chama-se a levada, estreita, por onde a água ia para o tanque que era lá ao fundo, tudo caiadinho.

Já deixou de trabalhar há muito tempo aquela nora, e às vezes naquelas arcadas chegavam a dormir lá pessoas, eles deixavam-nos dormir ali debaixo.”

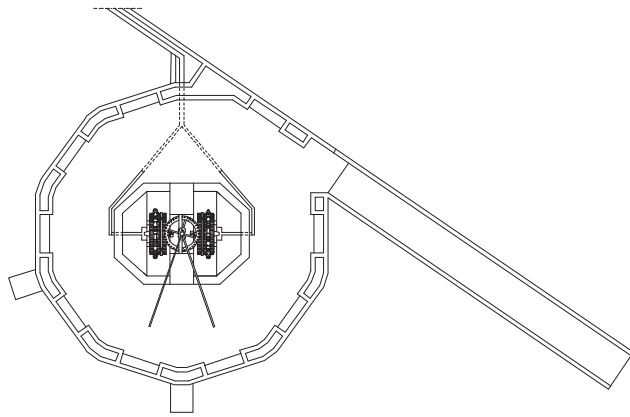
^d “Esta nora... eu já há trinta e oito anos que moro aqui e quantos anos não teria já esta nora? Andava só uma besta aí à volta, cada vez era uma e... os alcatruzes eram de barro e trabalhavam aqui em cima desta corda, desta corda de arame, está aí o lugar onde eles trabalhavam.

Esta corda veio da armação³² de Tavira. E um senhor que era muito amigo do meu patrão, que isto não é meu, era muito amigo do meu patrão e ofereceu-nos a

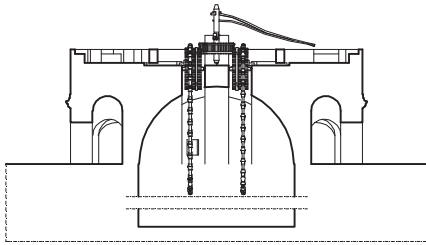
^{a,b} Sobre as noras da Horta do Bandeira
Manuel Nascimento Correia, Tavira, 1921
Manuel Guerreiro Inácio, Corujeira, 1934

^c Sobre a nora da Quinta de Valongo
Maria Amélia Guerreiro Branquinho, Valongo, 1940

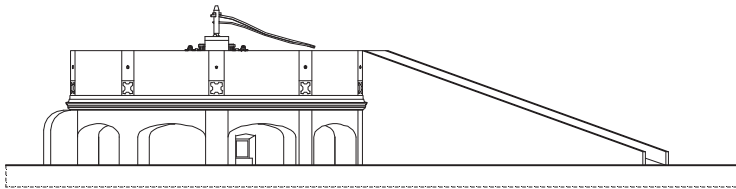
^d Sobre a nora do Poço do Álamo
Manuel Domingues Pereira, 1934



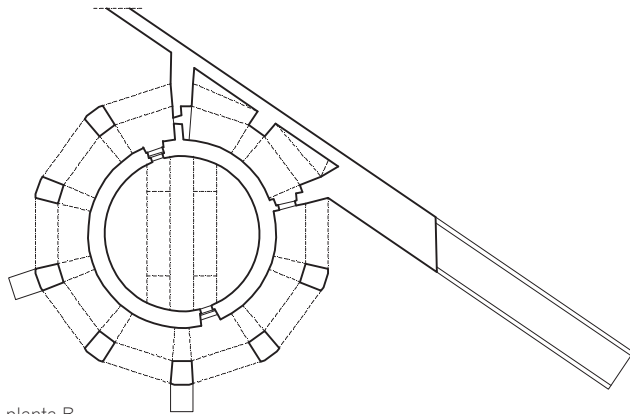
planta A



corte



alçado



planta B



5

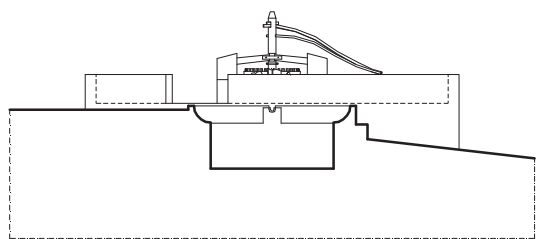
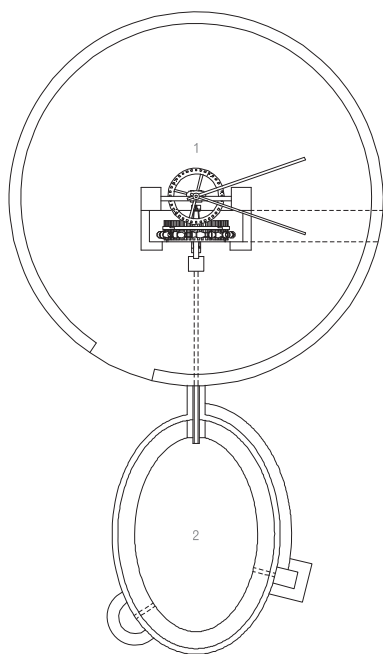
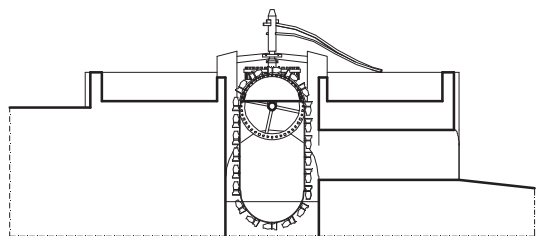


6

Poço do Álamo
nora

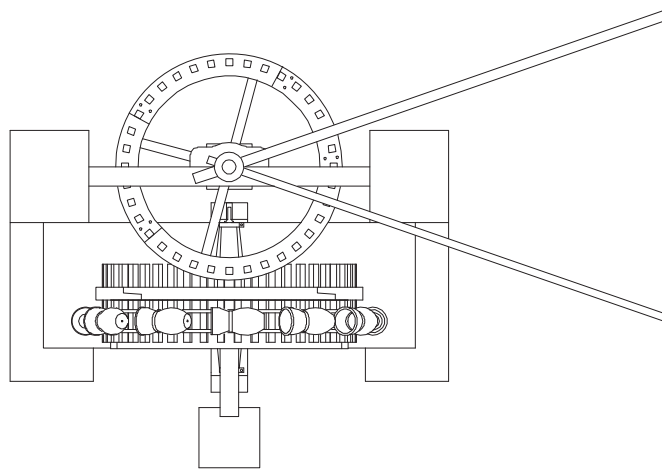
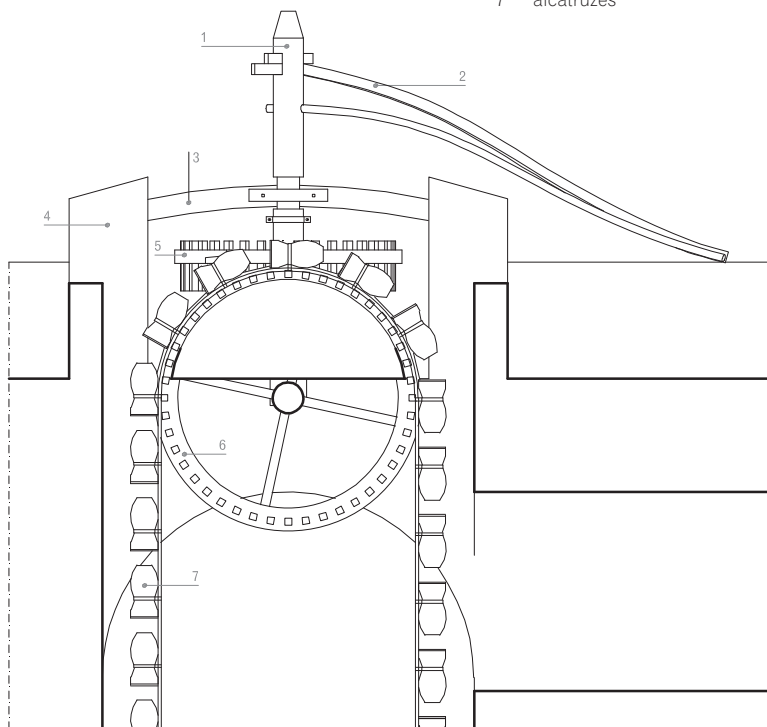
cortes e planta 1:200

- 1 nora,
- 2 tanque



corte e planta 1:50

- 1 pião
- 2 almajarra
- 3 é Nora
- 4 moirão
- 5 carreto
- 6 roda de água
- 7 alcatruzes



corda. Fui eu a buscá-la. Isto já está tudo a pender, já está tudo caído, que isto era mais aqui...

E o engenho foi feito aqui mesmo no sítio, à sombra destas árvores, com madeira de oliveira. Um homem, um carpinteiro ali de Santa Margarida, vinha para aí e fazia tudo aqui mesmo... ao lado da nora."

° "Na serra não há noras nenhuma. Isso é lá para baixo. Aqui não dava porque os pedaços de terra limpa não davam para fazermos uma nora.

O regadio... então? Sabe o que eu passei de tão longe... ali onde estão uns caseirões? Hoje chamam-lhe as Pimentas... pois eu, com três filhas pequeninas, que era tudo do mesmo tamanho, chegava a vir de além com um caldeirinho de água à cabeça para beber e fazer comer, que aqui no Verão secava-se tudo.

As noras não davam e não havia aqui quem tivesse dinheiro para as fazer. Não é como no Algarve. No Algarve havia muito disso, nem toda a gente tinha, só nas fazendas grandes ou quem podia. Há alguns que também só têm uma migalha.

Essa nora de Valongo... tantas vezes que eu fui lá... não é assim numa baixa? Pois eu trabalhei aí quando era solteira. Andava uma besta, uma hora, duas horas, uma coisa assim que visse que estava cansada, e vinha outra. Os alcatruzes eram de barro e o resto devia ser de madeira, que a madeira nesse tempo era madeira de azinhos, de chaparheiros, e isso era muito forte. Nesse tempo não havia ferragens como há agora, talvez... mas eu já não me lembro.

E essa tem assim um valado muito alto. Essa nora é muito antiga. Isso ainda o meu pai daria de ser moço pequeno, então eu passava ali e já ela parecia de ser velha, e servia para tirar água para regar a fazenda... as favas, batata, feijão, grão... as coisas assim... de rego."

° Sobre as noras
Teresa de Jesus, Estorninhos, 1922



1

poço do Álamo

- 1 pormenores do engenho da nora
- 2 roda de água [6] e éнора [3]

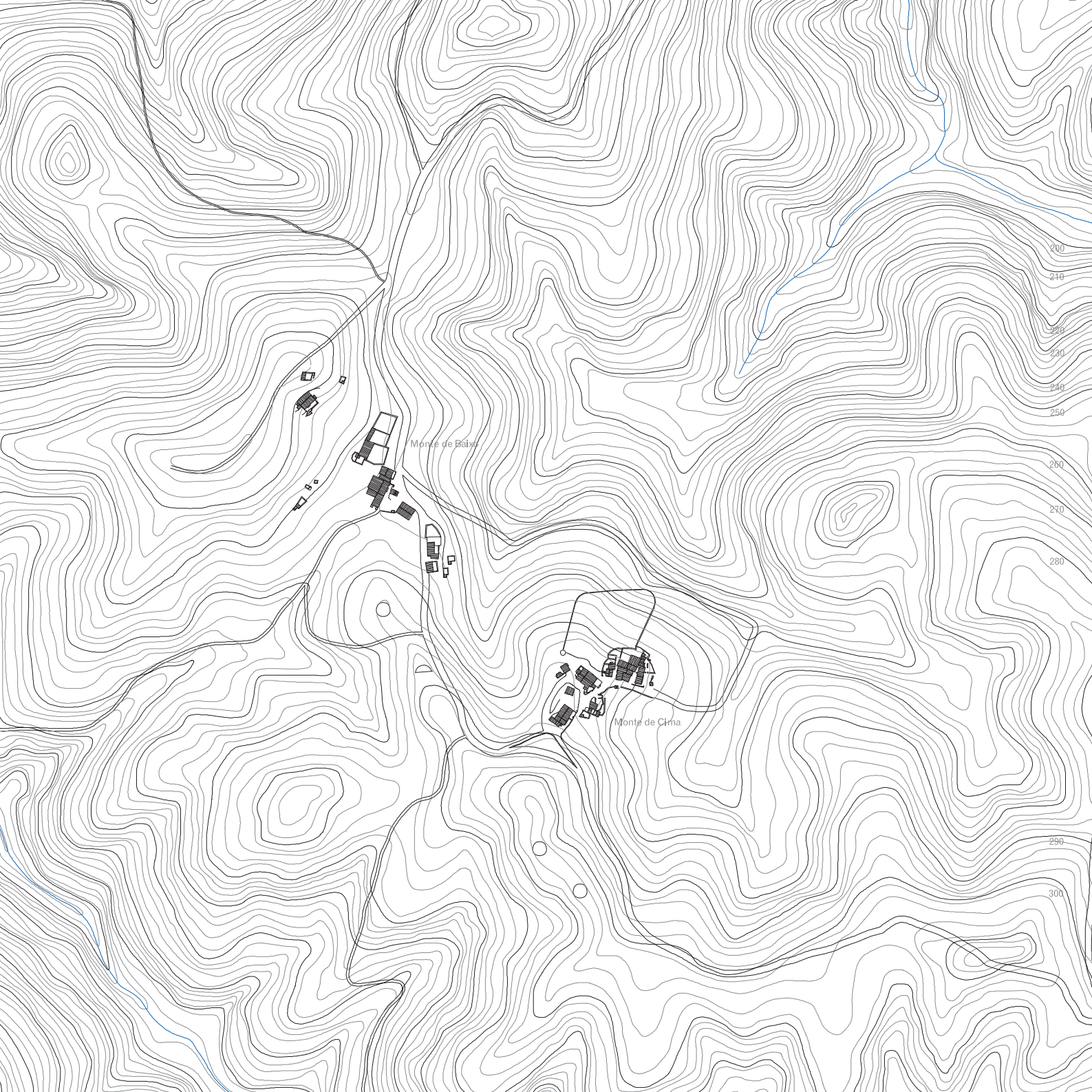
2





Vale da Rosa





Monte de Baixo

Monte de Cima

200
210
220
230
240
250
260
270
280
290
300

Vale da Rosa

freguesia de Vaqueiros, concelho de Alcoutim

Vale da Rosa localiza-se em zona próxima da cumeada de separação das bacias das ribeiras do Beliche e de Odeleite, sendo constituído por dois núcleos em encosta separados por zona de talvegue. O primeiro, localizado a norte e a cota mais baixa, corresponde a um monte de lavrador estruturado por um conjunto edificado desenvolvido por agregação progressiva de “células”, contíguo a um conjunto de currais de grande dimensão. Na proximidade deste conjunto encontra-se um edifício isolado de meados do século passado, relativo a uma outra estrutura familiar. Um segundo núcleo a sul evidencia um processo de lenta realocação do assentamento. As edificações que, numa primeira fase, corresponderiam a três famílias distintas, foram entretanto abandonadas ou reconvertidas ao apoio às actividades agro-pecuárias, com a construção, a cota superior, de novos edifícios. No conjunto edificado mais antigo coexistem edifícios de uma água e edifícios com pau de fileira e área extremamente reduzida.

^a “Além era o monte do lavrador Manuel Rodrigues. O lavrador Manuel Rodrigues já é o filho do antigo, o antigo era Joaquim Rodrigues... parece que era.

Além era o Vale do Asno e aqui era o Vale da Rosa. Havia para aí um gajo que foi... bater num bicho qualquer, Olha o asno!, e ficou Vale do Asno”

^b “O mais antigo a gente não sabe qual é.”

^a “Todos os dois são muito antigos... já não são desta era.”

^b “Neste, esses caseirões que estão aí caiados são mais antigos.”

^c “Além, daquele lado, tinham fama de lavradores. Tinham muito terreno, esse terreno que está de pinheiros era todo deles, era quase tudo deles, a gente para aí tinha umas migalhas. Não vê além aquele cerro,

³³ Refere-se à rotação de culturas

além em frente. Ainda é para lá para o outro lado, ainda.

Faziam às folhas³³, faziam uma folha em terra mais velha, que tinha mais tempo de ser feita e faziam então em terra mais nova. A que não era semeada era para o gado.”

^d “Nesse tempo havia aqui três fogos, três... famílias, nesse tempo, mas ao depois deram em haver mais, deram em criar.

Morava aqui uma família, morava aí outra família, isto aqui eu já não me lembro disso ser habitado, um caseirão que está aí nessas casas que estão derubadas, morava outra família. E além morava outra família que era a minha. Aqui era do Portacho Martins, esta era do Amador e a minha era do António João, que era o meu pai. Depois é que naquelas casas além da ponta é que construíram, outra família. Que era aqui desta família, aqui do Portacho, foi fazer além umas casas, além no cabo de cima.”

^e “Esta era a casa do fogo, onde eles faziam lume. Aquilo era para pôr coisas, para pôr loiças, para pôr... coisas. Era os frisos que usavam noutro tempo. São pilheiras e são frisos. O friso é de ponta a ponta, na parede. E ali são pilheiras, são para pôr coisas ali dentro. Aquela casa tem muitas pilheiras.

Era do senhor João Amador, onde eles faziam o fogo. E as duas de lado era - aquela ali era minha está já abandonada - duas divisões, foi onde o meu marido foi criado.

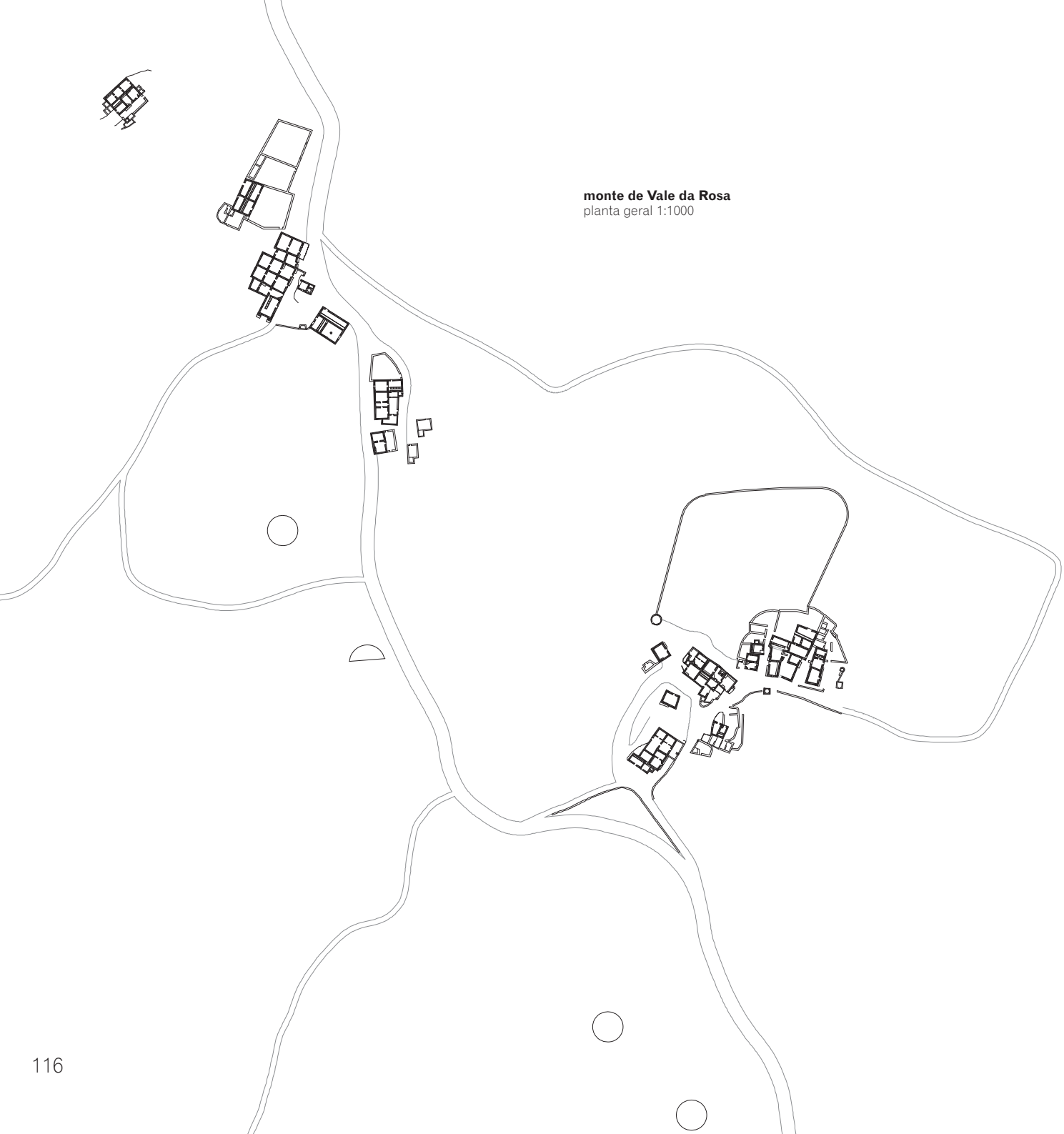
Além naquelas casas, não tinha mais nenhuma. Um quarto e outra casa onde faziam o fogo.”

^{a, b, c} Sobre o Monte de Baixo
Rafael António, Alcarias, 1921; Maria Rosa, Traviscosa, 1921;
José António, Alcarias, 1928

^d Sobre o Monte de Cima
José António, Alcarias, 1928

^e Sobre a casa de fogo de João Amador e
sobre a casa de António João
Maria Rosa, Traviscosa, 1921

monte de Vale da Rosa
planta geral 1:1000



Vale da Rosa

1 Monte de Baixo

2 Monte de Cima

^f “Aqui era uma casa, uma casa que era casa de resguardo onde eles dormiam. E aqui era a casa de fogo, onde eles faziam fogo. E isto aqui era a cabana onde prendiam o burro. Punham a palha num palheiroinho que está aí dentro, que está derrotado, fica naquelas águas além. E isto aqui é o curral da arramada, da cabana. Aí eram uns caseirões antigos, punham aí coisas... Estas casas eram do meu sogro e da minha sogra. A minha sogra era aqui deste monte. Eram três irmãos, dois machos e uma fêmea. A fêmea era a minha sogra e tinha mais dois irmãos. Isto era dos três. Quando partiu, aquela deu a um irmão, e esta que está aqui deu a outro. E eu comprei essas duas.

Esse forno era todo de pedra. Nesse tempo não havia nada disso, não havia tijolo não havia nada. Isso agora já há obra cozida, fazem de obra cozida. Ainda a minha mulher cozeu pão aí nesse forno. E coze bem. Logo que seja feito aí por um mestre bom, não há-de cozer.”

^g “Aquela pedra assim para fora é para irem para cima do telhado.”

^f “Aquela pedra... não é nada. Se quisessem fazer um outro compartimento lá para baixo e assim segurava a outra parede que fosse feita, para travar.”

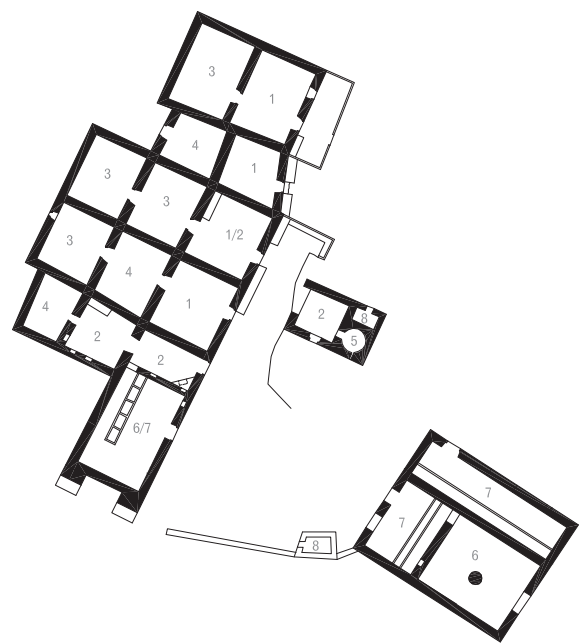
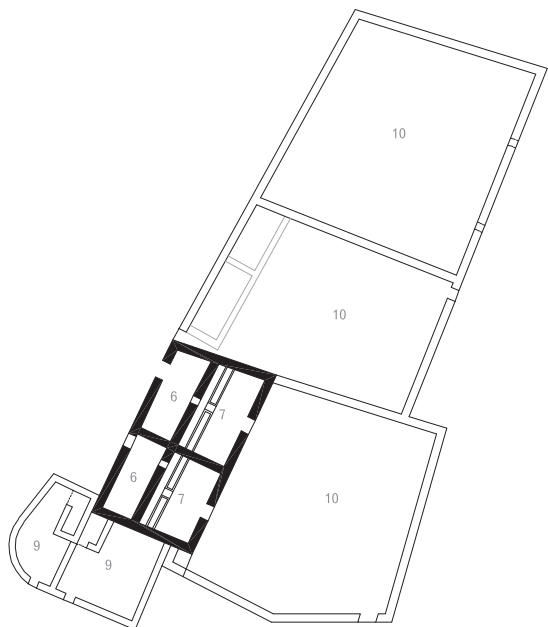
^g “Aquela além é onde faziam o fogo e esta aqui é onde tinham as coisas, onde dormiam, e é por isso que caíram esta e não caíram aquela. Esmeravam-se mais com esta. Aqui foi a minha mãe criada.”

^f “Quando faziam fogo, não estava ali a palha. A palha era posta ali nuns caseirões, num palheiro que está ali atrás. Eu é que abri esse boqueirão, e a casa do fogo ficou palheiro. A porta do palheiro para a ramada já estava aberta quando eu nasci. A casa de fogo tinha uma porta para a ramada. Estavam ao pé do fogo vendo o gado comer.”

1, 2



^g Sobre a casa de Portacho Martins
Rafael António, Alcarias, 1921; Maria Rosa, Traviscosa, 1921



1

monte de Vale da Rosa

Monte de Baixo

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 forno
 - 6 palheiro
 - 7 ramada
 - 8 galinheiro/coelheira
 - 9 pocilgo
 - 10 curral
- cinzento: ruína

2



Vale da Rosa, Monte de Baixo

- 1 espaço fronteiro
- 2, 3 orifícios para gonzo de porta de curral
- 4 empena em alvenaria de xisto
- 5 casa de fogo

3



4, 5



monte de Vale da Rosa

Monte de Cima

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 forno
 - 6 fornalha
 - 7 palheiro
 - 8 ramada
 - 9 galinheiro/coelheira
 - 10 pocilgo
 - 11 curral
- cinzento: ruína

*este compartimento
funcionou anteriormente
como casa de fogo
com o acesso à ramada,
que ainda mantém;
a reconversão em palheiro
está associada à
abertura de um boqueirão
na fachada tardoz





Monte de Cima

assentamento original

planta 1:500

Famílias

-  António João
-  João Amador
-  Portacho Martins



Vale da Rosa, Monte de Cima

- 1 palheiros
- 2 empena em alvenaria de xisto
- 3 ramada

1



2



3





1



2



- 1 Balurquinhos, eira com pavimento em argamassa
- 2 Corte Gago, eira com pavimento em laje de xisto
- 3 Laranjeiras, eira com pavimento em terra e barro pisado pelas cabras

A eira

No Vale da Rosa o número e localização das eiras reflecte a estrutura dos núcleos familiares do monte, correspondendo a eira de maiores dimensões ao monte de lavradores. Predominam as eiras feitas de barro e palha, apesar da utilização mais recente de materiais de revestimento, como as lajes de xisto, a tijoleira de barro ou a argamassa.

^a “Neste monte eram além no bico daquele cerro...”
 “Cavando com um picarete e empalhando aquele chão e ò depois chamava-se um arrebanho de gado para pisar aquele...”

^b “A andar à roda...”

^a “Um rebanho de cabras. E também faziam acimentadas com algramasso³⁴. Mas eram mais pobres ainda que o que é hoje e não havia nada, cavavam com um picarete, empalhavam aquele chão e depois deitavam um barro além em cima, e chamavam um rebanho de cabras e andavam com aquele gado à roda, e deitavam palha para amolecer aquilo, era como faziam as eiras.

Olhe além tenho eu uma, foi feita assim. As cabras lá andavam aquilo que precisava: era hora, hora e meia, duas horas. Além está uma, além onde está aquele chaparro está outra. Neste monte eram quatro ou cinco e além eram mais duas. Cada casal tinha uma eira. Além eram três casais tinham três eiras, ali eram três e aqui eram quatro.

Escolhia-se o sítio onde desse mais vento. A gente tinha de limpar, chamava-lhe a gente, a levantar a palha assim para cima, para o vento levar a palha e deixar o grão. E isso é em sítios mais altos, via-se onde corria o vento mais e é lá onde a gente fazia a eira.”

^c “Eram todas feitas... deitavam-lhe uma terra, um barro e uma água e chamavam uma piara³⁵ de cabras, e

³⁴ Argamassa

³⁵ Rebanho

andavam ali em cima, ali à roda... As eiras que há aqui são desse jeito. Só essa que o meu cunhado fez... o senhor Portacho debulhou, esse é que fez depois uma eira em pedra, em lajes. Arrancou-as ali nesse cerro, algumas, e outras trouxe-as doutro lado.

Agora as outras que havia aqui eram todas assim deste jeito. Era feita todos os anos. Alguns punham-lhes umas pedras à roda para se conhecer que era uma eira e ò depois a eira era aí dentro disso. E para o trigo não sair. A semente que se debulhava ali... Debulhava-se com burros, com vacas...”

^d “Antigamente era de barro, aquela ali já é de cimento. Já fiz eu mais os meus filhos. Era barro pisado pelas cabras. Aquilo podia demorar aí... três, quatro horas. E no Alentejo faziam com os porcos, molhavam o chão e faziam com os porcos. Cento e tal porcos que metia ali, e logo a seguir uma parelha de bestas. Duas ou três parelhas engatadas nos carros com os carros aplanando o chão, e logo, vá!, a aceifeira debulhadora ceifando, vá!, a depois trigo para ali. Montes de trigo maiores que estas casas. Depois estando ali um mês ou dois iam no celeiro. Ainda fui dois anos ou três. Fui para a zona de Beja, mas também andamos ao pé de Ferreira do Alentejo e estava lá um mês...”

^e “Aquela quinta não tinha eira. Isso, as eiras, faziam nesse tempo a propósito, com as animais: ali num bocado mais direito, deitavam-lhe água e o palhuço, aquela palha mais fina dos palheiros, e vinham os cabreiros com um rebanho ou dois de cabras e andavam as cabras em volta a pisar aquilo tudo e aquilo ficava liso. Todos os anos faziam e depois pastavam um dia ou dois nessa fazenda, como compensação. Era naquela parte mais alta do monte.”

^{a, b, c} Sobre as eiras do Vale da Rosa

Maria Rosa, Traviscosa, 1921; Rafael António, Alcarias, 1921;
 José António, Alcarias, 1928

^d Sobre as eiras de Corte Gago

Manuel Custódio Gonçalves, Monte do Serro de Corte Gago, 1930

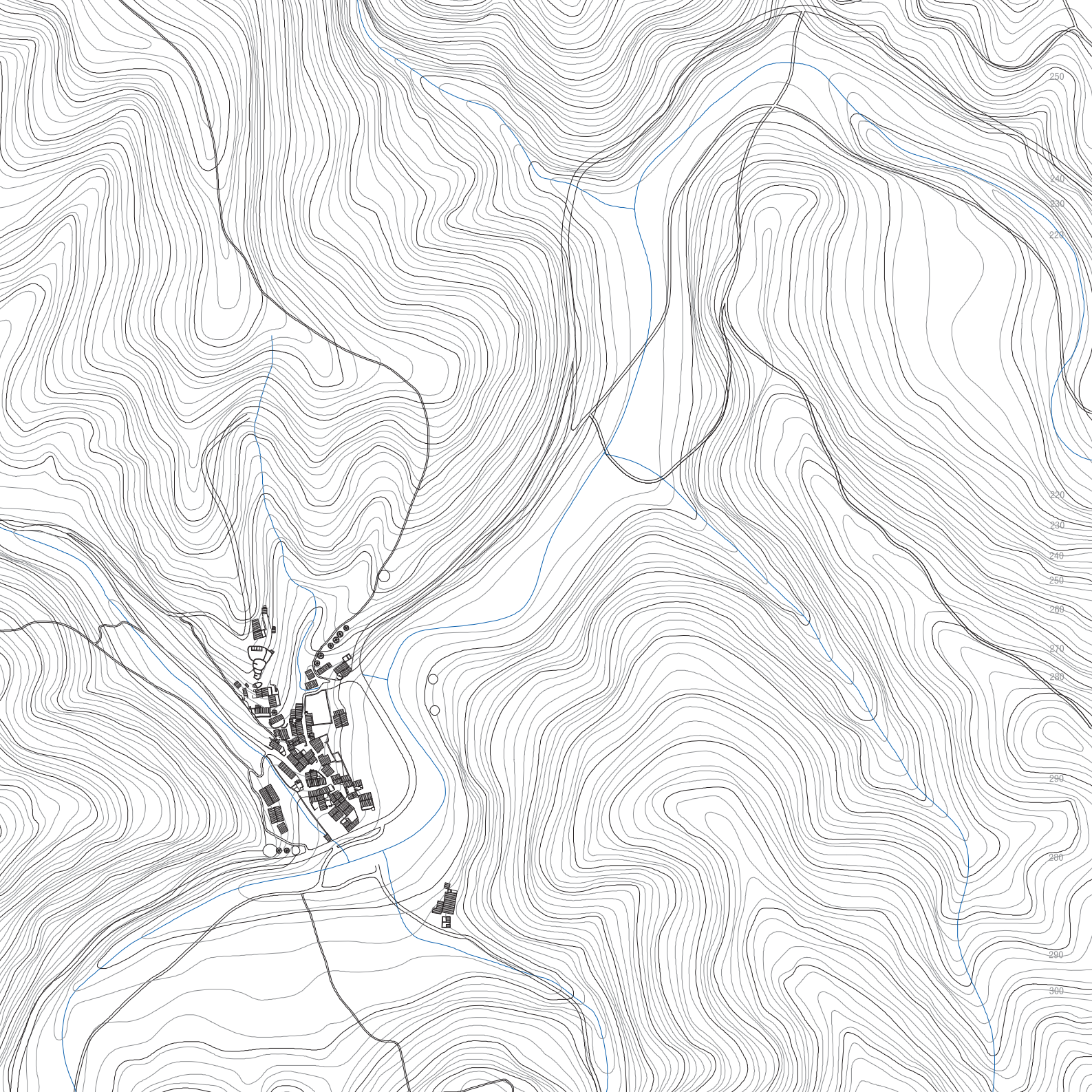
^e Sobre a eira da Horta do Bandeira

Manuel Guerreiro Inácio, Corujeira, 1934

Beliche de Cima







Beliche de Cima

freguesia de Santa Maria, concelho Tavira

página 126
Beliche de Cima, planta de enquadramento 1:4000
páginas 124, 125
Beliche de Cima, vista sul

Beliche de Cima integra uma estrutura polinuclear constituída ainda por Beliche de Meio, Beliche do Cerro e Beliche de Baixo, nas margens da ribeira do Beliche, já na proximidade da freguesia de Vaqueiros (Alcoutim). Desenvolve-se ao longo de zona de festo de sentido noroeste/sudeste, estruturado por dois eixos longitudinais que organizam a disposição dos conjuntos edificados e alargam pontualmente em espaços públicos e privados. Distingue-se, entre estes, o espaço público à entrada do monte na zona sudoeste, onde se localiza o lavadouro. Ao nível da estrutura funcional, Beliche de Cima conforma uma separação relativa entre as áreas habitacionais e os espaços de apoio às actividades agropecuárias, situando-se os conjuntos constituídos por palheiro/ramada/estrumeira na zona de transição para as hortas associadas à ribeira e linhas afluentes, que contornam o monte a nascente, sul e poente.

^a “Você não vê o chão direito, não vê as batatas que há aí?... parece as campinas de Faro... e então é assim que se formou isto. As casas não se meteram nos campos porque era para plantar e além disso era muito húmido. Não vê que a ribeira está aí e às vezes vêm as tempestades das águas e a ribeira sobe e chega-se para cima e a água vem parar aqui... e há uma baixazinha.

Aquelas pessoas, como o terreno é acidentado, viviam em conjunto... Havia muito lobo nesse tempo, havia muito bicho, e então as pessoas juntavam-se, pronto. Quando eu nasci já estava tudo pronto, já estava o monte todo pronto, só aquelas ali é que são novas.

Algum dia era assim... os palheiros apartados das casas das pessoas. Não vê que os palheiros ficavam quase todos ao pé das arramadas e as arramadas, para fazer a estrumeira, ficavam mais fora das casas?

As pessoas dantes tinham muitos gados, toda a

gente: reses, bestas, ovelhas, cabras, e então para a estrumeira ficar apartada das casas, tinha que ficar o palheiro também.

Este monte está junto a esta baixa mas outros montes estão nos altos. Olhe aquele que está além, que é Beliche do Meio, tem uma grande baixa lá para a outra banda, mas está num alto. Isto que está aqui é tudo Beliche, mas são vários montes: este é o de Cima, aquele é o do Meio, o outro é o do Cerro e... outros viviam além porque a gente não podemos ir trabalhar lá muito longe, quando não... só o caminho leva o tempo. Cada monte tinha uma várzea e... lá está o Beliche de Baixo e para além é Cabaços, pertence a Alcoutim, e para além já está Umbrias de Camacho, que pertence a Tavira, e é tudo assim.”



^a Sobre o Beliche de Cima
Marcelino António Pereira, Beliche do Meio, 1922



monte de Beliche de Cima
planta geral 1:1000

^b “A gente vai escolhendo a pedra. Você vai aqui... esta é de uma qualidade que é rija que nunca se gasta. Isto aqui era uma arramada como aquela, mas caiu e o patrão nunca mais a pôde levantar. Isto é uma qualidade de pedra que dura a vida eterna. Há aqui outras... por exemplo isto não dura nada, o sol desfá-las.

Fazia-se um roço, uma vala, para ficar direito, à picareta. Alguns podiam ter um metro, outros meio... Quando sendo muita rocha não se faz, faz-se em cima da rocha, mas também se faz o mesmo sinal.

Aqui na quina, as pedras... uma segura para uma banda e outra segura para a outra, para segurar a parede. Esta segura para além e monta com esta para não rachar e esta segura para além... para fazer a quina. Mas não podem ser é muito altas porque isto não é coisa de segurança.”

^c “As casas não tinham janelas, não tinham nada. Tinham um buraco, sabe o que é um buraco? A porta é que tinha um postigo. Estas janelas são todas novas, isso é de há cinquenta anos para cá. Pensa que havia aqui alguma coisa? Aqui nesta arramada está um buraco e além está outro, mas esse é para tirar o estrume para aqui, para a estrumeira.

Mas este buraco aqui é para dar a luz, que era as janelas que havia. Este buraco quando o sol nascendo dá luz lá dentro.”

^b Sobre a escolha das pedras e a construção do monte
Marcelino António Pereira, Beliche do Meio, 1922

^c Sobre as janelas das casas
Marcelino António Pereira, Beliche do Meio, 1922



1

Beliche de Cima
1 vista geral de poente
2 casa de despejo/celeiro

2







Beliche de Cima

- 1 hortas
- 2 varrendo o espaço fronteiro
- 3 habitações
- 4 palheiro e ramada
- 5 pocilgo
- 6, 7 espaços fronteiros



2
3

4

5

6

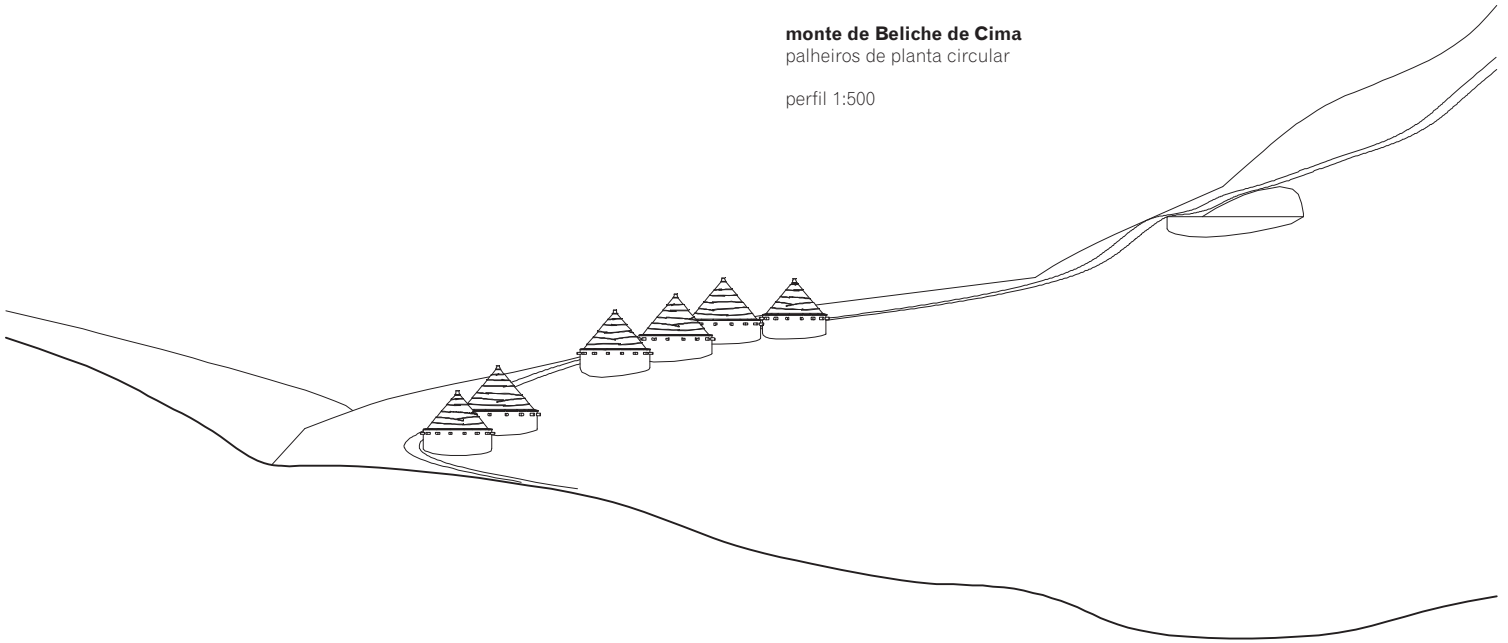
7



monte de Beliche de Cima

palheiros de planta circular

perfil 1:500



Beliche de Cima,
1,2 palheiros de planta circular

1



2



O palheiro de planta circular, o cabano e a serra de palha

Pontuando alguns assentamentos da zona do Baixo Guadiana, os palheiros de planta circular concentram-se particularmente na área central da serra do Caldeirão, onde poderão existir mais de cinco ou seis exemplares em alguns montes. Resultam da sobreposição da base cilíndrica de alvenaria de xisto aparente e da cobertura cónica de palha de centeio, localizando-se, na maioria dos casos, na proximidade de uma eira existente a cota elevada em relação ao aglomerado. Raramente têm, como no Beliche, pedras salientes junto ao capeamento que facilitavam o processo de execução ou substituição da cobertura. A ligação da palha de centeio aos ramos ou caibros é feita através de anéis de varas de loendro, de esteva ou de canas.

Quando não existia palheiro ou a palha era excedentária, esta era mantida em “serras”, que constituíam corpos de palha de trigo protegidos por uma cobertura de palha de centeio, geralmente executados junto à eira ou dentro de uma cerca. Nos montes de lavrador é recorrente a construção de uma cerca com o propósito da protecção das serras.

A utilização da palha de centeio, enquanto elemento de cobertura, estendia-se ainda aos moinhos de vento, em forma semelhante à das construções de planta circular, e às cabanas ou cabanos que constituem prismas triangulares, em alguns casos com base de alvenaria de xisto, e que servem ou serviam enquanto espaço de “despejo”, ramada ou como um abrigo de pastor.

^a “Não são todos das mesmas pessoas, aqueles além em cima cada um é de uma pessoa.

Aqui é muito húmido e então faziam-nos além em cima porque senão a palha que estava lá dentro, para os animais, estragava-se. E então como se estragava, as pessoas punham os palheiros onde... não fizesse humidade,

³⁶ Coberto

³⁷ Seródio, tardio

quando chovia. Olhe, por ali acima estão alguns sete ou oito. Alguns já estão derrotados mas ainda se vêem.

E quem não tinha aqueles palheiros bicudos fazia as serras de palha, fazia-se tudo. Fazia quem fazia. Faziam em qualquer chão, onde a água esconsasse. Não podia ser arrimado à barreira, nem às terras brandas. É aí que se faziam as serras, não é verdade?, para não apodrecer a palha por baixo.

Cabanos aqui havia pouco disso. Como a gente nessas baixas da cidade onde guardam muita coisa... como é que eles chamam aquilo? uma despensa... e aqui... era um cabano qualquer onde guardavam palha ou coisas assim. A gente aqui desta casa tinha um cabano desses, era telhado³⁶ também com palha. Uma espécie daqueles palheiros mas de outro jeito.”

^b “Semeia-se no mês de Novembro ou Dezembro... Janeiro já é saroido³⁷. Semeia-se nesse tempo e então com a chuva e o sol... Aquilo que está além em cima é centeio. E o centeio vai-se criando e depois vindo o calor do Verão, em fins de Maio, princípios de Junho, ceifa-se.

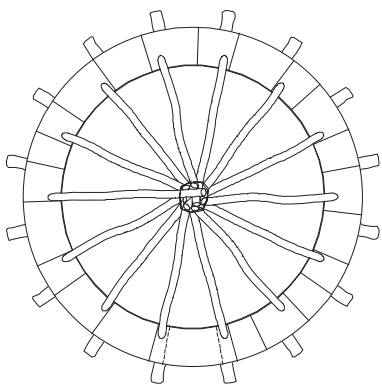
Depois ficava embardado, ficava em barda. Ficava em molhos no restolho. E depois, lá para Agosto, acartava-se tudo com uma besta, com umas cangalhas assim como estas... acartava-se para a eira e buscava-se um pau... chamava-se uma manzeira, eram dois: um ficava na mão e o outro batia lá em cima do centeio... e o centeio saía bem, e batia-se e ficava a palha inteira.

Depois apanhava-se, limpava-se com o vento e depois de estar limpo trazia-se num saco para casa, ia-se aos moinhos, dava-se aos porcos e... eu ainda comi muito pão de centeio... e a palha, fazia-se uns molhinhos e juntava-se no palheiro. Era para atar feno, era para fazerem as coberturas dos palheiros, era com que os albardeiros depois faziam as albardas... era só com aquela palha.”

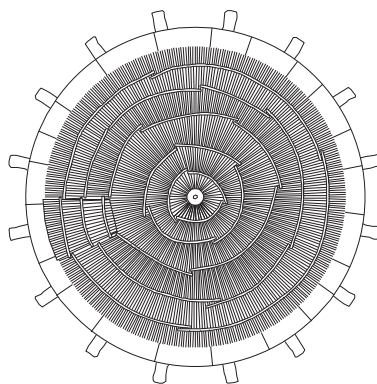
^a Sobre os palheiros do Beliche de Cima, as serras e os cabanos
Marcelino António Pereira, Beliche do Meio, 1922

^b Sobre o ciclo da palha de centeio
Marcelino António Pereira, Beliche do Meio, 1922

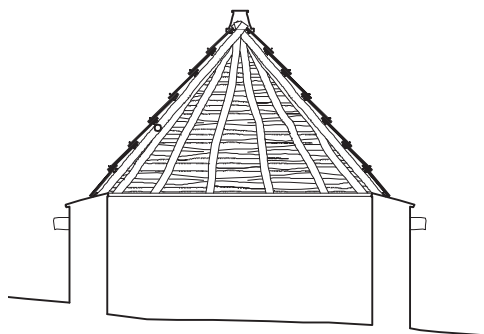
palheiro de planta circular
plantas, corte e alçado 1:200



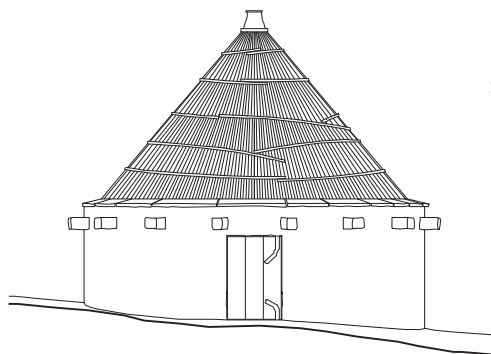
planta da estrutura da cobertura



planta da cobertura



corte



alçado



1



2



3, 4

Beliche de Cima

- 1 pormenor da cobertura de palha de centeio
- 2 pormenor de pedras para apoio na execução da cobertura
- 3 interior da cobertura com caibros de azinho e ramos de esteva
- 4 palheiro de planta circular

^c “Aquilo é feito de palha de centeio e junco³⁸. Você conhece o junco? O junco posto naquela posição escorre a água. O junco é mais mau de encontrar e é mais grosso, não é verdade?”

Ele é capaz da palha de centeio ser melhor. Daí começaram a vir as telhas... Uma cobertura daquelas pode durar vinte anos, pode durar trinta anos...

Vai-se deitando uma camada de... primeiro engata-se com um fio, dantes era tamiça, deita-se uma camada aqui e depois deitou-se outra aqui, mas esta tapou esta, não é verdade?, e depois ata-se também às varas de loendro. E aquilo vai pondo uma em cima da outra e prende-se com a tamiça... A tamiça é com palmas que se faz, vai-se aumentando e vai-se aumentando... aquelas palmeiras assim... pequeninas? É dessas. Tiram a palma e depois põe-se ao sol e depois de estar seca molham aquilo em água, para ir torcendo e não partir. E depois é como que faz um barço. Você não sabe fazer um barço? É assim... assim é que se faz a tamiça, mas têm que ir pondo as palmas de vez em quando.

E lá em cima tinha então um caldeiro velho, para não passar a água era o resto, chamavam-lhe o resto. Aqueles palheiros é que, com o vendaval que veio, acabou-se tudo.

Tinham aquelas pedras em volta para as pessoas firmarem o pé, para começarem a fazer a cobertura, porque não podiam andar à roda sem aquilo, e firmavam o pé ali e daí, de caleira a caleira³⁹, iam fazendo. A cobertura começava por baixo, e depois leva umas canas, ou esteva. Não vê aquelas canas em volta? É aquelas canas que prendem na palha e depois dá-se aqui um ponto - está uma pessoa lá dentro e está outra cá fora. Aquela lá dentro tem uma agulha para puxar, uma agulha de madeira, de esteva - a agulha é de esteva - fazem um buraco na ponta, e está um lá dentro e está outro cá fora.

³⁸ *Juncus sp.*

³⁹ Em escada

O que está lá dentro mete um pauzinho, uma tranca para segurar o ponto à tamiça, e depois está o outro cá fora e dá um nó... Aqui dá um, além dá outro e aquilo segura-se tudo.”

^d “Aquilo era um palheiro que tinha um bico para cima, de palha de centeio. Tinha uma madeira. Eu desconfio que ainda me lembro de ver com cobertura de palha. Era o único, não havia mais nenhum. Seria para aproveitar bem o trabalho? Quadrado demoraria mais tempo, sei cá.”

^e “O pedreiro que fez o palheiro redondo já morreu. Ele era ali dos Castelos, era o António Domingues. Mas a palha pôs outro. Um fez a parede e outro pôs a palha por cima. O que pôs a palha era dos Estorninhos, era um dos Caetanos, não sei qual era. Já tinha o monte todo feito quando fez aquele palheiro. Já eu acartava para ali pedras, já acartava pedra para o pedreiro.

Aquele palheiro deve ter setenta anos ou mais. Foi feito depois deste. Enchiam este e depois não tinham mais sítio e então fizeram aquele além. Ainda chegaram a fazer uma serra num cercado ali que tinha uma eira.”

^f “Então, não cabia a palha.”

^g “Nesse tempo era tudo semeado, aqui há 30 anos não havia aqui um pé de mato...”

^f “...um pé de mato!...Não cabia a palha no palheiro e depois sobrava. Depois faziam uma serra... as pessoas faziam uma serra. Faziam uma casa e depois iam cercando em cima.”

^g “Faziam o curral de serras, para o gado não dar cabo da palha. E depois metiam [cobriam] aquilo com palha de centeio.”

^c Sobre a cobertura de palha de centeio e o barço de palma com que se prende aquela às varas de loendro ou à esteva
Claudina Fernandes Pereira, Beliche de Cima, 1928

^d Referindo-se ao palheiro de planta circular de Corte Gago
Maria Pereira de Jesus, Corte Gago, 1920

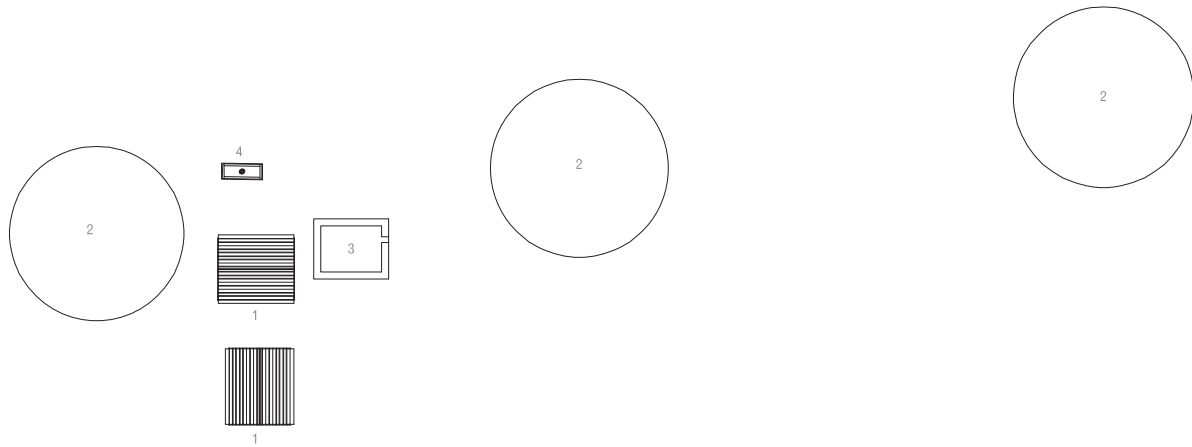
^e Sobre o palheiro de planta circular da Rocha dos Corvos
Manuel António Rodrigues, Rocha dos Corvos, 1917

^{f,g} Sobre as serras
Maria dos Prazeres Teixeira, Estevais, 1938
José Silvestre, Silveira, 1943

Torneiro
cabanos

planta 1:500

- 1 cabana
- 2 eira
- 3 pocilgo
- 4 manjedoura, envolvendo uma azinheira



1, 2

- 1 Torneiro, cabano
- 2 Torneiro, pormenor da "porta" do cabano
- 3 Corte Gago, fardos de palha

⁴⁰ *Typha sp.*

^h “As serras faziam-se por todo o lado, em todos os povos havia serras. Aí dentro de uma cerca, sabe o que é uma cerca? Faziam dentro de uma cerca ao pé de uma eira onde debulhavam a seara.

A gente, por exemplo: eu vivia ali nesse monte, ali ao lado de baixo tínhamos uma eira, ao lado de baixo fazia-se ali uma serra com palha para o gado.

No monte havia mais três eiras: era outra no outro lado, e era outra lá por trás do monte, e era outra além em frente. Ficavam assim quase em quadro. Eu conheci quatro eiras. Quase todos faziam lá uma serra, fora da eira: colocavam ali a palha e tapavam-na com palha de centeio assim como eu lhe disse.”

ⁱ “Naquele tempo semeava-se muito centeio, que já não se semeia hoje, não se semeia nada. Fazia-se as tais serras de palha, a palha não cabia nos palheiros, e então fazia-se aquelas grandes serras, ao pé da eira.

Ainda ali em cima está uma tapada, ali na eira, ainda está lá uma. Tem já muitos anos, muitos anos de tapada. Aquela é que tem ali mais de dez ou doze anos. E a palha conserva-se ali que não entra uma pinga de água.”

^j “Tenho além um resto de uma serra que tem já dezasete anos.”

ⁱ “A gente vai fazendo a serra, vai pondo a palha e acalando e espalhando assim, e a palha vai premando, premando, premando. E bate-se assim com uma cana de lado. Batendo aquilo fica apremada ali e depois é tapada então com palha de centeio. Isso é para conservar ali a palha quando ela não cabe nos palheiros - nunca cheira mal, nunca tem bafio.

A palha no palheiro dum ano para o outro põe-se bafienta, os animais não a comem, e a da serra comem-na sempre bem. A palha assim dura mais de vinte anos.

Quase todos faziam uma serra, quando não tinha falta

para gastar ficava duns anos para os outros.”

^k “Havia uma logo aqui à saída da povoação. Ainda estão ali os alicerces dela. Era forrada a palha de centeio. Palha de centeio, aquilo não era palha de centeio, era junco. Tinha aí um metro e meio de parede, mais ou menos da altura duma pessoa, e depois daí para cima a cobertura era feita com os tais paus, e depois com as canas assim a uma distância, vamos lá... a cerca de vinte, trinta centímetros, e depois levava o junco, atavam com cordas de sisal quando não era tabua⁴⁰ ali das ribeiras.

Tinha porta: com uns bocados de madeira faziam uma portinha e punha-lhe ali uma cancela. Servia para armazenarem palha ou... meterem lá o gado ou qualquer coisa assim.”

^k Sobre as cabanas, entretanto destruídas, das Laranjeiras
Emídio Marcos Colaço, Laranjeiras, 1947

3

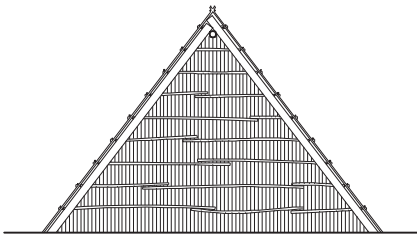


^{h, i, j} Sobre as serras

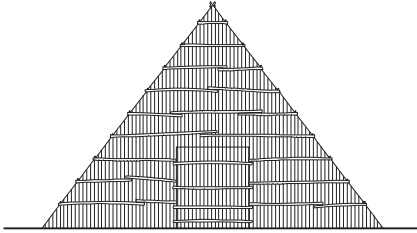
António Madeira, Viçoso, 1927

José Romeira Sequeira, Corte Gago, 1939

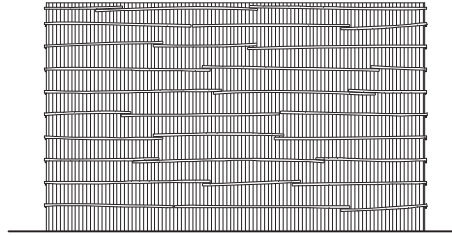
Maria da Assunção, Corte Gago, 1933



corte transversal



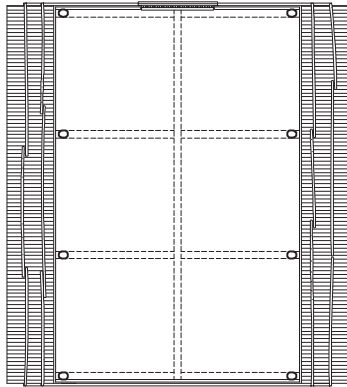
alçado frontal



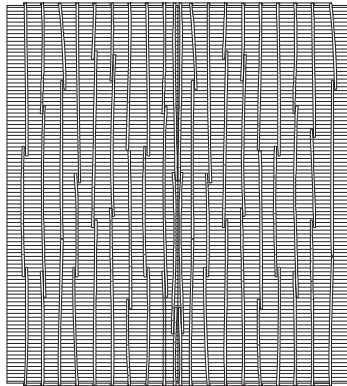
alçado lateral

Torneiro
cabanos

plantas, corte e alçados 1:100



planta
planta da cobertura (em baixo)



1



2



- 1 Torneiro, pormenor da "porta" do cabano
- 2 Torneiro, interior do cabano
- 3 Corte Gago, cabano
- 4 Corte Gago, cabano com embasamento em alvenaria de xisto

^l “Não, aquele ali servia para pôr a palha, que ele não tinha palheiro e então tinha a eira mesmo ali e aquele serviu foi para a palha. E outro que havia além era para o mesmo, os palheiros eram pequenos. Mas também metiam os burros ali... servia para isso tudo.”

^k “E dormia a gente também lá quando estava de patrulha. É verdade.”

^l “Além as casas, além do cerro, ela também tinha esse palheiro, onde tem a cozinha hoje, era um palheiro redondo, e além faziam o fogo e ali comiam e tudo mais. Era para fazerem o lume, estarem ali dentro, mas tinham uma casa pegada ali onde tinham camas e onde tinham isso, e a cobertura era com juncos, pois...”

^k “Aqui utilizavam mais o junco, aí para cima mais no interior da serra utilizavam a palha de centeio, mas nós aqui tínhamos à beira do rio o junco, chamavam-lhe junqueiras, isto aqui tudo junto aqui à margem do Guadiana, estava cheio. Hoje já não existe aí nada. As pessoas ceifavam isso e faziam coberturas. Até faziam esteiras próprias para secarem os figos.”

^m “Esses cabanos... alguns ainda usaram, eu nunca usei. Era uns paus e depois uma palha de centeio e não caía lá uma pinga de água tão pouco.

Quando era longe, para não virem a casa, faziam essas cabanas, chamavam-lhe o cabano. Tinha os paus de uma madeira qualquer: azinho, amendoeira, de uma madeira qualquer e logo era tecido com palha. Punha dois assim, punham outros dois assim e punham outro atravessado para segurar. Eram vários paus e logo com varas de loendro e depois a palha.

Eu nunca experimentei... quando eu andava na aceifa, levava-se para lá os animais todos e a gente dormia lá ao relento, no Verão.”



3, 4



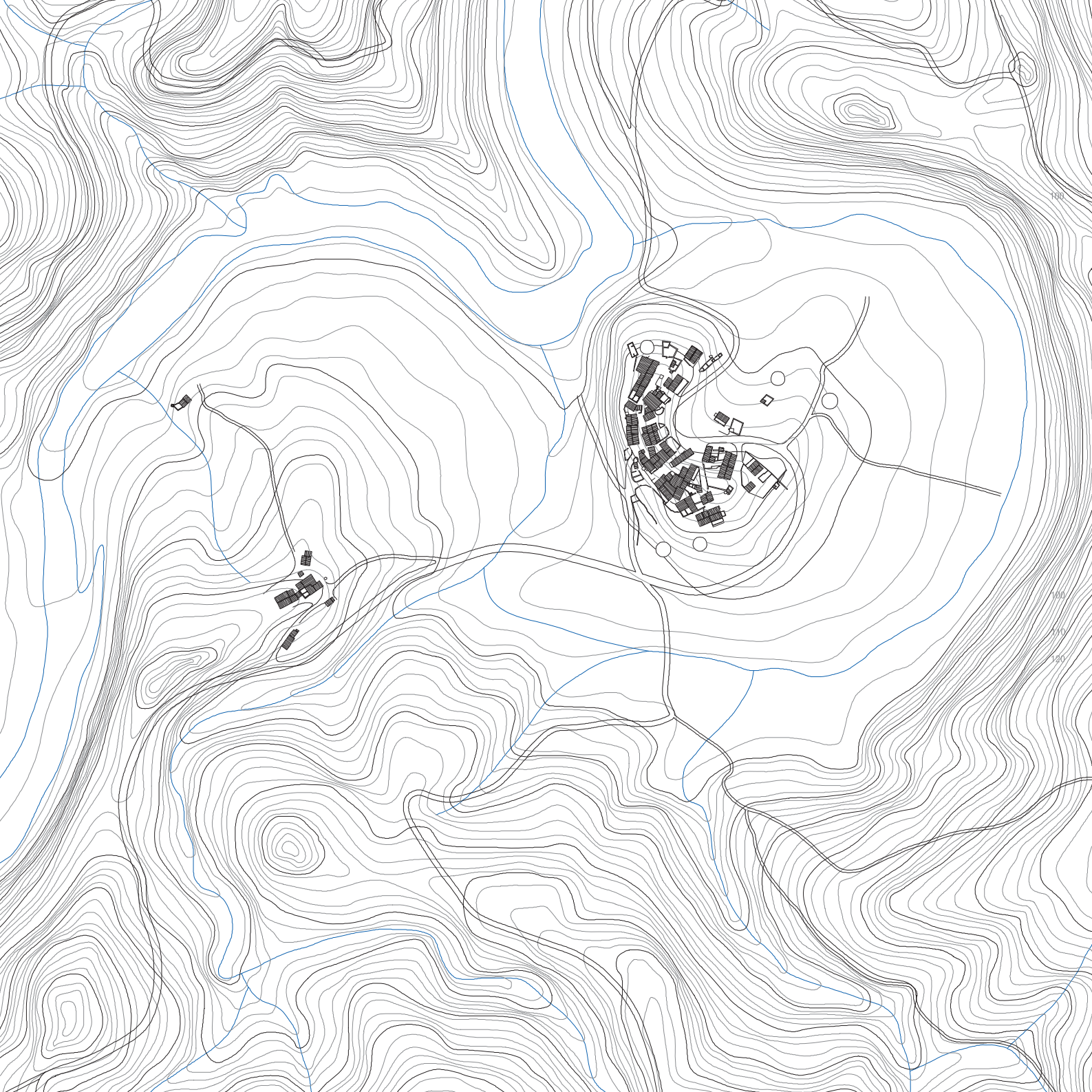
^l Sobre as cabanas, entretanto destruídas, das Laranjeiras
Lucinda Maria Feliciano, Montinho das Laranjeiras, 1923

^m Sobre as cabanas dos pastores
Ricardo Cavaco Rodrigues, Balurcos, 1935

Fortes







Fortes

freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim

O monte de Fortes é constituído por dois núcleos localizados na margem direita da ribeira de Odeleite.

O núcleo principal situa-se numa pequena elevação envolvida por zona de várzea em ferradura, constituindo este conjunto um anterior meandro oculto com o desvio do curso da ribeira. É marcado ao nível do espaço de circulação por uma estrutura particularmente dinâmica, que decorre da articulação de conjuntos construídos de diferentes configurações (sem predominância de uma direcção de crescimento) e da alternância entre o espaço edificado interior e o espaço murado exterior dos pátios e dos currais. O monte integra ainda um moinho de água, localizado a norte do núcleo de menores dimensões, e do qual já só resta a casa do moleiro.

^a “Ouvi dizer que isto... os mouros⁴¹ ò depois vieram fazer para aí isto. Cortaram a ribeira e ò depois fizeram umas casinhas aqui - ficou o monte dos Fortes.

A ribeira daquele lado é do concelho de Alcoutim, em passar a ribeira já estamos no concelho de Alcoutim, e neste lado da ribeira é o concelho de Castro Marim. Porque dantes a ribeira corria por aqui nestas vargens⁴², à roda do monte, dando a volta à roda do monte. Não vê o rochedo que está aí ao cabo de baixo do monte? Aqui as rochas, onde a ribeira foi corta. Foi corta pelos mouros. Então os que há viventes hoje ninguém conheceu, mas talvez haja eras quando isso foi corto, já não conheceram isso.

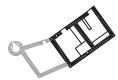
Aqui no monte chegaram a estar aqui dezassete fogos, dezassete moradores, e as casas ainda aí tão mas os moradores já foram embora. Dezassete famílias vivendo aqui. Só neste e além naquele chegaram a estar quatro moradores e agora já estão além só dois.”

⁴¹ É corrente a associação a fenómenos de período desconhecido aos mouros e à "moirama"

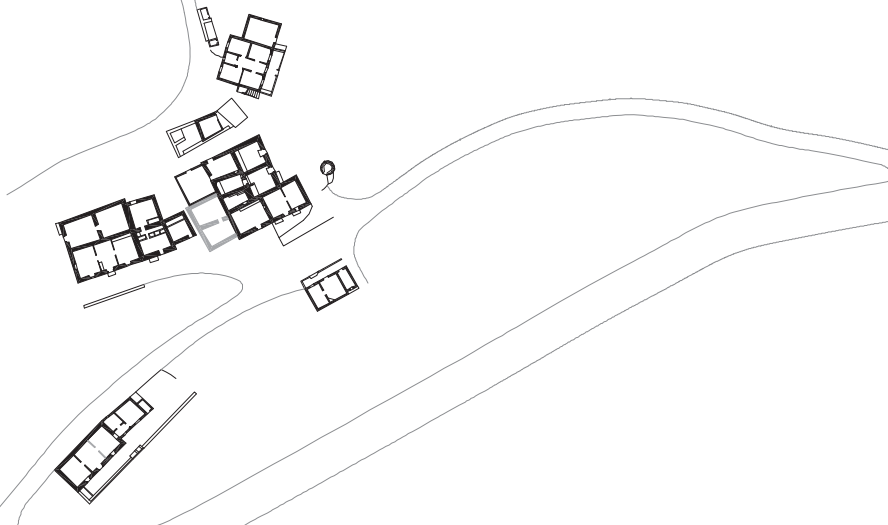
⁴² Várzeas, campos cultivados junto às margens de um rio ou ribeira

^a Sobre o monte de Fortes
Serafim Rosa, Fortes, 1917





monte de Fortes
planta geral 1:1000







1



2

Fortes

planta geral 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 palheiro
 - 8 ramada/cabana
 - 9 alpendre
 - 10 galinheiro/coelheira
 - 11 pocilgo
 - 12 eira
 - 13 curral
- cinzento: ruína

*levantamento não realizado

Fortes

- 1 ramada com alpendre
- 2 janela em fachada tardoz de casa de fogo
- 3 vista nascente
- 4 palheiro com boqueirão e poial

3



4



- 1 Fortes, moinho de azeite
- 2 Clarines, queijeira
- 3 Pomar, queijeira



1



2, 3



A casa do azeite

A produção doméstica de azeite correspondia, por vezes, à utilização temporária da casa de despejos ou de um “caseirão” antigo, termo com o qual se designam as casas abandonadas há já muito tempo, de uso anterior praticamente desconhecido. Em alguns montes de lavrador a casa do azeite constitui um compartimento autónomo.

^a “Essas oliveiras são do povo todo. Cada um tem as suas. Cada um tem a sua partezinha de oliveiras aí, que isto foi um monte de rendimento de azeitonas, cá na terra não havia outro.

Fazer azeite, faziam-no em casa, antigamente. O lagar é já mais moderno. Aqui fazia-se o azeite... as mulheres pisavam azeitonas assim com o maço e punham-nas aí a um canto, aí juntas depois de pisadas, tomando sal. E logo fazia-se o azeite, com umas mocilhas, espremendo. Eram uns sacos, a gente chamava-lhe mocilhas porque eram pequenos. E enchiam de massa daquela e iam espremendo até que o azeite saía.”

^b “Aqui era a cozinha e além era a despensa, onde se guardava os potes do azeite, punha-se os potes das azeitonas, a comida que se dá às galinhas e aos porcos.

Para fazer o azeite, ainda se tinha outras casas mais velhas. Tinham que ser velhas porque é uma coisa que sujava muito. Para se fazer o azeite, fazia-se à mão. Fazia-se à mão com uma queijeira, chamavam-lhe uma queijeira, e punham aquela massa da azeitona dentro de uma bolsa de pano, uma bolsa assim deste tamanho. E depois deitava-se uma panela de água quente. A azeitona era pisada, tudo pisadinho o caroço que azeitona tem, e depois fica uma massa, como fica agora para ir para os lagares.

Depois punha-se dentro da taleiga, aquecia-se um tacho de água quente, deitava-se em cima dessa massa da azeitona e depois mexiam ali em cima da queijeira e saía o azeite. Além tinha um alguidar de barro na frente e saía o azeite além para dentro do alguidar.”

^c “Casa do azeite? O meu pai fazia o azeite nestas duas da ponta, aqui à entrada do monte. O meu pai fazia o azeite nesta casa, na de fora, depois de comprar. A de dentro é casa de despejo e coisas assim, tinha alfarrobas, tinha amêndoas, tinha coisas assim, e na de fora era onde se fazia o azeite. Moía-se à mão, à mão não... com uns moinhos.

Partiram lá um [moinho]: o homem que andava a colher para esse meu tio João e o moiral, o pastor das ovelhas, estavam assim coisa... e partiram o moinho, que era em mós de pedra. E depois fui eu - tinha para aí doze ou treze anos - às Cortes Pereira a buscar um dum tio meu. O meu pai: Vais às Cortes Pereira buscar à do ti Manel. Eu não sei onde é! Vais a cavalo na burra que ela lá te diz onde é! E eu fui, e quando ia chegando à casa dos meus tios - assim sozinha, chamam-lhe o Monte de Baixo mas assim sozinha, e abaula assim, faz assim uma ribanceira e depois está assim uma parte mais direita e daqui assim do caminho é também alto - o homem estava de costas arranjando uma cadeira: Ó, boa tarde! Não sabia quem era, disse: Boa tarde! onde é que mora o meu ti Manel? Mora aí nesta casa. E quando disse mora aí nessa casa vi que era o outro irmão do meu pai, que era o António.”

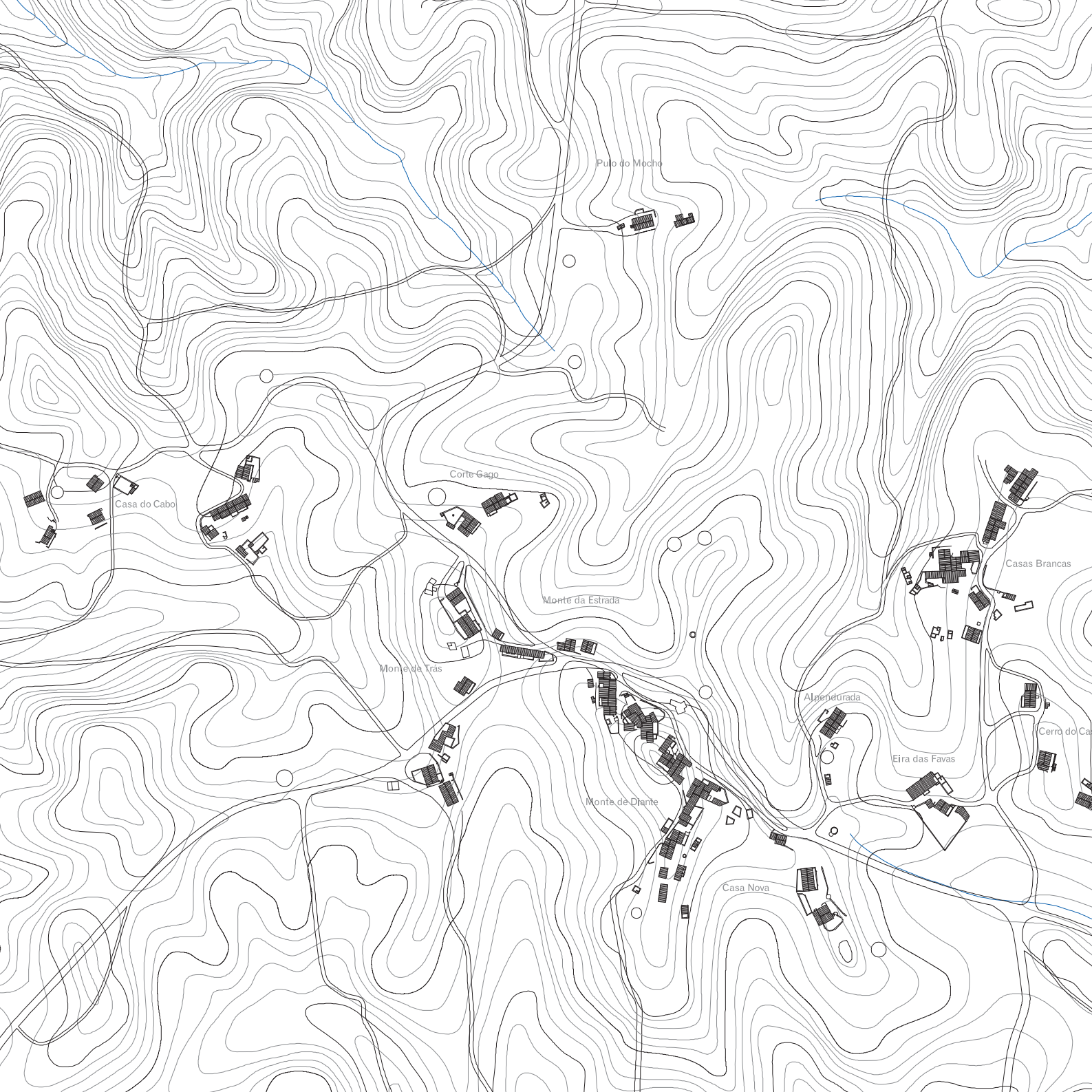
^a Sobre as oliveiras e o azeite
Serafim Rosa, Fortes, 1917

^{b,c} Sobre a casa do azeite
Glória Alberta Ribeiro, Montinho das Laranjeiras, 1926
Manuel Cavaco Silvestre, Silveira, 1945

Corte Gago







Corte Gago

freguesia do Azinhal, concelho de Castro Marim

O monte da Corte Gago é constituído por diversos núcleos autónomos organizados em função de vias de cumeada que evidenciam, no conjunto, a estrutura morfológica do território. Grande parte desses núcleos reflecte uma organização familiar, que poderá ter evoluído, por aquisição e partilha, numa estrutura mais complexa.

No Monte de Diante foi recentemente destruído um "forno do povo" que servia não o conjunto dos núcleos mas apenas o núcleo onde se localizava. A ocupação é marcada, para além da concentração das edificações em cumeada e do alongamento das hortas nas zonas de barranco, pela importância das encostas na cultura cerealífera, atestada pelo elevado número de eiras existentes na envolvente dos edifícios.

^a "Isso, procuram fazer as habitações nos cimos dos montes para aproveitar as terras baixas. Cada um fazia, tem um bocado de courela, de terra, e é assim. E aqui é mais firme, na parte aqui assim que vai aqui para altura, e depois tem as terras mais baixas para cultivar.

Este monte tem muitos nomes, além de ser a Corte Gago, ainda tem muitos nomes. Este povo que vem dali até esta casa que está aqui chamam Casas Brancas. Além chamam-lhe a Cachorra. As outras duas além é a Casa Nova. Estas que ficam aqui, chamam-lhe a Eira das Favas - o meu avô era dali, era António Fava. Além, em cima, é o Cerro de Castilho. E ali, chamam àquele montinho ali Alpendurada. Aquele além em cima chamam-lhe o Monte de Diante. Depois é a Estrada. E há um que fica lá por trás, que não se vê: é a Casa do Cabo."

^b "Escute o que eu lhe digo: ali estão umas casas, ali à frente, uma é o Pulo do Mocho e a outra, lá à frente está uma moradora, é a Musgarenha do Vento."

^{a, b, c} Sobre o monte de Corte Gago e os núcleos que o constituem
José Romeira Sequeira (José Gaspar), Corte Gago, 1939
Maria da Assunção, Corte Gago, 1933
Maria Teresa Sequeira, Corte Gago, 1926

⁴³ Ou corgos: córregos, terrenos na base de encostas

^c "Isto era tudo semeado, estas corgas⁴³, estes corgos. Trigo, aveia, cevada. A horta é mais longe, mais perto dos barrancos, de modo da água. Aqui ao pé não há horta nenhuma.

Houve uma altura para se fazer pão, para se arranjar um molho de lenha para cozer o forno que já não está aí, era um problema. Estava tudo pelado, tudo para lavar. Agora as estevas chegam à porta.

Isto foi um monte que quando se punha o sol até fervilhava de gente aí. Agora: um, dois... agora são dezasseis pessoas. Casais só está um, dois, três, quatro - quatro casais para este monte, só. Isto mais ano menos ano acontece como aquela que a gente vê ali, já só tem as paredes."

habitação no Pulo do Mocho,
espaço fronteiro





monte de Corte Gago
planta geral 1:2000

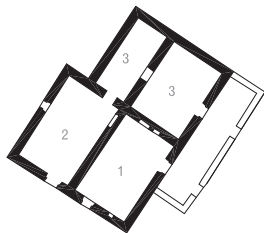
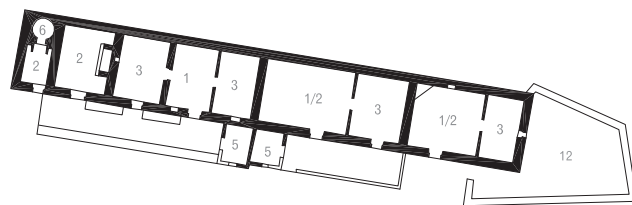
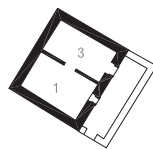


monte de Corte Gago

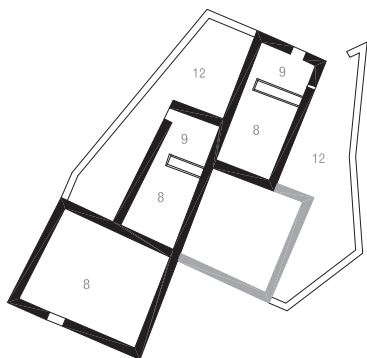
Monte de Trás e Monte da Estrada

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 fornalha
 - 8 palheiro
 - 9 ramada/cabana
 - 10 galinheiro/coelheira
 - 11 eira
 - 12 curral
- cinzento: ruína

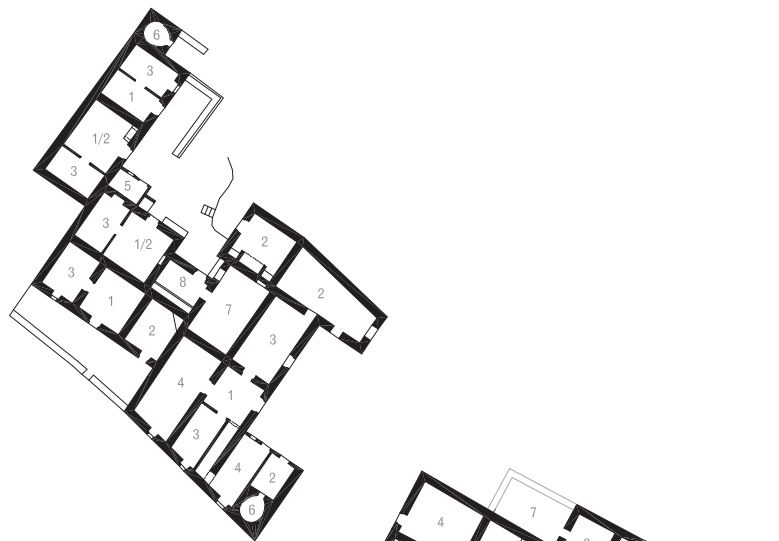


Corte Gago, Monte de Trás e Monte da Estrada

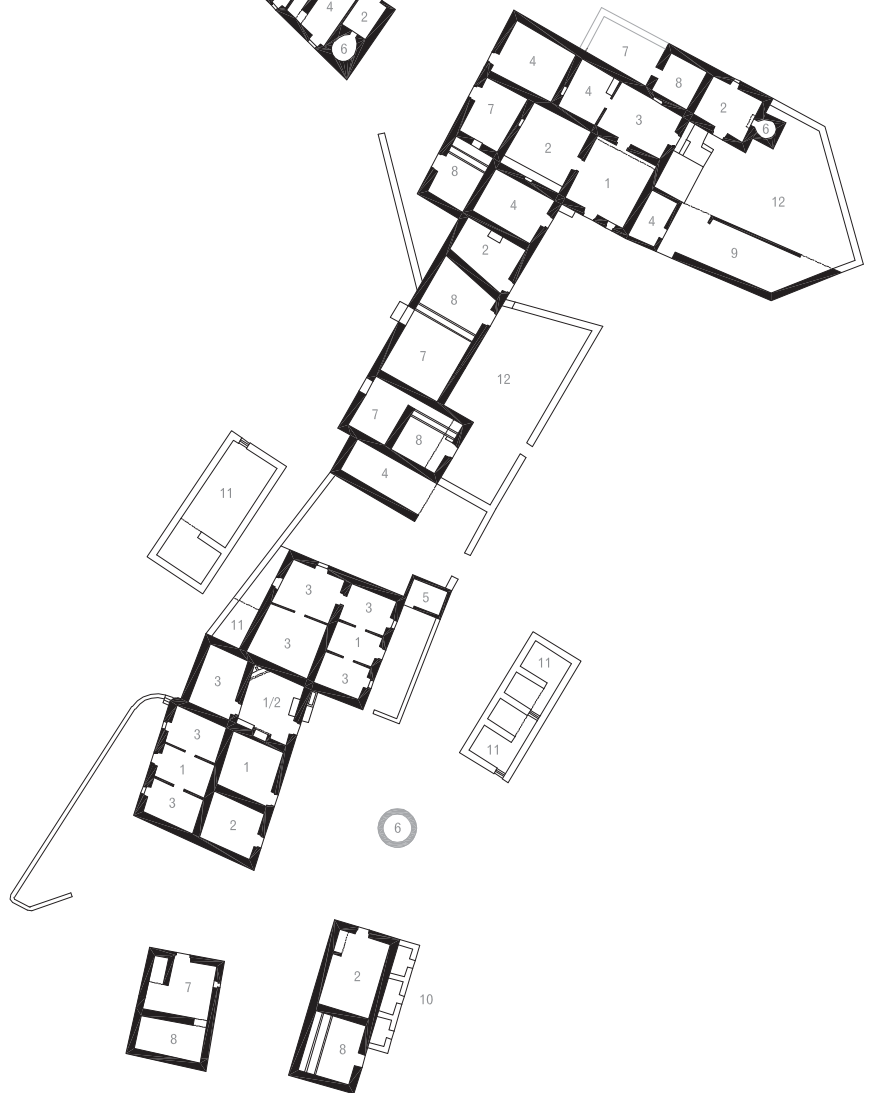




1



2





3



4

monte de Corte Gago

Monte de Diante

planta 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo/cozinha
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 palheiro
 - 8 ramada/cabana
 - 9 alpendre
 - 10 galinheiro/coelheira
 - 11 pocilgo
 - 12 curral
- cinzento: ruína

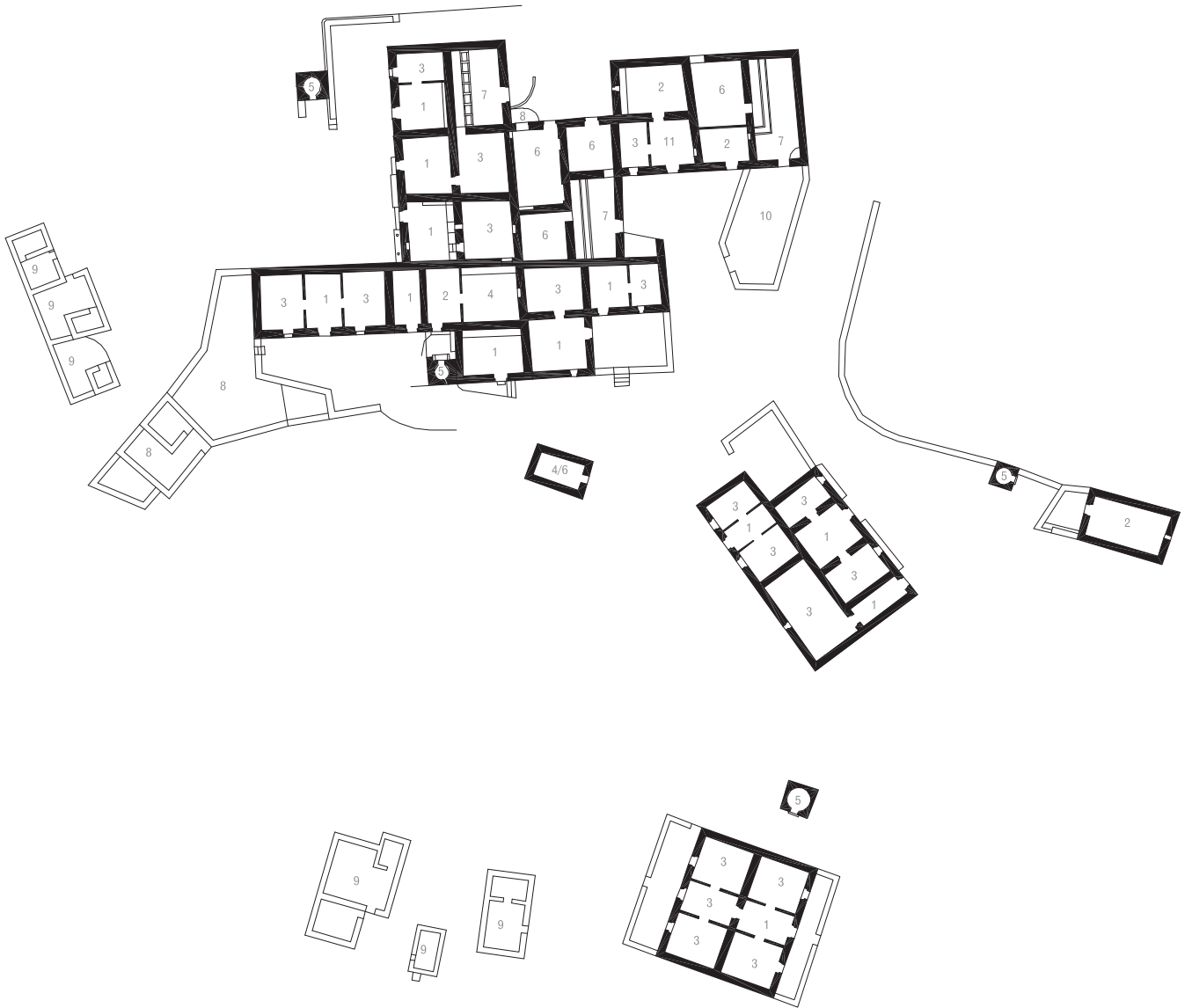
Corte Gago, Monte de Diante

- 1 horta
- 2 ramada e curral
- 3 vista geral
- 4 habitações (direita) e ramada/palheiro (ao fundo)
- 5 tear
- 6 habitação: pátio fronteiro com calçada de xisto e poial



5, 6





monte de Corte Gago

Casas Brancas

planta 1:500

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 casa despejo
- 5 forno
- 6 palheiro
- 7 ramada/cabana
- 8 galinheiro/coelheira
- 9 pocilgo
- 10 curral
- 11 escola



1

Corte Gago

- 1 vista geral sul
- 2,3 Casas Brancas

2

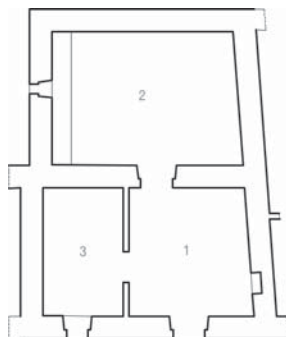


3

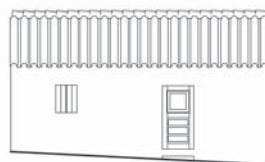




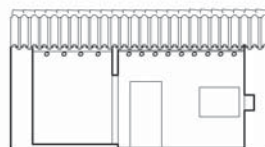
1, 2



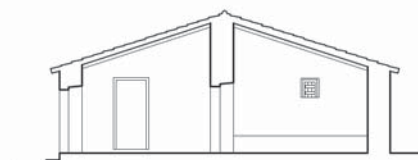
planta



alçado principal



corte transversal



corte longitudinal

monte de Corte Gago

Casas Brancas, escola

planta cortes e alçado 1:200

- 1 sala de aulas
- 2 cozinha
- 3 quarto do professor

Casas Brancas, escola

- 1, 2 sala de aulas
- 3 espaço fronteiro

3



A escola

Em muitos aglomerados a escola não se distingue, numa primeira fase, dos conjuntos edificados onde se insere, podendo resultar da reconversão de um edifício habitacional em que a “casa de fora” se converte em sala de aulas e em que os outros compartimentos mantêm as funções originais da habitação, que passa então a ser a da professora.

No terceiro quartel do século passado generaliza-se na zona da serra a implementação de novas escolas primárias, com base num mesmo projecto tipo, geralmente em espaços periféricos em relação aos assentamentos.

A localização da escola num determinado monte reflecte, frequentemente, a sua importância central em relação a um conjunto de montes próximos que serve.

^a “Onde eu aprendi as primeiras letras foi aqui nesta casa, ainda ele tem aí algumas carteiras. Isso era um Posto de Ensino, ainda tem aqui as carteiras. Onde dava a escola era aqui, a professora dormia aqui e aqui era onde ela cozinhava. A que veio para aqui, a primeira que eu me lembro, era de Castro Marim.

Eram poucos, eram uns dez ou doze. Isto era um quadro onde a gente escrevia, estava pintado de preto. A casa era dum senhor, a Câmara alugava a casa. A casa é daquela casa que está além no fundo, que tem uma janelinha pequena voltada para cá, os proprietários desta casa são de além.

Em quarenta e sete, quarenta e oito, comecei a andar aqui à escola, mas isso já houve, antes desta já houve outra casa além em cima que funcionou como escola. Depois houve um interregno. Para aí há trinta anos que fechou.”

^b “A escola onde eu andei era no museu, que ali era

uma escola primária feita pelo povo. Um senhor deu o terreno e depois as pessoas... quem era pedreiro trabalhava e cada um tinha de dar uma peonada ou duas. Uma peonada: um dia de trabalho.

O homem pôs o local, o terreno e as pessoas ergueram a escola, porque não havia meios e era assim que as coisas se iam fazendo antigamente. Devia ter sido feita no fim do século passado [séc.XIX], por aquilo que as pessoas dizem. Depois aquilo já não tinha condições para dar aulas, nem nada. Ah, e havia uma casinha onde a professora dormia, ali na parte de trás. Depois há uns quarenta anos, devia de ser, a outra escola tem aí uns quarenta anos? Eu já não andei, eu andei sempre aqui nesta. Estes montes todos vinham aqui à escola, desde a Foz [de Odeleite], Corte das Donas, Álamo, Guerreiros [do Rio], das Laranjeiras e do Montinho [das Laranjeiras]. Pois, eu ainda andei ali, ainda andamos ali para aí noventa e tal. Só da Corte das Donas chegamos a andar catorze. Só para uma professora. Vocês riram-se quando eu disse que havia ponteirada: havia um pedaço de marmeleiro que aquilo, não vos digo nada, que aquilo tinha metro e meio, pelo menos.”

^c “Havia escola: ali além no Monte de Baixo era onde eu andei na escola, que era uma senhora professora de Alcaria dos Javazes, no Alentejo já. Depois foi-se embora e acabou aqui a escola. Mas depois, ao fim de uns anos, um homenzinho ali em baixo emprestou aqui a casa e depois vieram para aqui. Era uma casa particular: as pessoas não precisavam da casa e emprestavam aquilo. Acho que aquilo era emprestado, não pagavam nada... Aquilo era uma casinha pequena: até as crianças tinham de levar uma cadeirinha para se sentar, que não haviam carteiras que chegassem, e escreviam no colo. Isto há uns quarenta e tal anos...”

^a Sobre a escola de Corte Gago

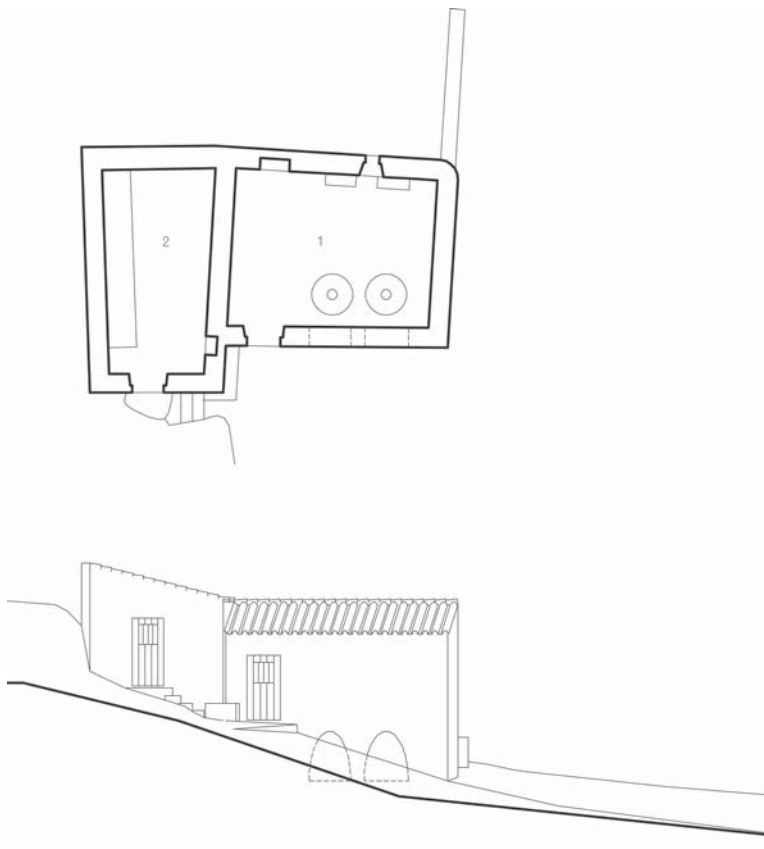
José Romeira Sequeira (José Gaspar), Corte do Gago, 1939

^b Sobre as escolas de Guerreiros do Rio

Guerreiro, Guerreiros do Rio, 1947

^c Sobre a escola de Clarines

Cesaltina Bárbara, Clarines, 1933



monte de Corte Gago

moinho dos Barreiros

planta e alçados 1:200

- 1 moinho
- 2 casa do moleiro

- 1 Corte Gago, moinho dos Barreiros
- 2 espátula de madeira
- 3 moinho dos Furadoiros, toldra, mós e tremonhado

1



O moinho de água

Na área de estudo não existem moinhos de água nas margens do rio Guadiana mas apenas nas margens das ribeiras afluentes. Perto da Foz poderão funcionar, pelo menos em parte do ano, enquanto moinhos de maré, como no caso do Moinho das Pernadas, localizado justamente na proximidade da junção das Ribeiras de Odeleite e da Foupana. Constituem edifícios isolados ou associados a ramadas e/ou habitações a cota superior, livres dos efeitos das cheias.

O conjunto dos moinhos dos Furadoiros, localizado perto dos montes de Barroso e Mestras, na freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, corresponde a um caso especial. A sua implantação decorre da abertura de uma levada, de sentido sul/norte, na zona mais estreita de um meandro da margem direita da ribeira da Foupana. Corresponde a um conjunto de quatro edifícios relativos a dois moinhos de duas moendas cada e a duas ramadas.

^a “Ainda está lá uma mó. E está outra enterrada no cascalho que já não se vê.

Era trigo, era centeio, era tudo que o que fosse preciso, era um moinho de água. Moía-se o grão que ia para lá, fosse que qualidade fosse. Era uma mó preta e outra branca, tinha dois “zafarises”. A preta era para moer grão para os animais, para os porcos, sei lá... e a branca era para moer depois para a gente. Os animais comiam aveia, cevada, centeio. Para as pessoas era o trigo. E era tudo carregado com bestas. Tanta vez que eu andei ali dentro dele.

Foi depois, pode haver uns sete ou oito anos ou uma coisa assim, pouco mais. Desapareceu daí, que a ribeira levou. Então a ribeira chegou a... às vezes aquelas enxurradas lá para cima, estas ervas aqui tapa-se tudo com essas águas da ribeira. A ribeira sai do leito, alastra a todo lado.

^a Sobre o moinho de água de Fortes
Serafim Rosa, Fortes, 1917

^b Sobre um moinho de água na ribeira do Vascão
Marília Santos Barão, 1924

Tanta vez ... ainda fui lá umas quantas vezes a tirar o trigo que havia lá no moinho para a casinha que está ao lado de cima. Lá está uma casinha ao lado de cima do moinho. Era a casa do moinho. Estando o moinho muito cheio de água, levava-se o grão cá para cima, até que a água descesse.

E estava uma arramadinha que o moleiro tinha uma besta também. Houve moleiros diferentes sem ser o... o que morava além em cima, tinha as casas ali, mas ainda houve moleiros que viessem moer ali, ficavam ali em baixo, vinham a fazer a temporada ali e ganhavam [salário]... e uma quota também.

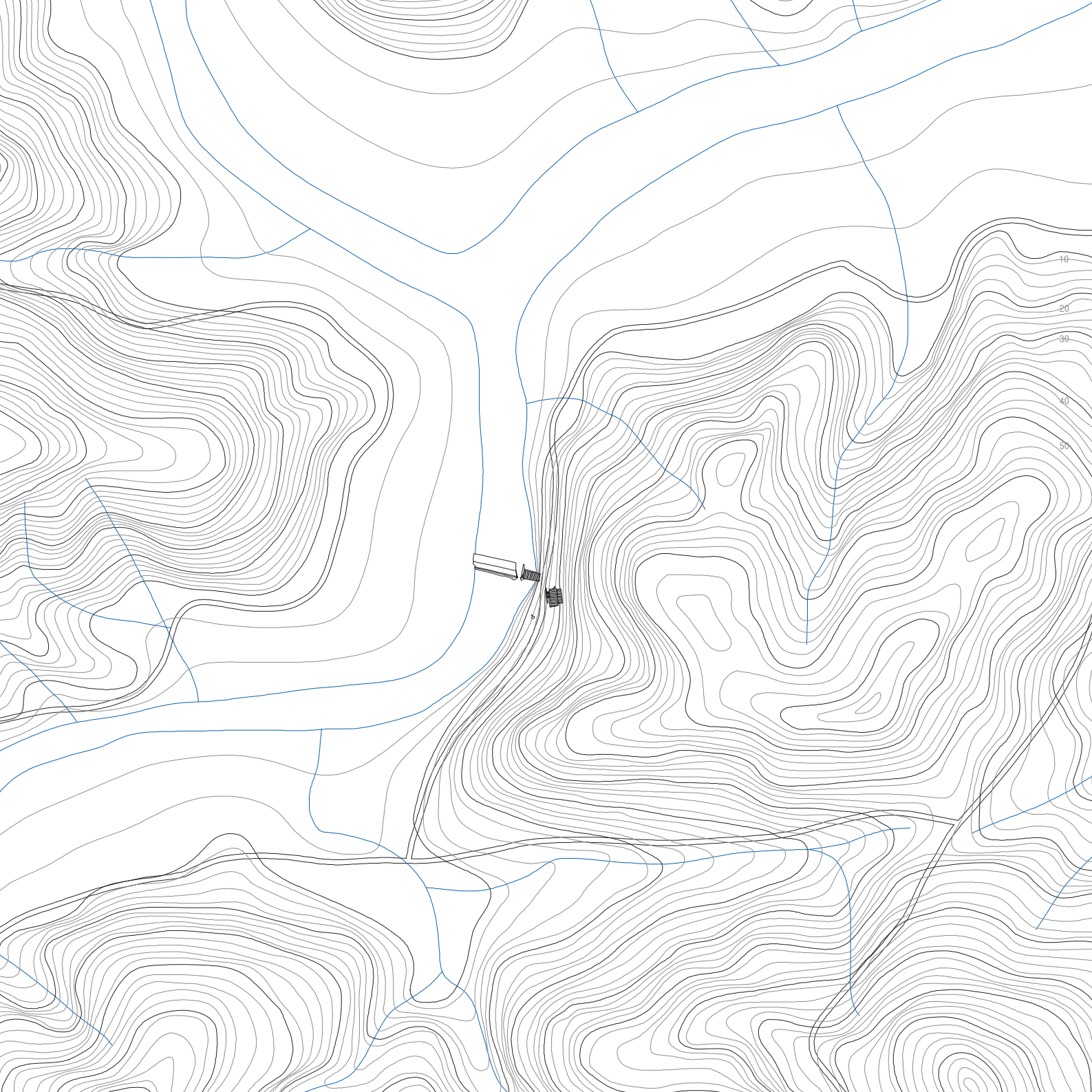
Moía só de Inverno, quando as águas passam aí, porque de Verão a ribeira é só um pego aqui e outro além. Mas de Inverno vem cheia, o lugar por aí acima, que se chama levada, por onde a água vinha... a passar... por baixo do moinho, estava lá umas sétias por baixo, por onde a água andava. E as mós ficavam cá por cima e lá em baixo os rodízios é que faziam moer as mós.”

^b “O meu pai era o moleiro. Já passou a ponte para a Mértola? É o moinho que está lá debaixo da ponte. Fui para aí tinha dois anos, e vim dali tinha vinte e dois. Às vezes chovendo e a água entrando pelo moinho. Tinha um forno cá fora e uma ramada.

As pessoas iam a levar por exemplo uma carga de trigo, deixavam-na lá, para depois moer quando pudesse moer. Havia alguns que ficavam à espera. A arramada só era para as pessoas de fora, pois olhe..., quando a ribeira enchia que não passavam.”

2, 3





° “Tem uma comporta e um açude. A comporta com a corrente da água abria; quando a maré começava a vaziar, fechava. Era uma porta de madeira, quase normal, com uns lemes aos lados e a gente passava de um lado para o outro com uma prancha larga, que fazia de passadeira, e depois entretanto quando moía e não moía, a água baixava outra vez e quando voltava a vir a maré abria outra vez e assim por diante... Portanto, moía durante a maré, quando a maré descia. A água está presa, tem aqui umas comportas também para cada mó, moía com a força da água, esta [a comporta do açude] fechava a saída da água mas ficava aqui uma para cada mó. Abria o moleiro, com uns buracos que tinha aqui na parede: metia aqui um pau e levantava e a água saía daqui encanada para um rodete⁴⁴, em madeira, que estava no fundo. Abriam uma duas ou três comportas conforme as mós que trabalhassem. As duas para o lado da ribeira eram para moer o trigo e esta era mais para a cevada e o milho, era a mó preta. Quando não havia água parava.

Todo o ano moía: era a água da maré, de Verão, de Inverno havia a água das chuvas, que a maré quase não entrava porque a água das chuvas passava pelo açude, corria, passava para baixo. Moía sempre excepto quando havia cheias grandes que entravam no moinho.

De Verão, o moleiro punha aqui umas pedras marmores, assim ao comprido, para apanhar mais água, subia mais o açude. Mas quando vinha o Inverno, com a pressão da água reboavam e só paravam lá em baixo, tinham que as ir buscar lá em baixo...

Tinha três mós e um poial para pôr os sacos do trigo, vinham as pessoas aqui à porta, descarregavam e metiam o trigo aqui dentro. Quando vinha o Inverno, parte disto aqui tinha de pôr na casa de habitação para que a cheia quando viesse não apanhasse o trigo, por-

⁴⁴ Rodízio

tanto, só tinha aqui os sacos para ir trabalhando e que depois ia buscando - levava a farinha e trazia o trigo - e que depois quando via que à noite fazia tempo de chuva tirava dali. Houve uma cheia que levou o tecto todo.

O moleiro vivia aqui com a família. Conheci lá mais do que um moleiro, todos com filhos. Quer a casa quer o próprio moinho pertenciam a uma fazenda que havia ali, no Assador, do lavrador João Madeira Colaço - ele não estava lá, tinha lá caseiros, só ia lá periodicamente. O moleiro ia trabalhar e tirava uma maquia, uma percentagem, pesava tudo quando chegava, mas depois molhava o trigo e aumentava uns quantos quilos... quando se mói o cereal que leva água há sempre lucro. Depois dava ao patrão do moinho a percentagem.

Era um moinho que tinha muito rendimento em relação ao moinho de vento, porque trabalhava todo o ano, logo que sabiam que o indivíduo que estava lá era velhote e queria ir embora, de imediato iam lá falar com o patrão. Eram eles que se iam oferecer, quando sabiam que aquilo estava vago.

moinho das Pernadas, moinho e açude

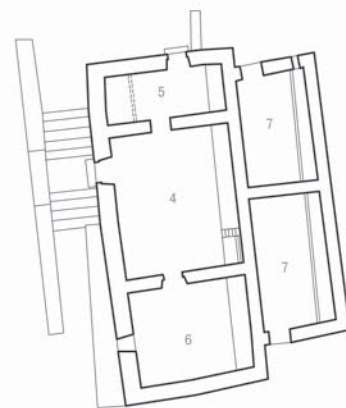
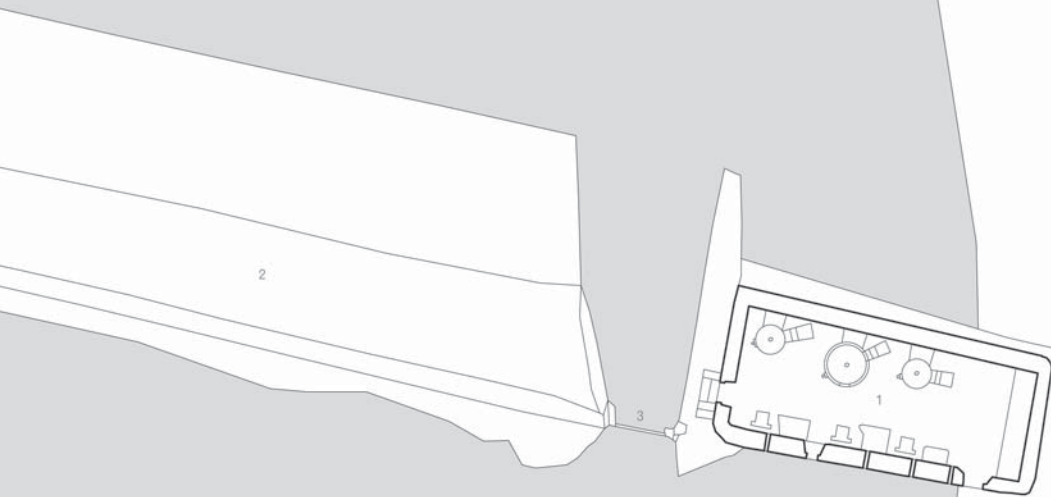


° Sobre o moinho de maré das Pernadas
António Branco, Pernadas, 1924

moinho das Pernadas

planta 1:300

- 1 moinho
- 2 açude
- 3 comporta
- 4 casa de fora
- 5 casa de fogo
- 6 quarto
- 7 ramada/palheiro
- 8 forno



Eram as pessoas que tinham o grão, que colhiam aqui por estes campos todos, que iam com o seu burrinho. Às vezes até vinham de montes do rio: carregavam um barco, que havia também quem vivesse disso, falavam com as pessoas que tinham o trigo para moer, metiam no barco e vinham trazer e depois também ganhavam uma percentagem... os barqueiros.

Aqui era a entrada para a cozinha, passava para a sala e aqui ao fundo tinha o quarto, que tinha apenas uma janela, e tinha aqui uns degraus para entrar por um lado ou por outro, tinha um pátiozinho à frente e entrava-se por aí. Tinha lá atrás a ramada para um burrinho, umas galinhas, uma cabra...

O moinho já há mais de 20 anos que não funciona. De maré era o único aqui que eu conheci, era o único que moía todo o ano.

Com a porta aberta via-se bem. De Inverno... a gente trabalhava de dia e de noite, com a maré, a maré baixava e ele, de noite, se tinha grão, punha um candeeirinho de petróleo e toca a trabalhar. Estava sempre, quando podia moer estava aqui no moinho."

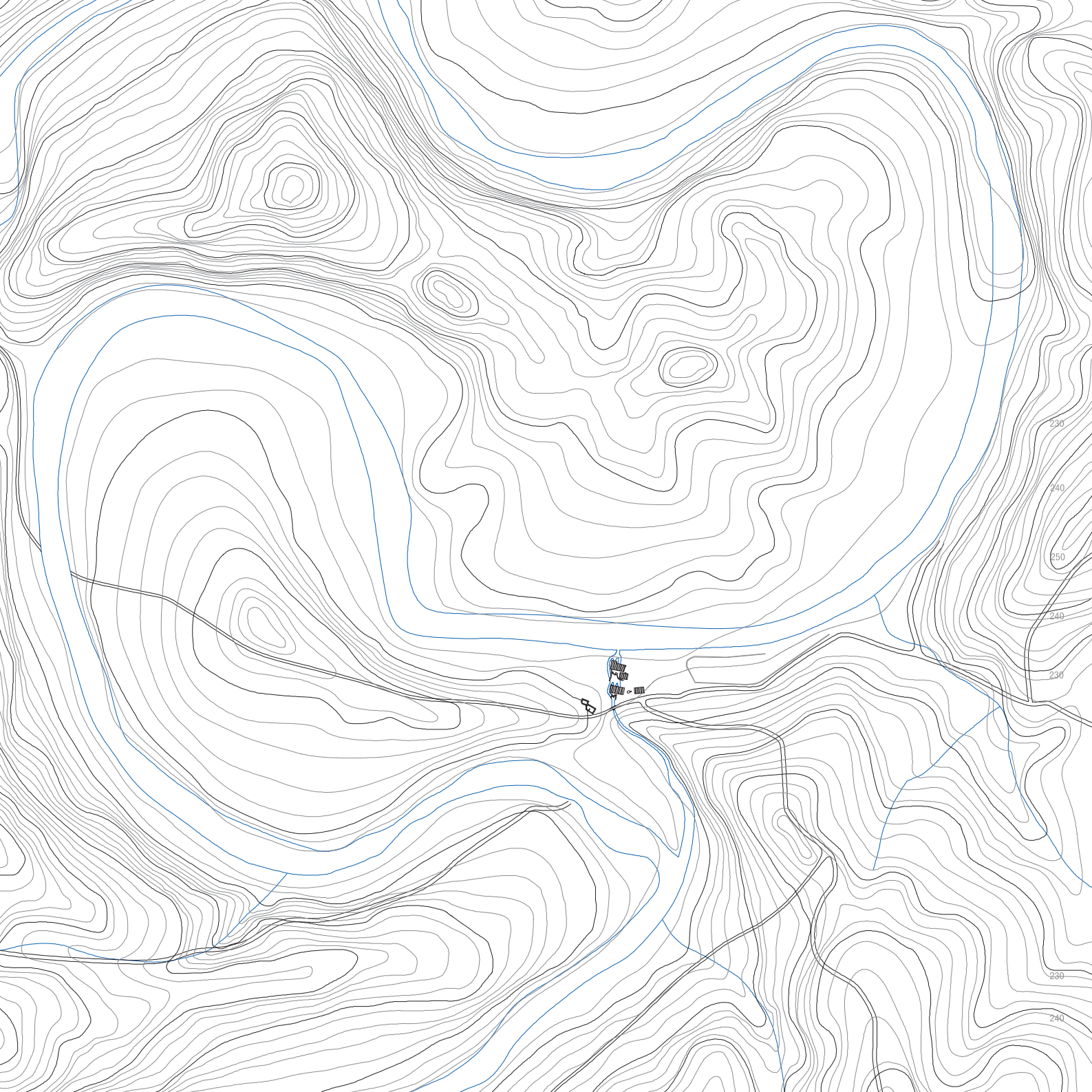
3



1, 2



- moinho das Pernadas
- 1 caboucos
 - 2 comporta do cubo
 - 3 casa do moleiro



^d “A minha mulher tinha lá uma parte, que aquilo era de vários. O moleiro devia ter uma percentagem do ganho do moinho. Iam lá a fazer a farinha e ele tirava uma parte, e depois desse que ele tirava é que devia ser para ele e para o patrão.

Nesse tempo havia muito moinho, todo o pão que se comia era cozido em fornos e moído em moinho de água. E tinha uma arramada para o moleiro pôr os burros, que as pessoas que lá iam deixavam o trigo e iam-se embora. Levavam uma carga de trigo e traziam uma de farinha. Era o trigo deles, só a primeira vez que iam é que não, à outra vez já estava a carga moída, traziam aquela carga de burro, levavam uma de trigo e traziam uma de farinha.

No moinho tinha lá uns piais e ele punha aqueles sacos lá por cima uns dos outros, de vista conhecia os sacos.

Agora ali o Furadoiro é um moinho muito antigo, deve ser dos moinhos mais antigos que há aqui. Ninguém sabe quando aquilo foi feito. E são dois. Como aquele não conheço mais nenhum... e pelo menos ao de cima nunca a água lhe fazia mal. Uma vez ainda o cortadoiro... a ribeira apanhou uma cheia que correu por ali... Cortadoiro é o canal, que aquilo foi tudo feito à mão. Talvez ninguém saiba a idade daquilo... aquilo já esteve derrubado, já esteve caído antigamente. Eu digo isto porque há pedras mármore de mós ali nas paredes, as mós que estão lá são novas.”

moinho dos Furadoiros

- 1 vista geral nascente
- 2 vista geral norte
- 3 comportas

1



2



3

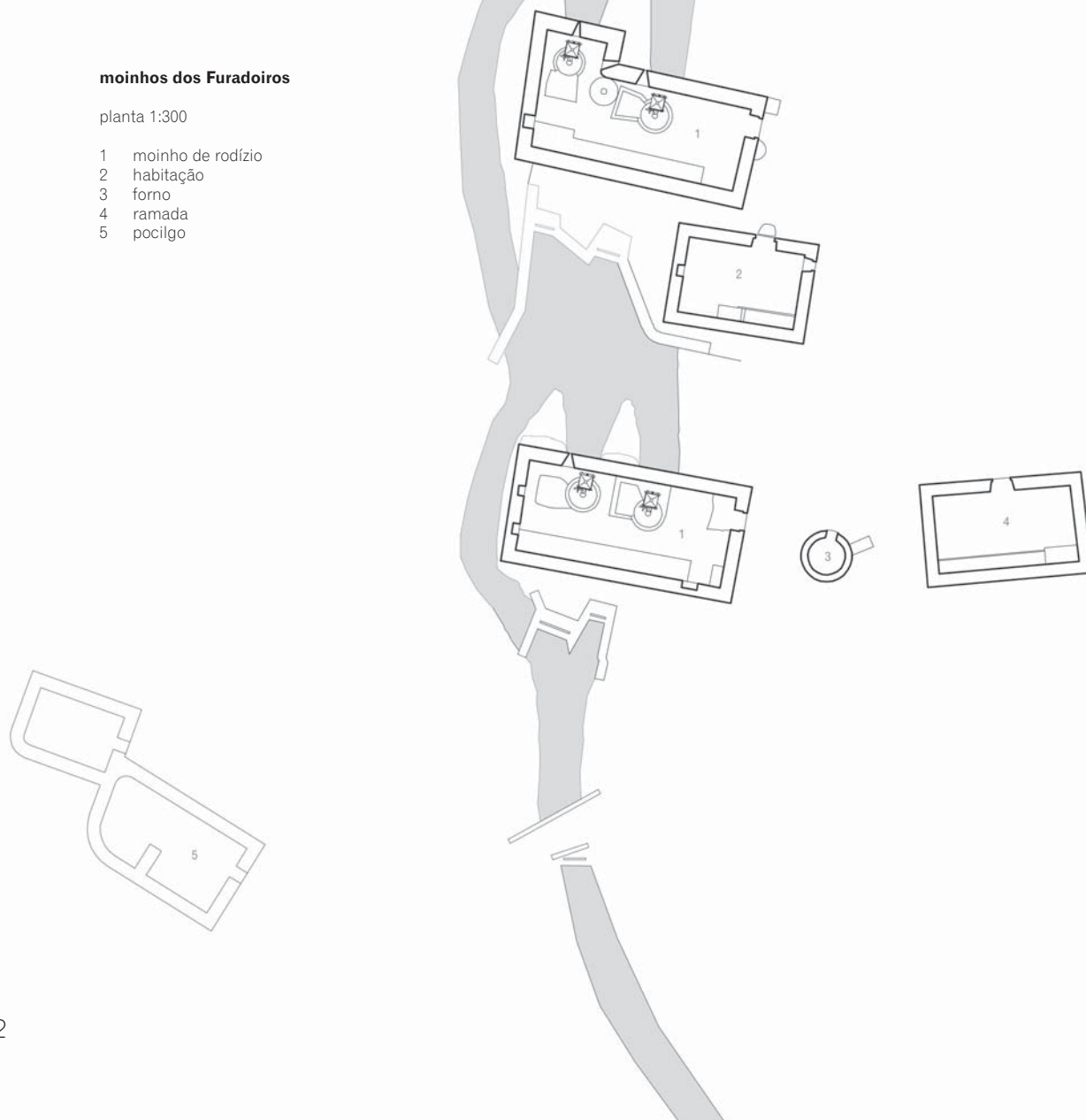


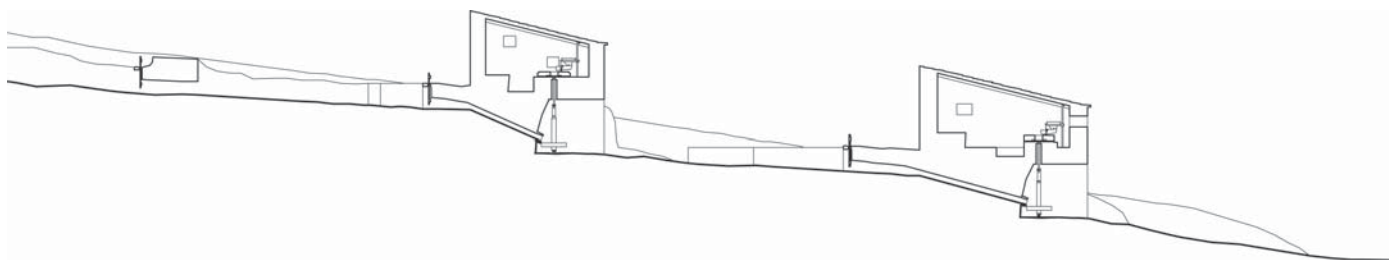
^d Sobre os moinhos de água dos Furadoiros
José Silvestre, Silveira, 1943

moinhos dos Furadoiros

planta 1:300

- 1 moinho de rodízio
- 2 habitação
- 3 forno
- 4 ramada
- 5 pocilgo

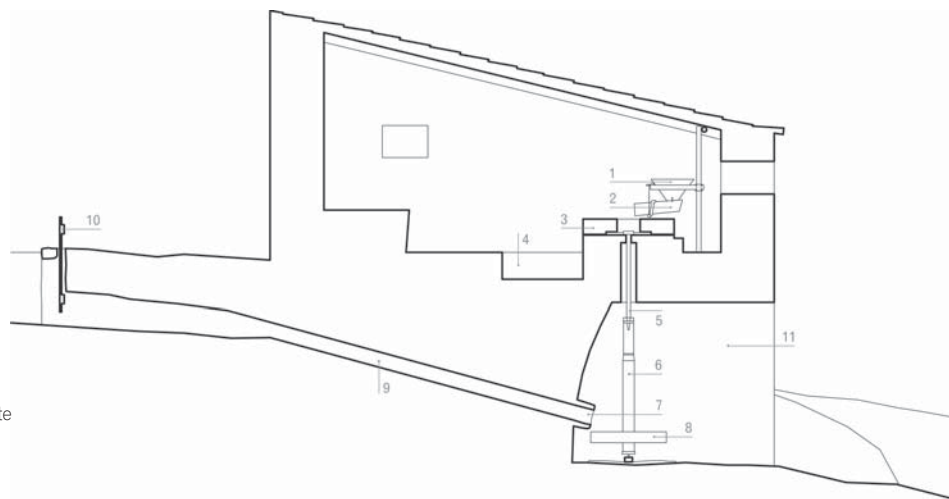




moinhos dos Furadoiros

cutte 1:300 e cutte 1:100

- 1 tolda
- 2 telha
- 3 mó corredora
- 4 tremonhado
- 5 veio
- 6 pela
- 7 sétia
- 8 rodízio, com penas
- 9 cubo
- 10 comporta
- 11 cabouco de falsa cúpula



- moinhos dos Furadoiros
- 1 cabouco, pela e rodízio
 - 2 caboucos, na fachada norte
 - 3 moinho norte, entrada

1



2

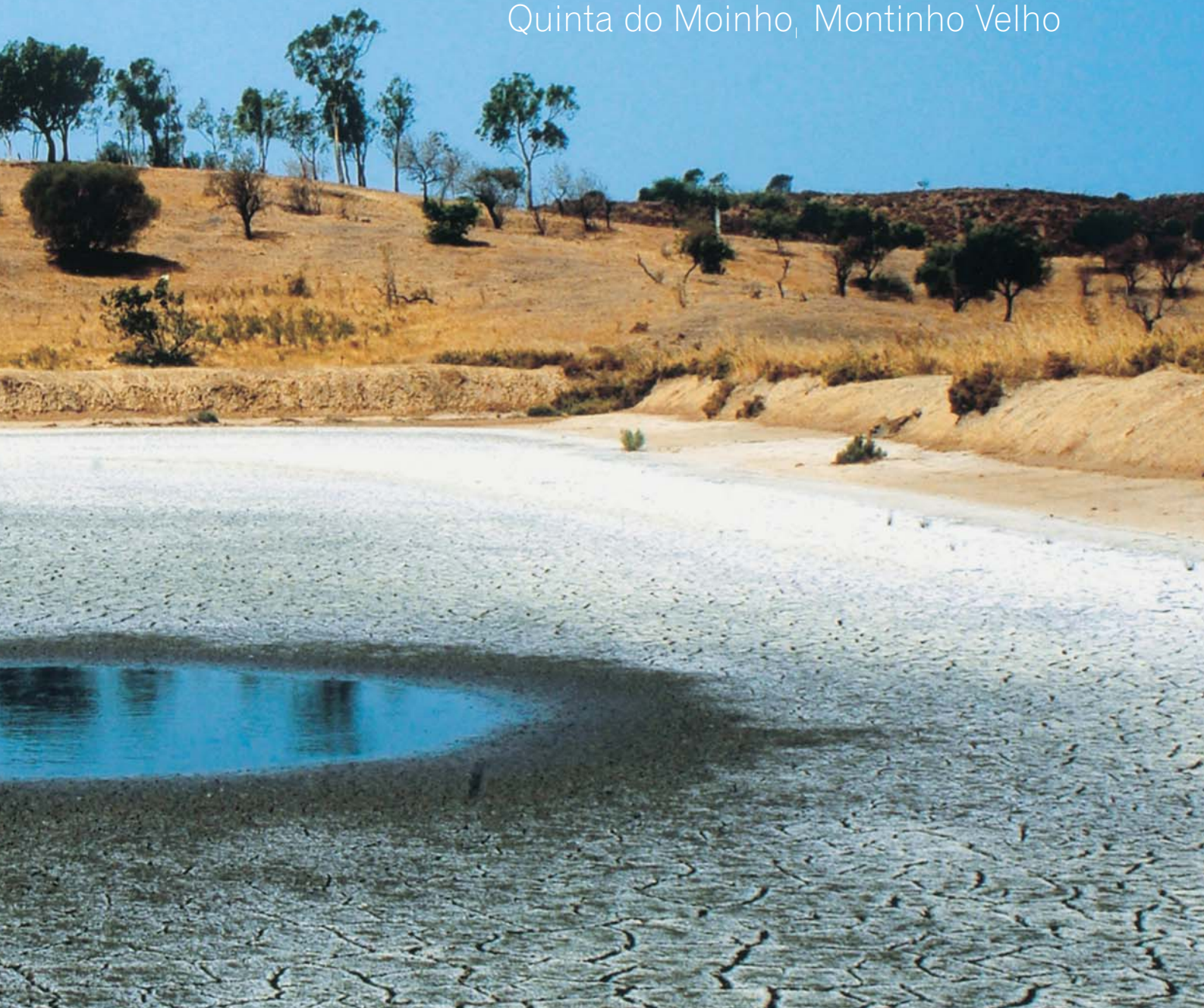


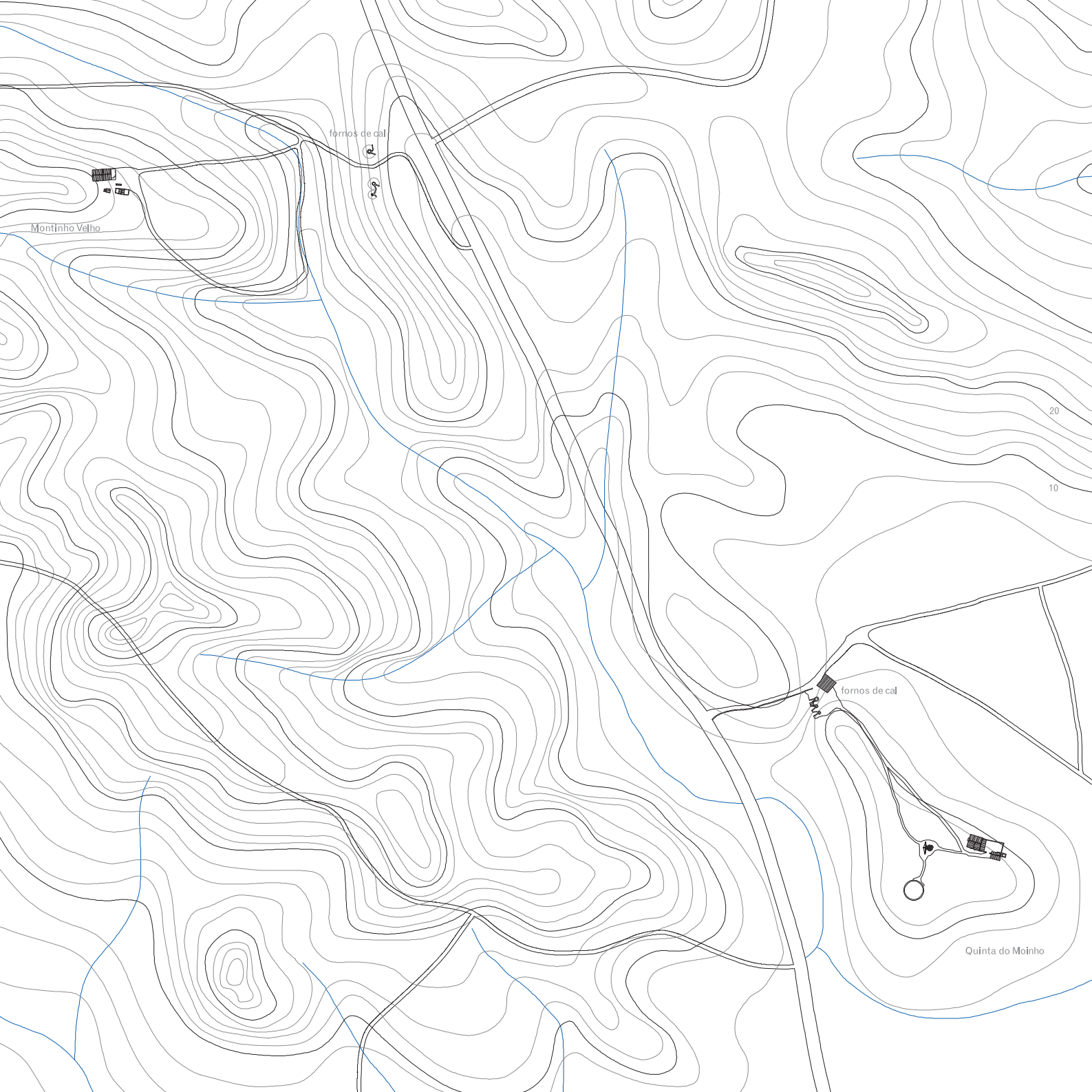
3





Quinta do Moinho, Montinho Velho





Montinho Velho

fornos de cal

fornos de cal

Quinta do Moinho

20

10

Quinta do Moinho/Montinho Velho

freguesia de Castro Marim, concelho de Castro Marim

O povoamento disperso da zona meridional da serra do concelho de Castro Marim distingue-se do mesmo tipo de povoamento das zonas das quintas da freguesia de Vila Nova de Cacela, não estando associado ao sistema de regadio e adquirindo muitas afinidades com os conjuntos edificados dos montes da serra. A Quinta do Moinho e o Montinho Velho são duas estruturas edificadas familiares relativamente próximas, num espaço valorizado ainda pela presença de um número considerável de fornos de cal e de um moinho de vento. A concomitância de todos estes elementos decorrerá da proximidade da vila de Castro Marim e do eixo de ligação daquela vila à serra.

^a “O Moinho. Onde tem um moinho era o sítio do Moinho, porque tem ali um moinho.

Aquilo era do senhor Costa. Aquilo [é pequeno] é só em volta, conforme está o terreno todo, vedado com parede, até às salinas. Não era um lavrador grande. Cultivava cevada, trigo... Eu quis arrendar aquilo para pôr gado, mas ele depois disse que não arrendava. Não, não tinha gado. Tinha um senhor que estava de posse daquilo e então mais tarde é que deixou, e então depois tinha lá gado, duas ou três vaquinhas por ali. Propriamente estive lá um caseiro, que pagava-lhe... o que semeava era metade para ele e metade para o dono.

O senhor Costa morava aqui [em Castro Marim]. Tinha várias casas, não é verdade, tinha várias casas em Castro Marim. Ele era empregado da Tesouraria, esteve muitos anos lá. Em S. Bartolomeu também tinha lá uma vinha e também tem lá casas, duas casas, tudo caído em baixo... e tinha pessoal lá trabalhando. Tinha um caseiro lá, o mesmo caseiro que mais tarde veio para aqui, semeava aqui. Até um filho dele, do caseiro que lá estava, trabalhou muito tempo na casa do meu pai com um carro de bestas, de tracção animal.

Essas quintas tinham poucas pessoas a trabalhar... quando era para a ceifar metiam dez ou doze a ceifar, que [o que havia para ceifar] era pouca coisa. Tinha só um senhor lá.

E também tinha aqui salinas, tinha salinas em dois lados, no sítio que chamam Samoucais, talvez oitocentos metros aqui de Castro Marim, do outro lado dum esteiro largo, com dez ou doze metros de largura. E aqui ao cais também tinha ali salinas.

E tinha terrenos no Azinhal, que a mulher era do Azinhal.”

^b “Quando eu nasci já ela lá existia. Fizeram a plati-banda... a platibanda pode ter os seus sessenta anos. Porque aquela planta que puseram ali foi para enfeitar a frente da casa. Taparam uma janela, fizeram uma janela sem estar... e tem um curral onde prendiam o gado, e tem um palheiro de palha, do doutro lado, e tem uma casa de habitação pequena, ali... e também tem lá um forno de pão. E mais tarde um caseiro, este que lá esteve em último, cozia lá pão. E tem um alpendre em frente onde tinha o carro da água e essa coisa toda... um carro com água para os animais e para o resto da casa. E tinha o moinho. O moinho moía para várias pessoas que quisessem moer, levavam o trigo ou o milho e moíam ali. Moía trigo e milho, também, e cevada...”

Quinta do Moinho (em primeiro plano) e Montinho Velho



^a Sobre a Quinta do Moinho

José António Nogueira Aquilino, Castro Marim, 1919

^b Sobre a casa da Quinta do Moinho

José António Nogueira Aquilino, Castro Marim, 1919



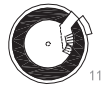
Quinta do Moinho

planta 1:500

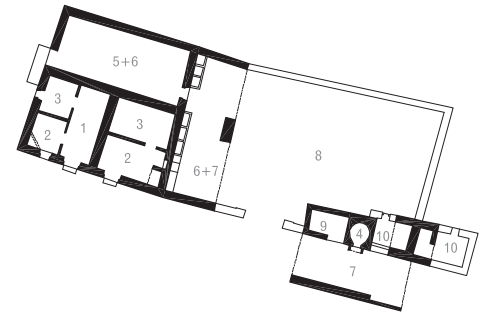
- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 forno
- 5 palheiro
- 6 ramada
- 7 alpendre
- 8 curral
- 9 galinheiro/coelheira
- 10 pocilgo
- 11 moinho de vento
- 12 eira

- Quinta do Moinho
- 1 vista geral
- 2 ramada
- 3 chaminé e platibanda
- Montinho Velho
- 4 vista geral
- 5 vista nascente

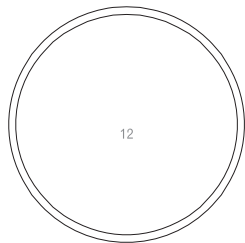
1, 2



11



3



12



° “Aquele [monte] lá em cima era doutro dono. Ali chamam o Montinho Velho. Era [um lavrador] fracote, naquele tempo tinha umas cabecinhas de gado... O terreno era só para o gado, que ele não cultivava ali porque os animais iam comer. Eu é que uma vez, um ano, semeei lá uma parte, aí com uns quinhentos metros de comprimento e duzentos de largura... semeei uma parte de trigo. Para cultivar era um tanto: de cinco molhos que a gente apanhava era um para ele. E ele vivia do gado. Caseiros? Ele não tinha para viver tão pouco como é que podia pôr lá caseiros... Pois ele vivia lá na casa e até os filhos trabalharam três em minha casa e as filhas também trabalharam duas, aceifando, amondando e tal.

Tem habitação, tem ramada e palheiro, tem tudo...”

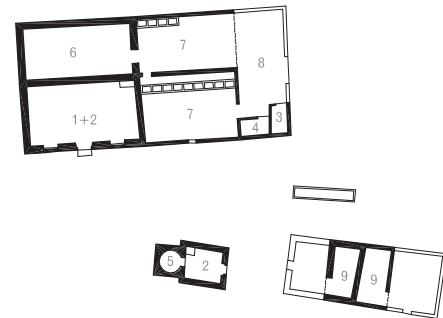
° Sobre o Montinho Velho

José António Nogueira Aquilino, Castro Marim, 1919

Montinho Velho

planta 1:500

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de despejo
- 4 instalação sanitária
- 5 forno
- 6 palheiro
- 7 ramada
- 8 curral
- 9 pocilgo



4

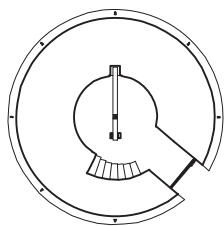


5

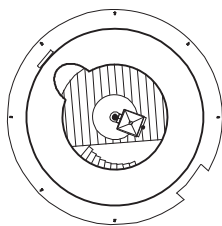


moinho de vento
plantas e alçado 1:200

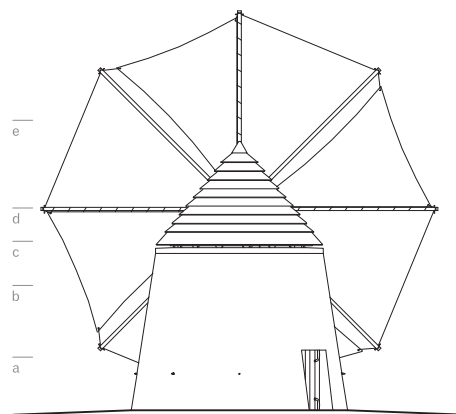
- 1 moinho de Bengado
- 2 moinho da Corte Nova
- 3 moinho da Quinta do Moinho
- 4 moinho da Figueirinha
- 5 mastro e entrosga
- 6 mós



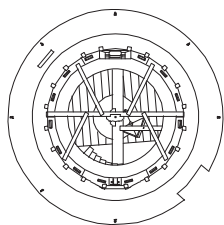
planta a



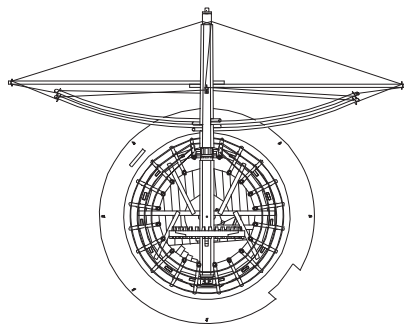
planta b



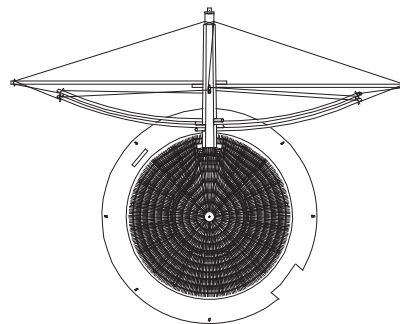
alçado



planta c



planta d



planta e



1



2



3



4

O moinho de vento

A actividade dos moinhos de água era alternada, no período de estio, com a dos moinhos de vento. Estes aparecem muitas vezes em conjuntos de dois ou mais, especializados no tipo de cereais que moíam, consoante se tratasse de farinha para os animais ou para as pessoas. Em muitas circunstâncias o proprietário de um moinho de vento era também proprietário de um moinho de água. Os moinhos de vento da zona do Baixo Guadiana integram-se dentro da tipologia genérica dos moinhos de vento fixos de torre⁴⁵, com sistema de tracção por meio de corda ou vara lançada ao focinho do mastro que faz girar o tejadilho, tradicionalmente em palha de centeio. Comportam ainda uma característica específica que decorre da existência de duas “pontes”, estando o veio de cima, que transmite a rotação do carrete à mó, dividido em duas partes independentes ligadas por um lobete, permitindo a remoção da mó sem necessidade de deslocação do carrete.

^a “Este, o de cima era para moer trigo, agora o do meio era para moer cevada, aveia, era o moinho preto, nesse tempo era o moinho preto. O moinho preto era o que moía aveia e cevada e isso... Agora o que moía só trigo chamava-se moinho branco.”

^b “Ali na Alta Mora, estavam ali dois moinhos de vento. Era um preto e outro branco. Chamava-se um moinho preto porque tinha as mós para moer só mistura e o moinho branco era só para moer a farinha de trigo. Os moinhos eram iguais, mas chamava-se moinho preto porque só moía a mistura. Mas uns estavam caiados e outros não estavam, era conforme os patrões punham. E havia outro onde está a Cruz. Íamos a moer a esses moinhos, que estão ao pé ali... onde chamam a Estrada. Quando houvesse vento moíam, quando não houvesse vento não moíam.

⁴⁵ Ernesto Veiga de OLIVEIRA; Fernando GALHANO, “Tecnologia tradicional portuguesa. Sistemas de moagem”, Lisboa, INIC/Centro de Estudos de Etnologia, 1983, 520, 1p.

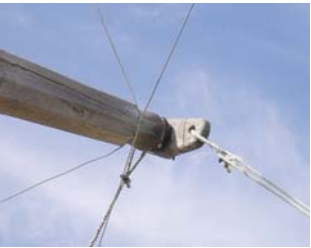
Passávamos uns trabalhos desgraçados: punhamos quatro ou cinco alqueirinhos em cima do burro, íamos lá, moíamos e vínhamos de volta aqui para o monte. Se o grão não era muito o moleiro moía logo, agora sendo o grão muito tinha que se esperar até que ele fosse moendo o que estava... não haveria de deixar o que estava para trás e ir moendo logo o nosso.”



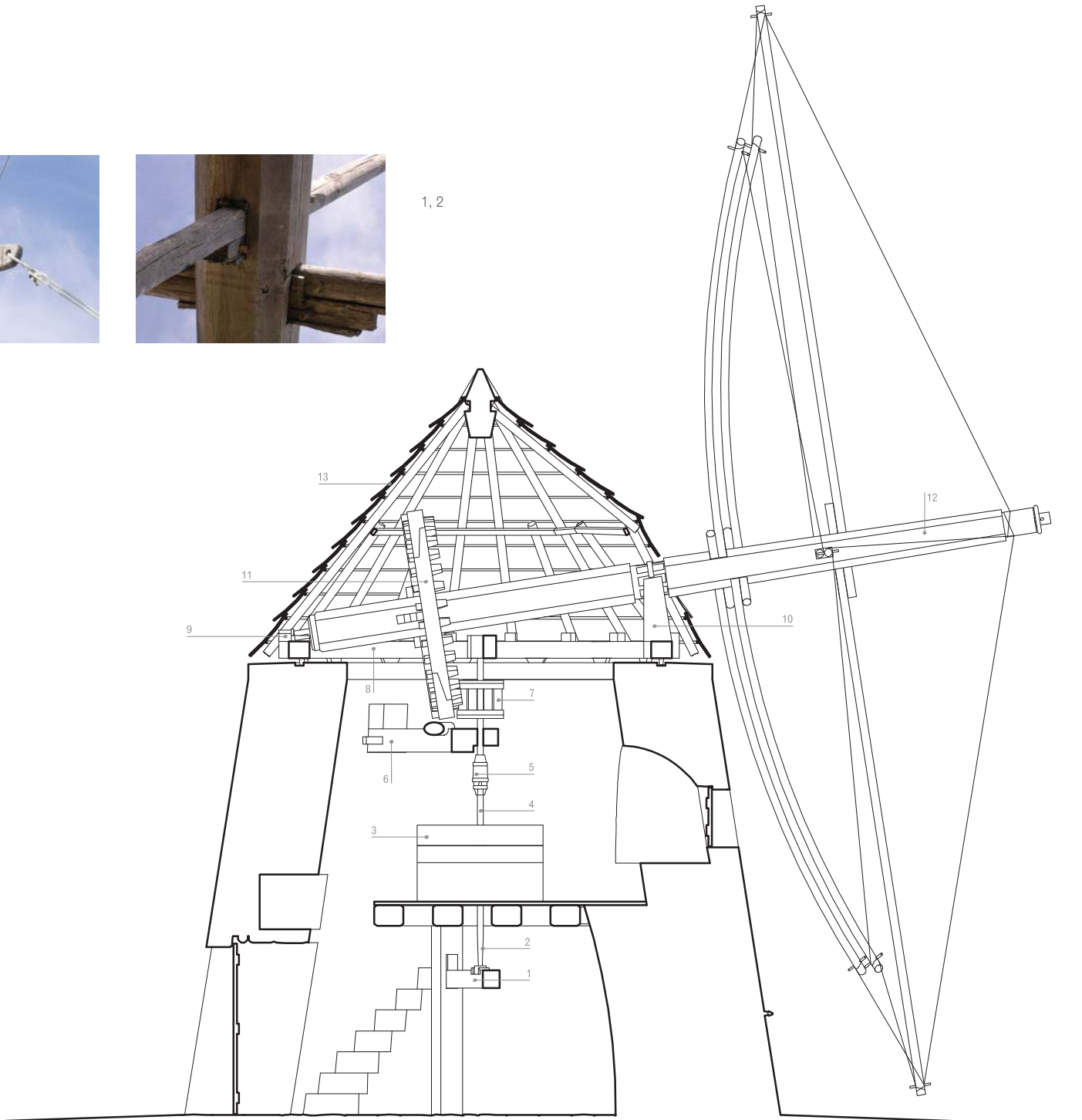
^a Sobre os moinhos de vento de Giões
Marília Santos Barão, 1924

5, 6

^b Sobre os moinhos de vento de Alta Mora
Serafim Rosa, Fortes, 1917



1, 2



moinho de vento

corde 1:50

- 1 urreiro
- 2 veio de baixo
- 3 mós
- 4 veio de cima
- 5 lobete
- 6 ponte de baixo
- 7 carrete
- 8 frechal
- 9 rabeira
- 10 chumaceira da frente
- 11 entrosga
- 12 mastro
- 13 cobertura de palha de centeio

3



4



- 1 mastro e trambolho
- 2 mastro e varas
- 3 entrosga
- 4 búzios ou buzinas
- 5 urreiro
- 6 mastro e entrosga

5



6



Santa Rita

localização dos fornos de cal

planta 1:2000



A cal

O monte de Santa Rita, localizado na freguesia de Vila Nova de Cacela, em zona abundante em matéria-prima, correspondia ao principal centro de produção de cal do Baixo Guadiana, onde terão existido cerca de uma dezena de fornos.

A distribuição da pedra de cal, para a zona oriental da serra, era feita através de transporte por barco, a partir de Vila Real de Santo António.

Em determinado momento inicia-se a produção da cal em fornos construídos na proximidade dos aglomerados dispostos ao longo da margem do Guadiana, utilizando, para isso, matéria-prima com a mesma proveniência da pedra de cal que até então era aí vendida.

^a “A cal iam buscar a Santa Rita. Sabe onde é Santa Rita? Lá é que iam buscar a cal. Iam buscar nos burritos e traziam em pedra e cá é que derretiam... derretiam em água e fazia-se em pó. Traziam umas sacas em cima da albarda do burro.”

^b “Ali à Fonte Salgada não estava também um forno de cal? Eu nunca fui lá a buscar a cal, mas parecia-me que ali... da Fonte Salgada para cá, parece-me que estava ali um forno de cal. No outro tempo a que se gastava, gastava... não se gastava nada, pois aí está a parede, está a prova que não se gastava. Eu não sei se ainda há cal se não, ainda haverá fornos de cal?...”

^a “Em Santa Rita faziam lá muita cal, conheci lá um forno que o dono dele era o Miguel de Santa Rita.”

^c “Dantes coziam a cal, vinham à pedra... até além onde está aquele armazém, vinham a buscar a pedra além nos carros e levavam, faziam os fornos de cal, coziam e depois levavam para Tavira, para aqui, para ali... Eu, por exemplo, tinha falta de cal, sabia o dia que coziam e ia buscá-la.”

^d “Traziam a pedra de Vila Real, que a pedra vinha em carros de besta até Vila Real e depois ali carregavam os barcos. A pedra vinha de Cacela, ali daqueles sítios. Aquilo é que era uma pedra que era própria para isso. E nos barcos traziam até aqui, e o meu pai tinha um forno aqui, tinha outro no Pontal, tinha outro lá em cima. E depois iam homens, pessoas daqui, a ganhar.

E os homens iam a empedrar os fornos. Nem toda a gente sabia empedrar, uns partiam, que as pessoas metiam-se lá dentro do forno, que aquilo era em cova. Depois quando tinham o forno empedrado, faziam uma capota, assim por cima, tapavam com barro e depois puxavam fogo, deixavam uma porta assim... metiam a lenha por ali. E eles já sabiam o sinal que dava quando a pedra estava cozida, e quando a pedra estava cozida tapavam a porta do forno e passados dois ou três dias iam a desenfornar. Iam os homens, que já aquilo não estava quente, a tirar a pedra, que era a pedra de cal. E logo ali vendiam, metiam-nas em bidões e ia para Mina de São Domingos.

No início, [o meu pai] trazia a cal, depois começou a fazer. Veio um homem lá de Cacela a ensinar e então aqueles homens aprenderam e trabalhavam para o meu pai. Já se deixou de fazer há muito. Há quantos anos é que o meu pai morreu?... E antes de morrer já havia anos que não se fazia isso...”



^{a,b} Sobre a cal que traziam para Vale da Rosa
Rafael António, Alcarias, 1921 e José António, Alcarias, 1928

^c Sobre a cal de Santa Rita
Maria Amélia Guerreiro Branquinho, Valongo, 1940

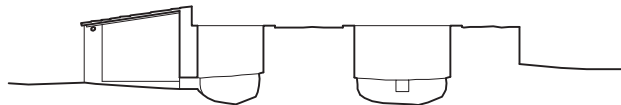
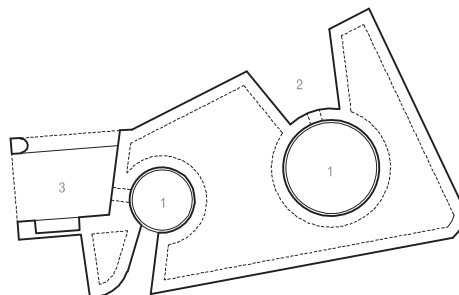
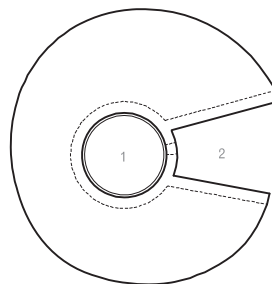
^d Sobre a produção de cal nas Laranjeiras
Lucinda Maria Feliciano, Montinho das Laranjeiras, 1923

Santa Rita

foros de cal

plantas e cortes 1:300

- 1 forno
- 2 acesso à boca do forno
- 3 alpendre de acesso à boca do forno



* “O forno era daquela pedra ali, porque aquela pedra é pedra que admite o fogo e não parte. Aqueles dois fornos fiz eu: escavava no chão, primeiro, e depois fazia a parede, à volta.

A pedra é diferente: a preta é para construir, a branca é para cair. A pedra preta e a branca ia-se a buscar a Altura, numa parte que se chamava Alcária, outras vezes era mesmo aqui à lezíria, à fazenda que está ao lado direito ao passar a ponte quem vai para Vila Real. Para a cal do enxofre⁴⁶, para a mina de S. Domingos, ia-se a buscar a Santa Rita. Essa levava mais uma noite a cozer: a branca e a preta levavam dois dias e uma noite e essa levava dois dias e duas noites, a cozer.

A pedra era partida e posta em volta daquela parte que está além e era feita em abóbada, a primeira fiada ficava como a abóbada de um forno de pão. Esses fornos grandes fazem uma altura grande... E depois era tapado com barro, agora a gente põe pedras, e depois então, quando às vezes chovia, podia-se deitar barro por cima para fazer o fogo mais seco. Mesmo as pedras da cal, punham mas não coziam, coziam só para aí por exemplo um centímetro e depois serviam para outra coisa. Depois pegava-se fogo e depois ia ardendo pouco a pouco, lentamente, e metendo-se lenha, ali por baixo, pela porta do forno. Tinha de estar aqui dois homens sempre.

A pedra tinha de estar um dia e uma noite para a arrefecer. Eu cheguei a acabar de cozer e tirar para fora logo. Tirava com alcofas em arame, e depois era pesada e embarcava para as obras.

A gente é que tinha de ver quando tem uma brasa: a cal da mina, como é mais clara, tem uma brasa mais viva; a pedra da cal branca tem outra brasa também mais viva; a preta é que é mais morta. A gente quando punha a pedra já sabia a brasa que era, que a gente é

⁴⁶ Enxofre. Refere-se à calda de enxofre e cal utilizada no tratamento das vinhas

⁴⁷ *Cistus sp.*

que tem que ver quando está cozida, não é às horas... Se houver muito vento leva mais tempo, se houver menos vento leva menos tempo.

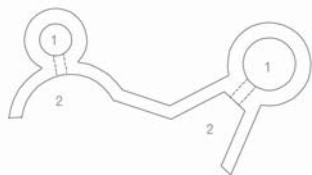
A pedra tirava-se à mão. Levava dia e meio, dois dias a arrefecer, e parte das vezes cozia hoje e tirava-se para fora... Eu cheguei a acender o cigarro com a mesma pedra com que mexia... tinha [nos dedos] anéis de arame para não me queimar... E era vendida em pedra, metia-se em bidões, e nas obras é que abriam.

Naquele tempo não havia estrada e ia tudo embarcado até Mértola e depois, ali dos lados de Mértola, vinham de Serpa, de Beja, de Moura a buscar ali a cal. Eram barcos que eu mandava daqui para lá. Cheguei a fornecer cal, obra, sal, eu sei lá... E quando não podia ir os meus, mandava os de fora... Havia um cais em Castro Marim, ainda está lá, e outro em Vila Real... A cozer quatro fornadas por semana: tinha este forno aqui, tinha outro ao pé da ponte da Esteveira, tinha outro ao pé da ponte de São Bartolomeu, que era muito maior.

A lenha [tinha-se de ir pondo] para não deixar apagar o fogo, tinha que estar ardendo sempre. Até da mina de S. Domingos vieram duzentas toneladas de madeira. Metia duas sulipas inteiras aí para dentro e quando essas estavam ardidas iam outras duas. Eram sulipas do caminho-de-ferro que eu comprei da Mina de S. Domingos, de quando acabou lá a mina. Agora a lenha... cheguei a ter aí cinquenta ou sessenta homens apanhando lenha o Inverno inteiro. Era lenha aí da serra: estevas, charaguaças⁴⁷, mato desse assim.

* Sobre a produção de cal no Montinho Velho
José António Nogueira Aquilino, Castro Marim, 1919

A



fornos de cal

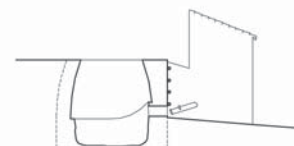
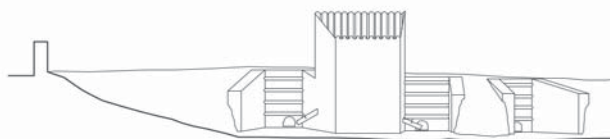
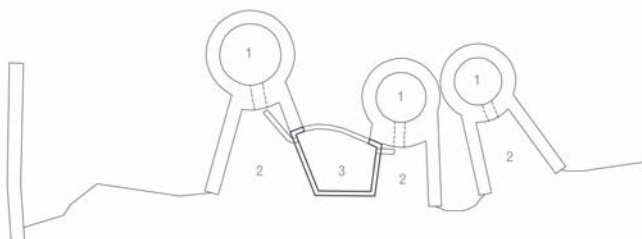
Montinho Velho e Quinta do Moinho

plantas e cortes 1:300

A Montinho Velho
B Quinta do Moinho

- 1 forno
- 2 acesso à boca do forno
- 3 depósito de cascas de pinheiro e de amêndoa

B



[O dono do monte era o dono dos fornos.] Eu é que cozia e pagava-lhe um tanto por cada fornada, pagava-lhe uma renda. Fizemos o forno ali como podíamos ter feito noutra lugar.”

^f “Há volta de 40 anos que deixei de trabalhar lá. Um meu sobrinho ainda trabalhou lá 4 ou 5 anos. E os do meu irmão é que ainda trabalharam até há 7 ou 8 anos... Tinham aquela casa onde tinha a casca de pinhão e amêndoa, que antigamente aquilo era do meu pai, e aquilo era para correr a casca de pinhão para a porta do forno, para meter com uma pá. Era coberto e por cima tinha uma porta... [As entradas dos fornos] era tudo coberto e tudo fechado...”

^f Sobre a produção de cal na Quinta do Moinho
José António Nogueira Aquilino, Castro Marim, 1919



1

fornos de cal

- 1 Montinho Velho, acesso à boca de um forno
- 2 Quinta do Moinho, tubo de descarga das cascas de pinheiro para a boca do forno
- 3 Quinta do Moinho, vista parcial do conjunto
- 4 Quinta do Moinho, acesso à boca de um forno

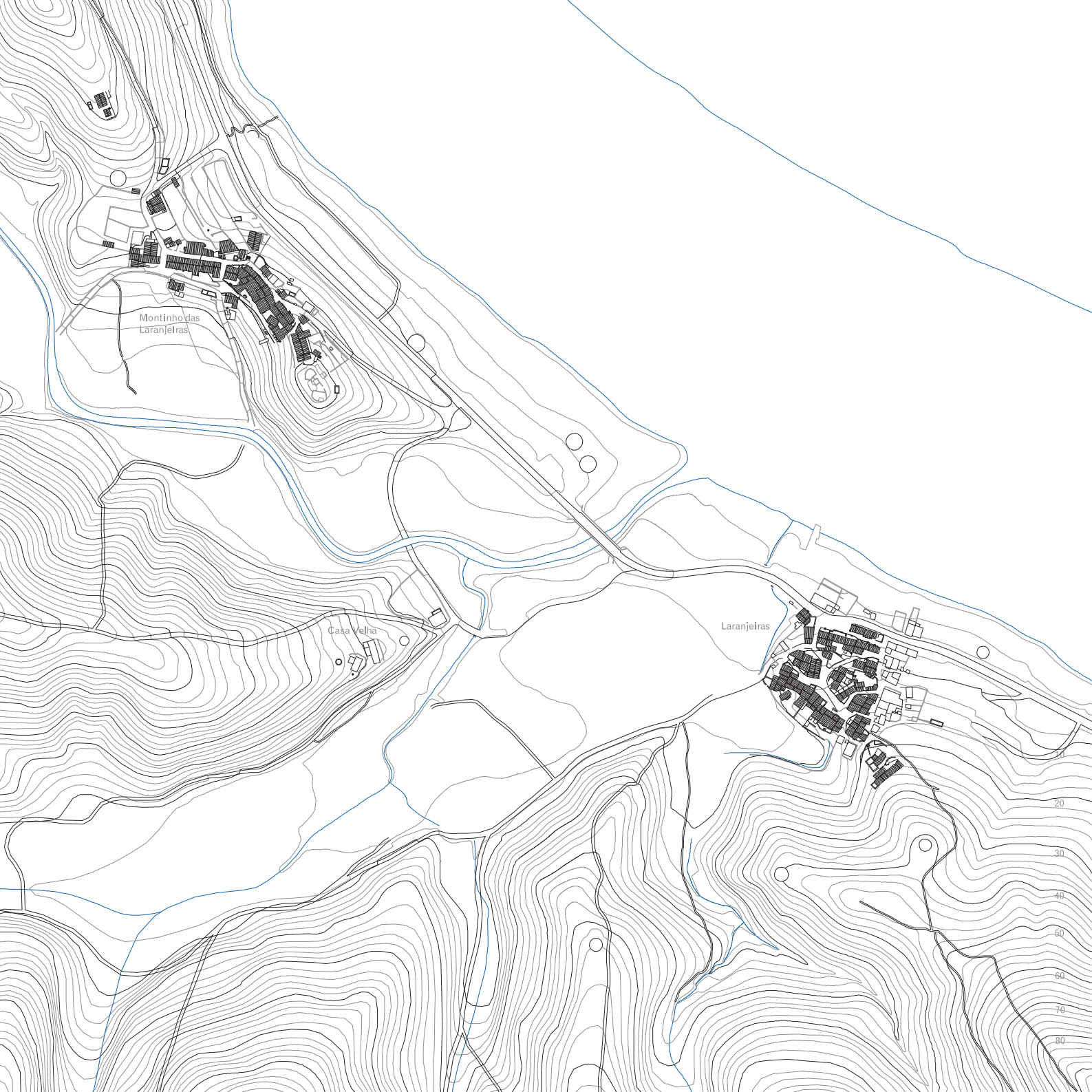


2, 3, 4



Montinho das Laranjeiras, Laranjeiras





Montinho das
Laranjeiras

Casa Velha

Laranjeiras

20
30
40
50
60
70
80

Laranjeiras/Montinho das Laranjeiras

freguesia de Alcoutim, concelho de Alcoutim

A confluência dos barrancos do Esteiro e das Laranjeiras, junto ao Guadiana, estrutura a disposição de dois aglomerados que, apesar de apresentarem características muito diversas, constituíram uma relação de interdependência e complementaridade marcada pela importância do rio como estrutura de comunicação.

O Montinho das Laranjeiras desenvolve-se linearmente em zona de portela, na margem esquerda do barranco, sendo reconhecido como monte de lavradores, correspondendo a um núcleo de populações vocacionadas para as actividades agrícolas. No outro lado, ocupando uma pequena elevação, as Laranjeiras constituem um monte de barqueiros e pescadores, disposto em perímetro aproximadamente circular. O conjunto evoca, deste modo, os assentamentos constituídos por dois núcleos próximos, um de lavradores e outro de pequenos proprietários agrícolas, existentes no interior serrano.

O Montinho das Laranjeiras e as Laranjeiras poderão ser entendidos como integrantes num conjunto mais abrangente, constituído ainda por Guerreiros do Rio, Álamo e Foz de Odeleite, dotado de afinidades evidentes e de estruturas que, localizadas num monte, serviam de algum modo os outros quatro.

^a “Quer ouvir esta? O Montinho caladinho, Laranjeiras carcachada, os Guerreiros o bombom, o Álamo rosa encarnada. Isto é um verso... fiz eu, pode levar apontado. Isto são os montes que estão ao pé uns dos outros. Carcachada é a gente aqui que ríamos mais do que eles se riam lá, e os do Montinho eram mais caladinhos.”

^b “Antigamente havia aqui... no Guadiana, talvez aí para cima de cento e tal pescadores. Aqui, só vivíamos da vida do rio. Era transporte de mercadorias que dava

acesso a essas povoações, aqui da freguesia, ali do Pereiro, vamos lá, até Martinlongo, que vinham com os burros porque ainda não existia a estrada ali em cima, a Estrada Nacional, e que vinham embarcar aqui nos barcos, aqui às Laranjeiras. E daqui eram transportados para Vila Real de Santo António. Existiam barcos à vela, antigamente, talvez cerca de uns vinte ou trinta barcos desses a fazer o transporte para Vila Real de Santo António. Isso acabou para aí à volta de sessenta e quatro, sessenta e cinco.

O que dava esse movimento aqui era as Minas de São Domingos, é que faziam com que existisse este movimento, e talvez... não haver a estrada lá em cima. E depois acabaram os barcos à vela... Mas na altura havia os barcos à vela que faziam o transporte para Vila Real de Santo António e havia os pescadores do rio, que existiam em mais quantidade, que hoje há dois ou três pescadores efectivos aqui no Guadiana. Só ali do Pomarão para cima é que pode haver mais uns quantos.

Laranjeiras e Montinho das Laranjeiras, vista geral nascente



^a Sobre o conjunto dos montes do Guadiana
Maria Custódia Raimundo, Álamo, 1931

^b Sobre as Laranjeiras e o rio
Emídio Marcos Colaço, Laranjeiras, 1947

1



2



Laranjeiras

- 1 antiga ramada
- 2 casa com sobrado (à direita)
- 3 casas de despejo/celeiros (à direita) e habitação (à esquerda)

Mas aqui, os que fazem aqui a pesca sou eu e mais um moço ou dois ali nos Guerreiros, todos eles aposentados. Pescadores, dantes, aqui nas Laranjeiras, havia: era o meu pai, o Frederico, três... aqui existiam quatro, ali nos Guerreiros do Rio eram talvez uns dez ou doze, ou mais. Nos Álamos, também existiam um ou dois. Na Foz de Odeleite também existiam quatro ou cinco. Em Alcoutim, também havia cinco ou seis.

Uma parte conciliava com a agricultura, porque normalmente quase todos têm assim um bocadinho para semear uma hortazita, mas pouco. Eu herdei o barco, que ainda era do meu pai, onde eu fui criado, e tenho-o mantido.

Apanhava-se o mujo, o barbo, a saboga, o sável, a lampreia, o robalo, a enguia, o linguado, a corvina. Chamavam-lhe a pesca da colher... era um barco, eram postos dois paus assim à popa do barco e ia-se pescando contra a margem. Quando batia na margem, levantavam aquilo e o peixe ficava dentro daquela rede.”

° “Ali é a Casa Velha. Além naquela Casa Velha também havia um... chama a gente um palheiro desses bicudos. Também havia além, não sei se ainda há além os alicerços dele se não, mas desconfio que já não. Casa Velha porque aquilo era dum senhor, antigamente, que vivia além e era uma casa só, e era a Casa Velha. Aquele além é o Montinho das Laranjeiras, aqui é as Laranjeiras e além era a Casa Velha. Era um lavrador que vivia ali, e depois os filhos deram a fazer e depois os netos. Era um lavrador grande, antigamente, mas já não me lembro, eu não conheci isso... já nem conheço os filhos, conheço os netos e agora os bisnetos já não conheço.”

° Sobre a Casa Velha

Lucinda Maria Feliciano, Montinho das Laranjeiras, 1923

° Sobre o sítio arqueológico do Montinho das Laranjeiras

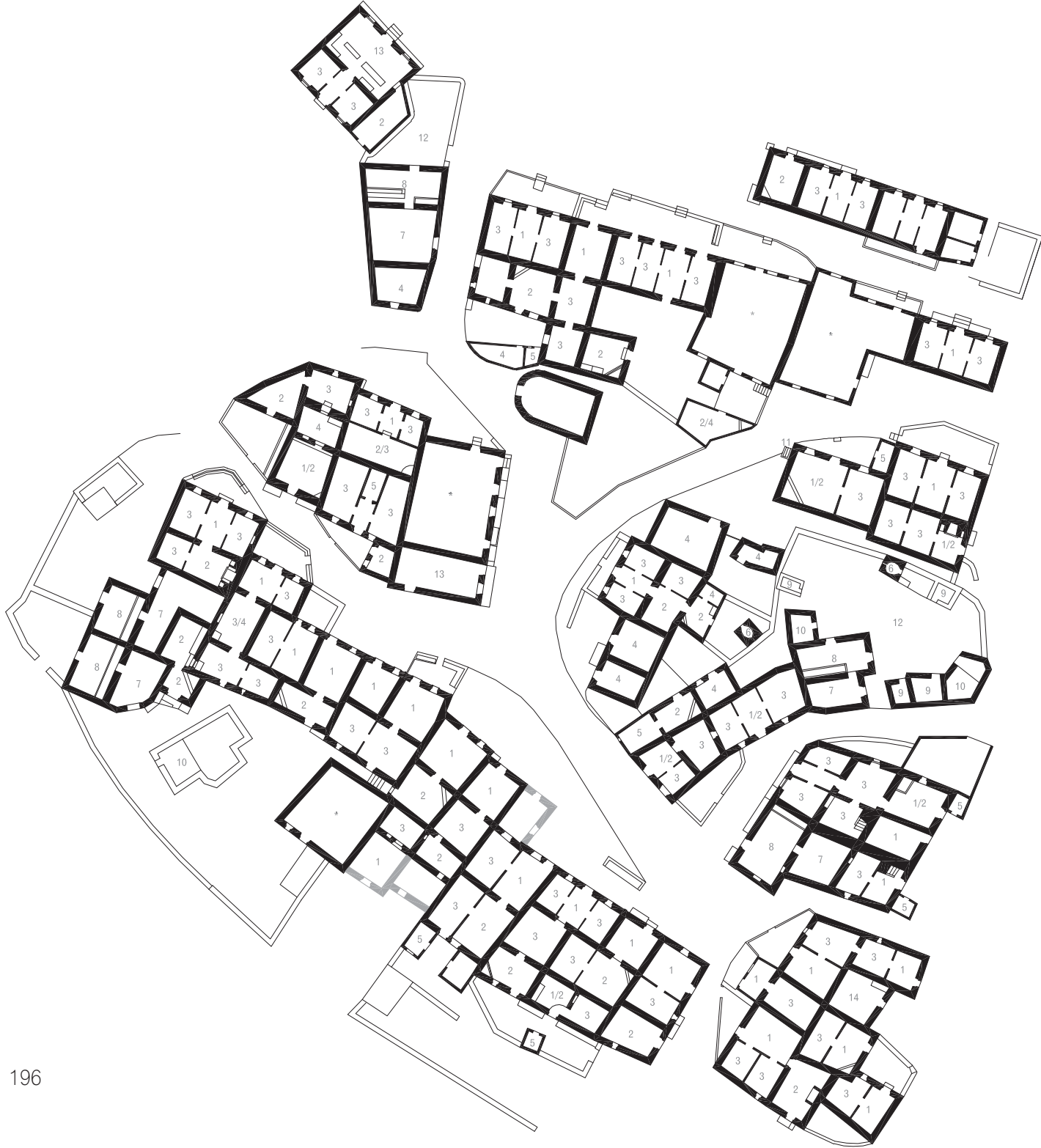
Lucinda Maria Feliciano, Montinho das Laranjeiras, 1923

d “Antigamente, eu não me lembro disso, o meu pai é que contava, quando ele era pequeno com certeza, que aqui havia sempre cheias, quando chovia havia sempre cheias. Mas as cheias umas vezes passam e raspam a terra e outras vezes não, outras vezes deixam entulho. Mas aquele ano veio uma cheia tão grande, que raspou. Apareceram ali as “catacumbas”... em pedra. Onde apareceu uma pedra, uma pedra “marme” com uns dizeres, ali.

Mas nesse tempo ninguém sabia ler por aqui, veja lá os anos que há. Estavam aquelas pedras ali e uma pedra tinha ali uns nomes, e ninguém sabia o que era. Tiveram que dar parte às autoridades, a Alcoutim, e então depois veio uns senhores de Lisboa num barco que se chamava a Catalina, um barquinho pequeno. Então os senhores tiveram vendo e olhando e... olha juntou-se ali muitas pessoas e o senhor leu para que toda a gente ouvisse, que aquilo que está ali era uma pedra que estava numa sepultura, aquilo era dos romanos, e aqueles dizeres era Carolina Augusta. E essa pedra está no museu em Lisboa.”

3





Laranjeiras

planta de conjunto 1:500

- 1 casa de fora
 - 2 casa de fogo
 - 3 casa de dentro/quarto
 - 4 casa de despejo/celeiro
 - 5 instalação sanitária
 - 6 forno
 - 7 palheiro
 - 8 ramada/cabana
 - 9 galinheiro/coelheira
 - 10 pocilgo
 - 11 fornalha
 - 12 curral
 - 13 taberna
 - 14 casa do caldeireiro
- cinzento: ruína

*levantamento não realizado

- 1 Laranjeiras, boqueirão
- 2 Laranjeiras, vista geral
- 3, 4 Laranjeiras, habitações

2



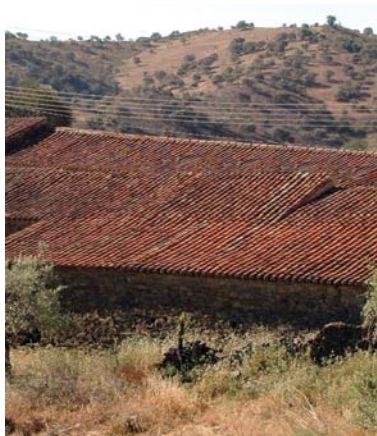
3



4



1



1



2



3



4



5

- Montinho das Laranjeiras
- 1 coberturas
 - 2 habitação e forno
 - 3 vista geral, de nascente
 - 4 vista geral, de sul
 - 5 habitação e forno
 - 6 vista geral, de norte

⁴⁸ Preia-mar

^d “Isto teria começado por um casal. Instalou-se aqui. Isto era tudo ligado à família, depois viria outra família, que isto era tudo de duas famílias ou três. Três famílias: eram os Ribeiros, seriam aqui os Cavacos, e eram os Bentos também. Depois eram os filhos, depois eram os netos. Aqui os Bentos devem ser os mais antigos. E os Henriques eram também aqui do monte. Isto era o monte dos lavradores. Além não havia, além eram os barqueiros, eram os dos barcos.”

^e “Antigamente não era além o cais, era aqui, porque a Guarda Fiscal estava aqui, era aqui. Muita gente dali vinha trabalhar para aqui, estes daqui matavam a fome ali a muita gente, e vinham doutros montes. Isto era o monte dos lavradores. Vinham apanhar azeitona, vinham... As casas que haviam é isso que está aí mais ou menos.”

^d “Aqueles ali viviam do rio, havia um ou dois que tinham fazendas que viviam também do campo. Além havia muito mais famílias. Eu vou-lhe a contar: Havia aqui um lavrador, que era bisavô aqui deste senhor, que era o Tio António Joaquim, nesse tempo, era dos quarenta maiores do concelho, do distrito. Ia de todos os quinze em quinze dias a Tavira. Tinha uma éguinha própria, porque sem a ordem deles... Isto seria no princípio do século [XX] talvez. Só havia tribunal em Tavira e de quinze em quinze dias tinha que ir com a sua éguinha, não havia [estrada]... era caminho de pé posto, tinha que ir às audiências.

A estrada foi feita há volta de uns dezoito anos. Dantes chegava-se de barco. Vinha-se pelo rio. Até as pessoas de fora, aí de cima de Martinlongo, vinha tudo aqui, que não havia estradas. Além tinham barcos, eram pescadores, iam com a gente a Vila Real, faziam carreira para Vila Real, para Mértola, para transportarem as mercadorias, para transportarem tudo. Era

o adubo, era o sal, era tudo. Precisavam de fazer uma casa, as telhas. Vinham as pessoas de Martinlongo. Compravam os ovos que as galinhas põem e logo iam no barco a Vila Real, a vendê-los a Vila Real. Negociavam. Azeitonas. Faziam pintos, levavam-nos, levavam as galinhas.”

^e “As pessoas vinham de Martinlongo, de Giões, desses montes aí em cima, até aqui vinham de burro, ou um macho, ou uma égua. Saía o barco daqui, do porto. E andava também um barco aí com o correio.”

^d “Eram duas pessoas, um dia iam para Vila Real, outro dia vinham para cima. Para as pessoas aqui nas Laranjeiras havia dois barcos, no Álamo havia barcos, nos Guerreiros. Barcos de dez, doze metros de comprimento, a remo e à vela. Quando não havia vento iam a trabalhar. Demorava [a chegar a Vila Real] aí umas seis horas, era conforme a maré, aquilo era mais ou menos a conta da maré, abalavam daqui ò pré-mar⁴⁸. Se houvesse bom vento chegavam antes. A estrada é que matou isto. A estrada, mas não esta, quando esta se fez já os barcos estavam assim... Foi quando fizeram a estrada de Mértola. Eu era pequeno quando eles andavam fazendo essa estrada, foi tudo a pico, um homem cavando.”

6



⁴⁸* Sobre o Montinho das Laranjeiras

Carlos Francisco, Monte do Cerro dos Balurcos, 1939

José Francisco (José Bento), Montinho das Laranjeiras, 1924



1

Montinho das Laranjeiras

planta 1:500

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 casa de dentro/quarto
- 4 casa de despejo/celeiro
- 5 casa de despejo/casa do azeite
- 6 instalação sanitária
- 7 forno
- 8 palheiro
- 9 ramada/cabana
- 10 alpendre
- 11 galinheiro/coelheira
- 12 pocilgo
- 13 fornalha
- 14 casa do sapateiro

Famílias

- Ribeiro
- Santos
- Henriques
- Patrocínio
- Bento
- Cavaco

Montinho das Laranjeiras

- 1, 2 rua voltada a sul
- 3 vista de sul, com o posto da Guarda Fiscal à esquerda, em cima

⁴⁹ Pessoas contratadas por tarefa ou temporada

⁵⁰ zagal, ajudante subalterno do maioral

f “Além é que é de lavradores, o Montinho. Não eram grandes, governavam-se, colhiam o seu pãozinho para o ano, o seu azeitinho. Matavam um porquito. Tinham gente de fora a trabalhar.”

g “Ganhões⁴⁹, chamavam-lhe o ganhão.”

f “O Ganhão era para lavar e o moiral para as ovelhas, e o azagal⁵⁰, que era o moço que ajudava o moiral, quem tinha o rebanho grande. E quando é na altura delas terem os borregos ia um de casa, que sempre havia um filho ou dois, ia então um bocado a ajudar por causa dos borregos. Há uma que tem borregos, fica para trás e depois o borrego não anda, e depois há que levá-lo ao colo.

Além só havia... três ou quatro famílias, só. Era os lavradores dos Baltasares, logo eram os Bentos e os... Cavacos, e eram os Bentos e eram os Ribeiros. Aqui havia mais.”

g “Eles além tinham-se por ser ricos e aqui eram os pobres. Eles tinham muita fazenda, mas a fazenda são esses cerros que está por aí agora tudo abandonado.”

⁴⁹ Sobre o Montinho e os lavradores do Montinho

Ilda Vaz da Palma Graça, Laranjeiras, 1928

Maria Ivete Vaz da Palma, Laranjeiras, 1936



2, 3

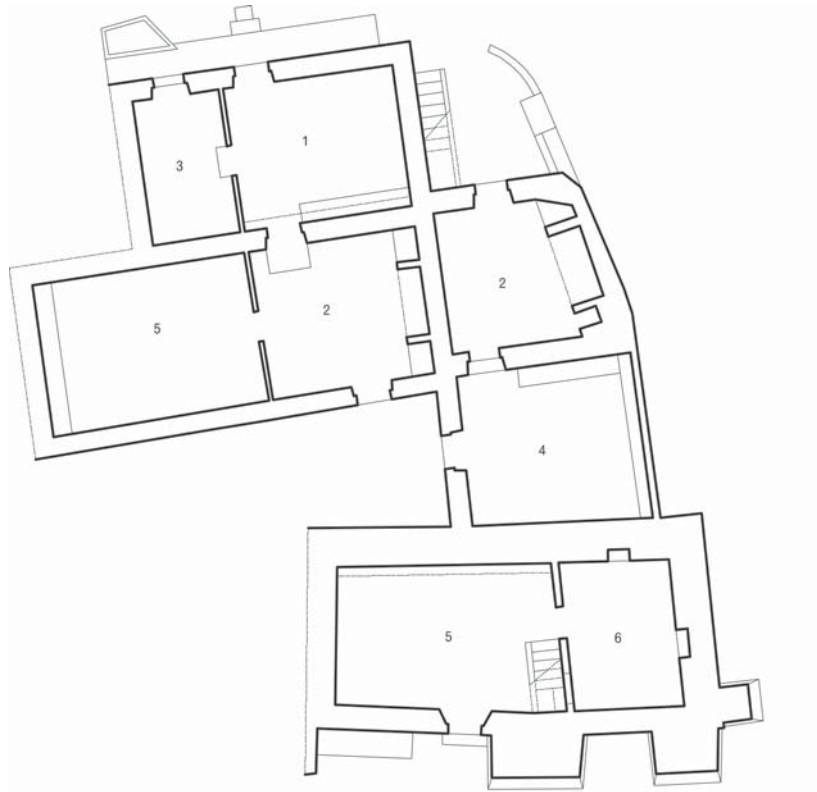
Montinho das Laranjeiras

casa com sobrado (reconstituição da situação original)

planta, cortes e alçados 1:200

- 1 casa de fora
- 2 casa de fogo/cozinha
- 3 quarto
- 4 casa de despejo/salgadeira
- 5 casa de despejo/celeiro
- 6 função original não identificada

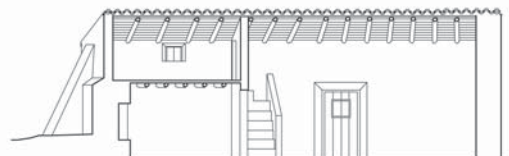
* as células 5 e 6 integravam um conjunto edificado familiar de maiores dimensões



planta



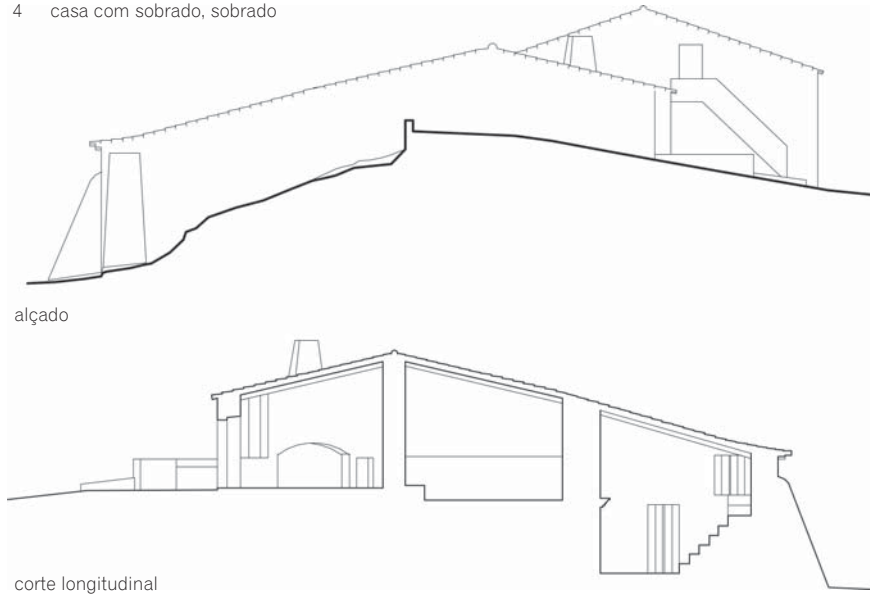
alçado principal e corte transversal



1

Montinho das Laranjeiras

- 1 casa com sobrado, contrafortes
- 2 casa com sobrado, escada de acesso ao sobrado
- 3 casa com sobrado, mulheres bordando no sótão
- 4 casa com sobrado, sobrado



alçado

corte longitudinal

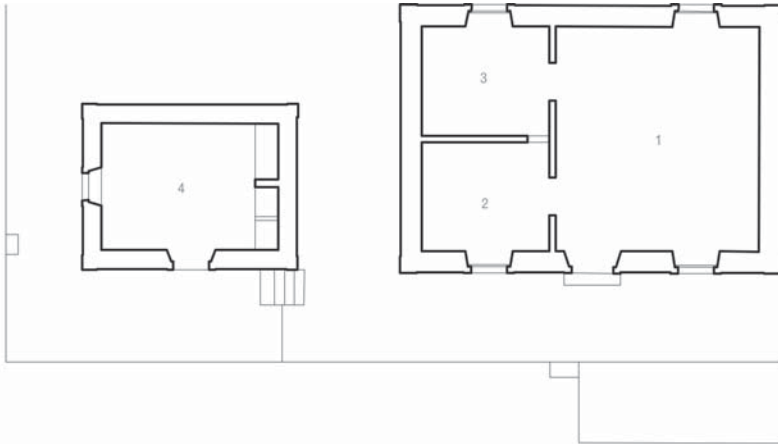


2



3, 4





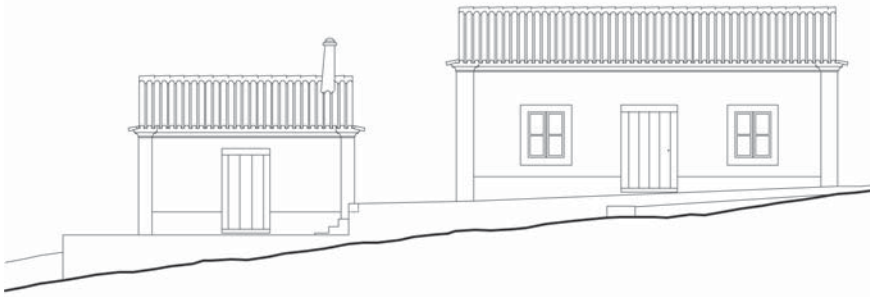
planta

Montinho das Laranjeiras

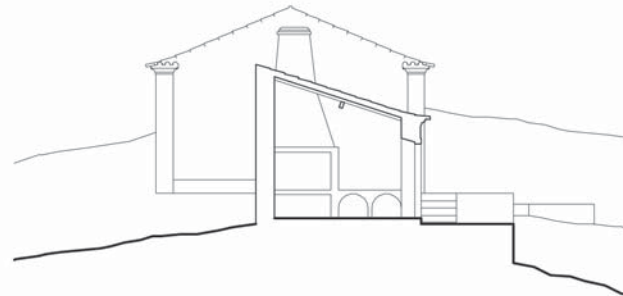
posto da Guarda Fiscal

planta, alçado e cortes 1:200

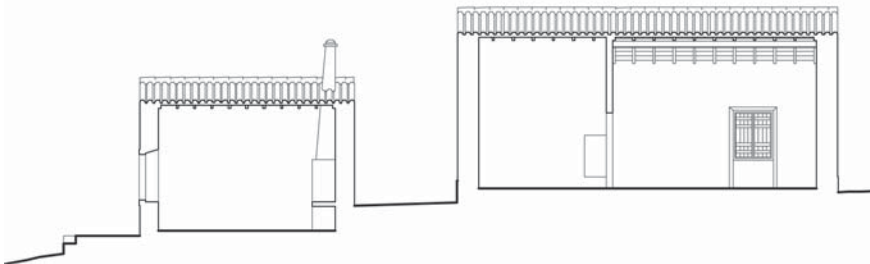
- 1 caserna
- 2 gabinete do comandante
- 3 arrecadação
- 4 cozinha



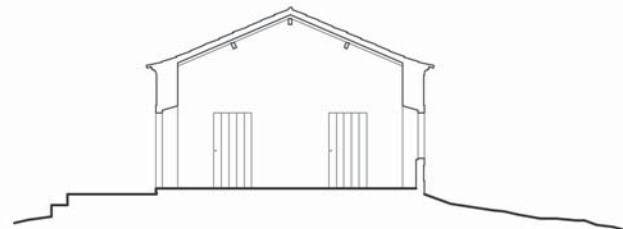
alçado principal



corte transversal



corte longitudinal



corte transversal

O posto da Guarda Fiscal

Ao longo do rio Guadiana sucediam-se os postos da Guarda Fiscal na proximidade dos aglomerados ou em posição isolada, correspondendo a um projecto tipo, com pequenas variantes, que organizava dois edifícios próximos: o edifício principal de duas águas e a cozinha dissociada com uma água apenas. No Pontal, no entanto, e apresentando uma tipologia que parece denunciar uma evolução daquela, o respectivo posto é constituído por um edifício único, com a cozinha integrada e corredor central.

^a “Entrava-se para a caserna onde estavam as camas. Ao lado, aqui da esquerda, era o gabinetezinho do comandante do posto, do cabo e tal.

Eram cinco soldados e um cabo: [os soldados] dormiam todos na caserna, o cabo tinha um quarto para ele, o gabinete, e o outro era arrecadação. A casa de baixo era a cozinha. Cada um desenrascava-se, fazia pra si, tínhamos o fogareiro a petróleo, vá. A casa já foi feita há muito tempo e fechou há para aí vinte e tal anos. Desde que isto entrou na CEE, portanto, as fronteiras... Depois do 25 de Abril ainda funcionou aí uns tempos.

Onde havia postos da Guarda Fiscal é que podiam atracar os barcos. Por exemplo: os barcos das Laranjeiras tinham que estar fundeados, ali. Guerreiros, Foz [de Odeleite], o Álamo controlado pelo posto do Barranco das Pereiras, é um posto que está ali sozinho. Havia sempre ali um guarda de serviço.

O melhor guarda-fiscal é aquele que foi contrabandista. Era... agora já não existe nada disso. Porque o que foi contrabandista, sabia as manhas todas. Eu nunca vi nenhum gajo desses, tinham receio de mim, nunca me apareciam. Nem só o que apanha contrabando é bom guarda-fiscal. Aqui também era uma coisa fraca. Agora aí da Foz [de Odeleite] para baixo, sim, aí já era barcos

carregados. Havia uma estrada ali em Espanha já com mais movimento. Aqui havia contrabando mas era mais fraco. Eu vim para este posto em sessenta e dois, vim primeiro para o Pontal e depois vim para aqui.”

^b “Naquele tempo havia aqui muito posto. Todos esses postos que há à beira do rio tinham todos seis ou sete [efectivos]. Havia uns que tinham quatro e o cabo e havia alguns que tinham seis e o cabo. Se o posto era de primeiro cabo e quando eram de primeiro cabo já tinham mais. Naquele tempo era de segundo cabo e de primeiro cabo. Aquele do Pontal tinha sete e o cabo, oito. O posto era quase tudo igual.

O do Pontal tinha uma entrada pelo lado de trás e tinha outra pelo lado da frente. Este só tinha uma entrada. É porque no posto do Pontal, antigamente... tinha lá uma cavaliça pelo lado de trás, tinha cavalos para maiores distâncias, e era por isso que o posto tinha mais efectivos. Julgo que fosse isso.”

Montinho das Laranjeiras, posto da Guarda Fiscal

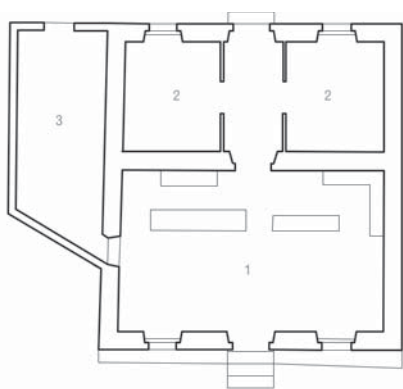


^{a,b} Sobre os postos da Guarda Fiscal e sobre o posto das Laranjeiras
Carlos Francisco, Monte do Cerro dos Balurcos, 1939
Manuel Afonso, Monção do Minho, 1927

Laranjeiras
taberna

planta, alçado e corte 1:200

- 1 taberna
- 2 quarto
- 3 cozinha



planta



alçado principal



corte



1

Laranjeiras, taberna
1 interior
2 fachada principal

A taberna

As características específicas dos montes do Guadiana reflectiam a importância do rio no desenvolvimento de actividades próprias como a pesca ou aquelas decorrentes da interdependência com essa via de acesso e transporte. A taberna constituía um “centro” que servia as zonas próximas do interior e que funcionava como “entrepósito” de uma estrutura que integrava ainda barcos de transporte e alguns meios de produção, nomeadamente de cal.

^a “É a taberna mais antiga que há no concelho de Alcoutim. Já era dos meus pais e eu já tenho quase oitenta anos - já pode ver.

O meu pai tinha quinze anos quando fundou isto. Isto era uns caseiros já velhos e depois o meu pai fez esta casa aqui. Ele tinha ali uns armazéns, porque nesse tempo só se vendia aqui... os barcos à vela iam a buscar coisas a Mértola e a Vila Real e trazia-se e vendia-se aqui. Vinham os lavradores, as pessoas de Martinlongo aqui a comprar o sal, a comprar a cal, a comprar ladrilhos para fazerem casas.

O meu pai andava nos barcos, tínhamos três barcos, três barcos à vela, e deve ter fundado isto há cento e vinte, cento e trinta anos. O meu pai era Manuel Feliciano. E foi dos telefones primeiros que foi posto aqui no concelho de Alcoutim.

Os barcos acartavam tudo: sal, a pedra que ia para a Mina de São Domingos, o meu pai tinha negócios lá com a Mina, dos barcos dele acartarem as pedras, a cal, essas coisas todas. E então, está a ver, além... três mactros que estão aqui [como barrotos da cobertura], era dos barcos que acartavam a pedra para a Mina de São Domingos.

Os barcos iam a carregar a Vila Real e iam a desembarcar ao Pomarão, e do Pomarão iam então numas...

vagonas, porque não havia outras estradas nem nada.

As pessoas vinham aqui a um copo, contavam as suas histórias, sentavam-se aí na rua. O vinho trazia-se de Vila Real, nesse tempo aqui não havia.

Vendia-se tudo: vendia-se arroz, tomate, grão, vendia-se batatas nesse tempo. O açúcar, o arroz, o café. O pessoal comprava pouco, tinham hortas e semeavam essas coisas todas. Mas o pessoal aqui era assim, toda a gente tinha umas azeitonas e apanhavam azeitonas, britavam, pegavam numa canastra ou duas de azeitonas e iam a vender a Vila Real. Apanhavam uma maré - podiam chegar lá numa maré, a maré era seis horas - e depois ali iam a vender. Por exemplo: abalavam daqui à noite e dormiam lá nos barcos e de manhã alevantavam-se e iam a vender as coisas: galinhas, azeitonas, pessoas que tinham gado iam a vender os queijos, essas coisas que as pessoas criavam aqui. E logo à tarde quando a maré começava a encher vinham outra vez para cima.”

2



^{a,b} Sobre a taberna das Laranjeiras
Lucinda Maria Feliciano, Montinho das Laranjeiras, 1923



beira-telha



boqueirão



cabana



canha



casa de despejo



friso



moenda



pá



palheiro

Glossário

a

Albarda

Espécie de sela geralmente feita de estopa e cheia de palha que servia para resguardar o lombo das bestas de carga

Alcatruzes

Vasos ou jarros de barro que eram presos à roda de água da nora e com os quais se tirava a água do poço

Arramada

O m. q. ramada

b

Baraço

Atilho de fibras de palma torcidas usadas, nomeadamente, para prender as camadas de palha de centeio umas às outras e às varas de loendro na execução de uma cobertura de palheiro ou cabana

Beira-telha

O m. q. beirado com sub-beira de telha ou duplo beirado

Boqueirão

Vão do palheiro através do qual se colocava a palha e que adquiria frequentemente dimensões consideráveis, nomeadamente a dimensão horizontal. O boqueirão aparece por vezes a cota elevada, facilitando assim o enchimento completo do palheiro, estando frequentemente associado a um poial. As portas do boqueirão eram, geralmente, de madeira com gonzos de azinho.

c

Cabana, ou cabano

Construção em forma de prisma triangular,

com estrutura de caibros de madeira e cobertura de palha de centeio ou junco, por vezes assente sobre base de alvenaria de xisto, que servia como espaço de “despejo”, ramada ou abrigo de pastor

Canha

Mina de água na rocha

Casa de despejo

Compartimento de depósito de materiais, produtos e alfaías agrícolas

Casa de fogo

Compartimento ou edifício dissociado onde se fazia o fogo, no chão ou em “lareira”, com ou sem chaminé

Casa de fora

Compartimento a partir do qual se acede ao espaço interno da habitação, comportando funções sociais e de distribuição. Frequentemente, aparecem associadas a este espaço as funções de casa do fogo e espaço de dormir

Coveira

Num curral, designa a pequena divisão, geralmente coberta, onde eram colocados as crias das cabras - os chibos - após o nascimento

f

Forcado

Utensílio de madeira que consiste num cabo comprido que numa das extremidades acaba em dois “dentes” ou pontas e com o qual se empurra e arruma a lenha no forno de pão

Friso

Prateleira de lajes de xisto, frequentes nas

casa de fora ou de fogo, para arrumos

l

Lumieira

Localmente, o termo é usado para designar a padieira ou verga das portas

m

Manzeira

Peça de madeira constituída por um cabo longo à ponta do qual está preso por tiras de couro, para permitir o movimento rotativo, um outro mais curto e largo, que era usada para bater o cereal na eira, separando os grãos da espiga

Moenda

Conjunto de peças que constitui o engenho de um moinho

p

Pá

Utensílio de madeira, constituído por um cabo à ponta do qual está adaptada um lâmina ou colher, usado para colocar os pães no forno e retirá-los depois de cozidos

Palheiro

Compartimento ou edifício dissociado onde era armazenada a palha com que se alimentavam os animais. Quando associado à ramada assume a forma quadrangular, com um vão interno de acesso directo às manjedoiras e outro externo - o boqueirão. Na zona central da serra do Caldeirão, em especial, aparecem alguns exemplares de palheiro dissociado de planta circular e cobertura de palha de centeio - o palheiro bicudo - com apenas uma pequena porta de pouco mais de um metro de altura



pau de fileira



pilheira



poço de entrada



poial



quejeira



rodízio



rodo



valado



varredoiro

Pau-de-fileira

Trave de madeira que define a linha de intersecção das águas do telhado e onde assentam os topos superiores dos caibros

Picota, ou cegonha

aparelho de tirar água formado por dois paus: um vertical fixo no terreno e outro horizontal, que gira num eixo fixo na extremidade superior do primeiro, e na ponta do qual está suspensa uma vara delgada com um balde dependurado na extremidade inferior

Pilheira

Orifício ou cavidade nas paredes de alvenaria para arrumos.
Por vezes é executado com a integração de um jarro de barro na própria alvenaria

Poço de entrada

Tipo de poço que possui uma série de pequenos degraus que conduzem, através de um vão no respectivo muro, ao nível da água

Poial, pial ou pialão

Assento em alvenaria, existente quer no interior quer no exterior, com diferentes funções. Aparece frequentemente ao longo da fachada principal de um edifício, associado a um forno ou a um boqueirão

q

Queijeira

Espécie de caixa aberta superiormente e com pouca altura, com uma bica num dos lados, apoiada sobre três ou quatro pernas que, localmente, era utilizada para fazer o azeite ou o vinho.

Originalmente, e daí o nome, serviria para o fabrico do queijo.

r

Ramada

Designação local mais generalizada para o edifício dos equídeos e dos bovinos. Na zona mais próxima do litoral e em alguns montes de lavrador é também referido como cabana

Rodízio

Roda horizontal composta por um conjunto numeroso de palas de madeira, as penas, dispostas radialmente, constituindo o engenho motor de um moinho de água

Rodo

Peça de madeira composta por um cabo comprido na ponta da qual é presa uma pequena tábua transversa que tanto servia para retirar as cinzas de dentro do forno de pão, como para afastar os pães entre si quando estes começavam a cozer e ainda ajudar a colocá-los na pá quando estavam cozidos

s

Sétias

Nos moinhos de água, designa a conduta ou cano de madeira que dirige, obliquamente, a água para as penas do rodízio, fazendo-o girar

Sotão

Nos edifícios com sobrado, o sotão designava um compartimento inferior,

geralmente com funções de arrecadação ou despejo

t

Tamiça

Fibra de palmas usada para trançar formando cordas ou atilhos

Toucas

Farrapos de tecido que eram presos à ponta do varredoiro

v

Valado

Designa, localmente, um muro largo de alvenaria seca de pedra que servia como limite de propriedade

Varredoiro

Peça formada por um cabo de madeira comprido com farrapos de tecido, as toucas, presos na ponta e com o qual se varria e limpava o forno de pão

Bibliografia

AA/VV: "Arquitectura popular em Portugal", Ed. Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1961.

AA/VV: "Arquitectura popular dos Açores", Ed. Ordem dos Arquitectos, Lisboa, s.d.

AA/VV: "Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa", Ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2002

AA/VV: "Noventa séculos entre a serra e o mar", Ed. Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 1997.

BASTOS, Cristiana: "Os montes do Nordeste algarvio", Edição Cosmos, Lisboa, 1993.

CATARINO, Helena: "O Algarve oriental durante a ocupação islâmica - povoamento rural e recintos fortificados", Diss. Dout. F.L.U.C., 1997, in al'ulyâ, revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, nº6, 3 vols, Loulé, 1997.

CAVACO, Carminda: "O Algarve Oriental - As vilas, o campo e o mar". Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, Faro, 1976.

DIAS, Jorge e GALHANO, Fernando: "Aparelhos de elevar a água de rega. Contribuição para o estudo do regadio em Portugal", Ed. Publicações Dom Quixote, 2ª Edição, Lisboa, 1986.

FERNANDES, José Manuel: "Cidades e casas da Macaronésia", Ed. Faup, Porto, 1996.

FREITAS, Eduardo e FERREIRA, Vítor Matias (coord.): "A serra do Caldeirão - Roteiro sócio-cultural", Ed. In Loco, Faro, 1999.

LOURO, Estanco: "O livro de Alportel. Monografia de uma freguesia rural - concelho", Ed. C.M. São Brás de Alportel, Vila Real de Santo António, 1986.

LOPES, João Baptista da Silva: "Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve", Ed. Algarve em Foco, Faro, s.d.

MESTRE, Victor: "Arquitectura popular da Madeira", Ed. Argumetum, Lisboa, 2002.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim: "Construções primitivas em Portugal", Ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, "Arquitectura tradicional portuguesa", Ed. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim: "Tecnologia tradicional portuguesa. Sistemas de moagem", Ed. INIC - Centro de Estudos de Etnologia, 3ª edição, Lisboa, 1983

RIBEIRO, Orlando: "Geografia e civilização - temas portugueses", Ed. Livros Horizonte, 3ª edição, Lisboa, 1992.

RODRIGUES, Maria João M.; SOUSA, Pedro Fialho de; BONIFÁCIO, Horácio M. Pereira: "Vocabulário técnico e crítico de arquitectura", Ed. Quimera, Coimbra, 2002

VARANDA, Fernando: "Mértola no Alentejo. Tradição e mudança no espaço construído", Ed. Assírio & Alvim, sl, 2002.

apontamentos

Ficha técnica

título

Património rural construído do Baixo Guadiana
Patrimoine rural construit du Baixo Guadiana

edição

Odiana

coordenação gráfica e paginação

Stefano Malobbia

fotografia

equipa técnica de levantamento e registo

excepto páginas

12, 14, 16, 21², 22, 28¹, 38², 39², 41³, 42², 48, 54, 57, 61^{2/3/4}, 65³, 66^{3/5}, 68, 75,
81, 83², 86¹, 88, 94¹, 98, 105^{1/2}, 108^{1/2/5}, 112, 117¹, 118, 119, 121^{1/2}, 124,
129¹, 130¹, 132, 137, 140, 147^{3/4}, 156, 158, 159, 164, 171, 173¹, 174-179,
193, 199, 205

Helder Oliveira

produção

Editora do Guadiana, Vila Real de Santo António

impressão e acabamento

Grafica Comercial, Loulé

copyright © Odiana

edição 2004

ISBN

972.99686-1-6

Deposito legal

230822/05

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro nem o registo em sistema informático, transmissão sobre qualquer formas ou por quaisquer meios, sem permissão por escrito dos proprietários do registo do copyright

Odiana

associação para o desenvolvimento
do Baixo Guadiana

rua 25 de Abril, 1
apartado 21, 8950-909 Castro Marim
Algarve Portugal

telefone 281 531026

www.odiana.pt
odiana@mail.telepac.pt

Rural Med



Património rural construído do Baixo Guadiana
Patrimoine rural construit du Baixo Guadiana

Património rural construído do Baixo Guadiana

apoios



FONDO FINANCIAMENTO Y
RED DE CENTROS PARA
EL DESARROLLO RURAL
EN EL MEDIO RURAL

